



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

UM OLHAR SOBRE A DIMENSÃO EDUCATIVA DO CORDEL NA
GEOGRAFIA ESCOLAR:
RIMAS QUE ENCANTAM, VERSOS QUE ENSINAM

GIZELIA FERREIRA DA SILVA

CAJAZEIRAS – PB

2015

GIZELIA FERREIRA DA SILVA

**UM OLHAR SOBRE A DIMENSÃO EDUCATIVA DO CORDEL NA
GEOGRAFIA ESCOLAR:
RIMAS QUE ENCANTAM, VERSOS QUE ENSINAM**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Campina Grande, Campus Cajazeiras - PB, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. JOSUÉ PEREIRA DA SILVA

CAJAZEIRAS –PB

2015

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
André Domingos da Silva - Bibliotecário CRB/15-730
Cajazeiras - Paraíba

S586o Silva, Gizelia Ferreira da
Um olhar sobre a dimensão educativa do cordel na geografia escolar:
rimas que encantam, versos que ensinam. / Gizelia Ferreira da Silva.
Cajazeiras, 2015.
105f. : il.
Bibliografia.

Orientador (a): Prof. Dr. Josué Pereira da Silva.
Monografia (Graduação) - UFCG/CFP

1. Geografia e literatura de cordel. 2. Ensino de geografia. 3. Meio ambiente e literatura de cordel. I. Silva, Josué Pereira da. II. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU -911:398.51(813.3)

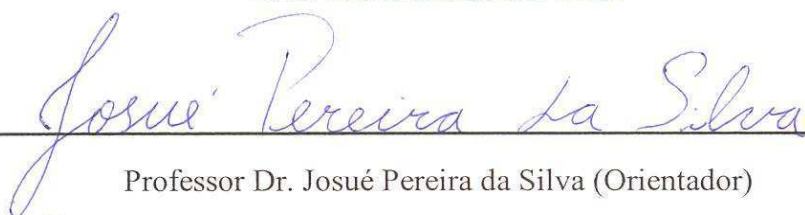
GIZELIA FERREIRA DA SILVA

**UM OLHAR SOBRE A DIMENSÃO EDUCATIVA DO CORDEL NA
GEOGRAFIA ESCOLAR:
RIMAS QUE ENCANTAM, VERSOS QUE ENSINAM**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal de Campina Grande, Campus Cajazeiras - PB, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Aprovado em 15 / 04 /2015

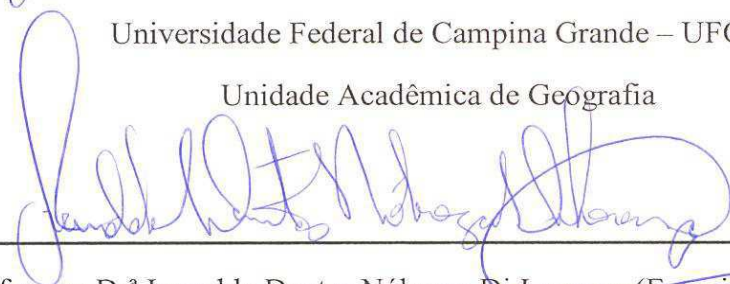
BANCA EXAMINADORA



Professor Dr. Josué Pereira da Silva (Orientador)

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

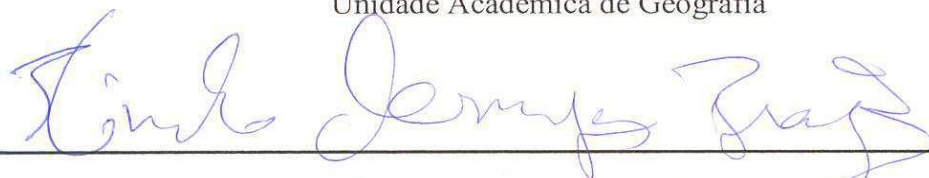
Unidade Acadêmica de Geografia



Professora Dr^a Ivanalda Dantas Nóbrega Di Lorenzo (Examinadora Interna)

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

Unidade Acadêmica de Geografia



Professor Me. Elinaldo Menezes Braga (Examinador Externo)

Universidade Federal de Campina Grande – UFCG

Unidade Acadêmica de Letras

A Deus, por revigorar minhas forças e guiar os meus passos. Tu és minha fortaleza, o refúgio onde encontro proteção e perseverança para prosseguir minha caminhada. Luz que ilumina meu caminho e me dá ânimo para recomeçar a cada dia.

Dedico

AGRADECIMENTOS

Agradecer é reconhecer o valor, de palavras e ações, que fizeram a diferença ao longo da caminhada.

Agradeço a meus pais, Genilda e Pedro, pelo amor, dedicação, incentivo e compreensão, os quais foram imprescindíveis no decorrer de toda a trajetória. Aos meus irmãos, Gleiciana e Reinaldo, sou grata pelo companheirismo, paciência e apoio, a minha tia Gizelda e meu primo Remer, pela atenção dedicada.

Agradeço as palavras amigas e de estímulo do meu avô Geraldo (*in memoriam*), ao Senhor Pedro (*in memoriam*), e o professor Augusto (*in memoriam*), com esforço e alegria, conseguir concretizar meu objetivo.

Meus agradecimentos a Valéria, Fabiana, Joane, Lucélia, Lucinha, Vera, Jaqueline e Francisca, pela amizade e pelas palavras de força e incentivo. Ao Bruno Abreu, que conheci no decorrer desta caminhada, cuja ajuda foi imprescindível.

À turma 2009.2, com qual compartilhei grandes momentos, vivenciando desafios e conquistas. Agradeço a Aline, Vanessa, Maíla, Juçara, Maria do Socorro e Adnaylor pelo companheirismo.

Maxsuela, sou grata pelas vezes que abriu as portas de sua casa para mim, agradeço a atenção da sua família e o seu apoio.

Suely, agradeço suas palavras de incentivo, sua ajuda e dedicação. Sou grata a Gilvanda e sua família pelo carinho e apoio. A Cícera, Rosana, Maria de Fatima, Cristiana e Myllena, agradeço pelos momentos de alegria e superação que compartilhamos.

Adriana Almeida, companheira e amiga, com palavras sábias nos momentos certos, agradeço a amizade.

Aos colegas Kaline, Avelino, Maglandyo, Joana Dark, Mismana, Lucine, Clenilda, Pierre, Israel e Ribamar, pelos bons momentos compartilhados.

Aos funcionários da Biblioteca e do CFP, na pessoa de Kellyane Moreira e Ana Lúcia, agradeço a atenção e dedicação. Aos professores do Curso de Geografia da UNAGEO/CFP, na pessoa do professor Dr. Josias de Castro Galvão, sou grata pelos ensinamentos e contribuições acadêmicas. Agradeço a escritora Nara Limeira pelo

apoio ao disponibilizar exemplares de folhetos, a Pamela Stevens, Neuzi Lima e a professora Dr^a. Maria Luiza Schwarz, pelas valiosas sugestões contribuindo para o desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço a professora Ma. Luciana Medeiros de Araújo por ter lançado a semente deste trabalho, o qual germinou graças às contribuições dos professores Me. Rodrigo Bezerra Pessoa e Me. Aldo Gonçalves de Oliveira e floresceu aos cuidados do professor Dr. Josué Pereira da Silva.

Agradeço aos professores Dr. Professora Dr^a. Iveralda Dantas Nóbrega Di Lorenzo e Me. Elinaldo Menezes Braga, pelas sugestões e contribuições, com a certeza de que estas serão de grande relevância para a pesquisa.

Ao professor Dr. Josué Pereira da Silva, sou grata pelas inúmeras vezes que, aflita, tu com poucas palavras me encorajastes a seguir em frente, vislumbrando novas possibilidades onde eu via o fim. Agradeço seu incentivo e sua paciência para me ouvir e aconselhar. Obrigada por acreditar em mim, seu apoio foi essencial para a concretização desse sonho.

Por fim, agradeço a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para a elaboração deste trabalho.

O cordelista é um excelente educador nato, inocente. Eu diria até o mais puro educador dos educadores, porque ele não tem o propósito de educar ninguém, mas educa.

(Manoel Monteiro – poeta popular)

RESUMO

Este estudo objetiva propor a utilização da literatura de cordel como instrumento didático-metodológico no ensino de Geografia. O cordel é uma literatura da poesia popular narrativa, rimada, impressa em livretos que difundem informações sobre diversos temas. Temas de cunho social e ambiental podem ser utilizados para a discussão e compreensão das categorias da Geografia, contribuindo para o processo de ensino e aprendizagem nesta disciplina. No decorrer da pesquisa, evidenciamos a possibilidade do estabelecimento de canais para a construção de novos saberes, através da interface entre o conhecimento escolar e o saber popular das narrativas. O objeto de estudo deste trabalho contempla quatro cordéis que tratam da temática ambiental analisando a sua importância na dimensão educativa, com outras produções científicas. Os temas apresentados nos cordéis foram contextualizados com os conteúdos escolares, referentes às questões ambientais. Correlacionando os textos dos cordéis aos conteúdos escolares foi possível apresentar e indicar propostas didáticas ao ensino de Geografia. A partir dos folhetos analisados, podemos evidenciar a dimensão interdisciplinar da poesia popular, sua potencialidade e viabilidade de uso em sala de aula, ao complementar e enriquecer as discussões dos conteúdos dos livros didáticos.

Palavras-chave: Ensino de Geografia – Cordel – Meio Ambiente – Interdisciplinaridade.

ABSTRACT

This work aims to propose the use of *Cordel* literature as a didactic-methodological tool for teaching geography. *Cordel* is a popular narrative and rimed poetry, about diverse themes, printed in booklets. Themes about social and environmental issues might be used for the discussion and understanding of the Geography categories, contributing to the classes of this discipline. During this study, we evidenced the possibility to create links between the school and popular knowledge in the construction of new knowledge. The object of this study was four *Cordel* booklets which address environmental issues, analyzed together with other scientific productions. Correlating the *Cordel* booklets with the environment school subjects, we pointed out didactic proposals for using this material. Our analysis highlight the potential and viability use of the popular poetry from *Cordel* booklets to complement and enrich the scholar textbooks and as a tool for interdisciplinary classrooms.

Key-words: Geography Teaching; *Cordel* Booklet; Environment; Interdisciplinarity.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Capa do folheto “ <i>Terra o nosso planeta pede socorro</i> ”	59
Figura 2: Organograma - Vegetação e Meio Ambiente	65
Figura 3: Capa do folheto “ <i>Aquecimento global o fim do planeta terra</i> ”	66
Figura 4: Organograma - Efeito Estufa e Meio Ambiente	71
Figura 5: Capa do folheto “ <i>O planeta água está pedindo socorro</i> ”	72
Figura 6: Organograma - Água e Meio Ambiente	79
Figura 7: Capa do folheto “ <i>O Cordel da Ecologia</i> ”	80
Figura 8: Organograma - Interações no Ecossistema	87

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Modelo de projeto aplicando o cordel como recurso didático	89
---	----

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

INTRODUÇÃO

1.1	Problematização, Justificativa e Hipótese	21
1.2	Objetivos Geral e Específicos	22
1.3	Aspectos Metodológicos	22
2	EMBASAMENTO TEÓRICO	24
2.1	Língua, Linguagem, Comunicação, Cultura e Identidade	24
2.1.1	- A Identidade Nordestina expressa na Literatura de Cordel	26
2.2	As categorias geográficas e a cultura	28
2.2.1	Região e Território no contexto da Cultura e Identidade	28
2.2.2	Espaço, Paisagem e Lugar no contexto cultural	29
2.2.3	As categorias da Geografia aplicadas na Literatura de Cordel	31
2.3	A dimensão simbólica do espaço geográfico	32
2.3.1	Literatura como representação espaço-temporal	33
2.3.2	A literatura brasileira como representação espaço-temporal	34
2.3.3	As escolas literárias brasileiras	34
2.4	A busca pela essência brasileira: a valorização das manifestações populares	37
2.4.1	A Literatura de Cordel no contexto das produções literárias eruditas	38
2.4.2	Breve histórico e características da Literatura de Cordel	40
2.5	Apogeu, declínio e resistência do Cordel às investidas de um novo tempo	45
2.6	Literatura de Cordel e cultura: as representações na Educação	46
2.7	Considerações Parciais	49

3 ANÁLISE DE ALGUMAS PRODUÇÕES ACERCA DO CORDEL	51
3.1 O Cordel como objeto de estudo	51
3.1.1 O Cordel como objeto de estudo na Educação	51
3.1.2 O Cordel como objeto de estudo e o tema da informação	53
3.1.3 O Cordel como objeto de estudo e o Meio Ambiente	54
3.2 Algumas divergências na Literatura de Cordel	55
3.3 O Cordel como representação da realidade	56
3.3.1 Tecendo saberes a partir da poesia popular	57
3.4 Considerações Parciais	59
4 AS QUESTÕES AMBIENTAIS SOBRE O PRISMA DOS POETAS POPULARES: ANÁLISES E PROPOSTAS METODOLÓGICAS	61
4.1 Análise do Folheto <i>Terra o planeta pede socorro</i>	61
4.1.1 Sugestão didática para a Narrativa “ <i>Terra o nosso planeta (...)</i> ”	66
4.2 Análise do Folheto <i>Aquecimento Global o fim do planeta terra</i>	69
4.2.1 - Sugestão didática para a Narrativa “ <i>Aquecimento Global (...)</i> ”	72
4.3 Análise do Folheto <i>O planeta água pede socorro</i>	75
4.3.1 Sugestão didática para a Narrativa “ <i>O planeta água (...)</i> ”	80
4.4 Análise do Folheto <i>O cordel da ecologia</i>	83
4.4.1 Sugestão didática para a Narrativa “ <i>O cordel da (...)</i> ”	88
4.5 Proposta Metodológica: Projeto Interdisciplinar	91
4.6 Considerações Parciais	94
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	95
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	98

APRESENTAÇÃO

A presente monografia intitulada *Um olhar sobre a dimensão educativa do Cordel na Geografia Escolar: Rimas que encantam, versos que ensinam*, apresenta análises da dimensão educativa do cordel para o ensino de Geografia, apontando a possibilidade e viabilidade deste gênero literário como instrumento didático.

As discussões deste estudo estão organizadas em quatro capítulos, a fim de tecer melhores considerações sobre o tema. Inicialmente na *Introdução* são apresentados os elementos estruturais da pesquisa incluindo a Problematização, Justificativa, Hipótese, os Objetivos e a Metodologia adotada.

No segundo capítulo, *Embasamento Teórico*, são apresentadas discussões sobre elementos como a língua, linguagem, comunicação, cultura, identidade e as categorias geográficas. Essas abordagens nos forneceram subsídios para tecer melhores exposições sobre o tema. São apresentados, ainda, ponderações sobre as possibilidades de diálogo entre a Geografia e a Literatura, a partir da Literatura de Cordel.

No terceiro, *Análise de algumas produções acerca do Cordel*, apresentamos as produções acadêmicas utilizadas, como artigos, monografias, dissertações e uma tese, levando em consideração os aspectos educativos, informacionais e ambientais, estabelecendo a delimitação dos elementos de discussão. Buscamos demonstrar, a possibilidade do estabelecimento de um elo entre o conhecimento escolar e o senso comum, os quais se constituem ou deveriam constituir a base para a construção do conhecimento.

No quarto, *Análises e propostas metodológicas: as questões ambientais sobre o prisma dos poetas populares*, as discussões se encaminham, inicialmente, para a análise dos quatro folhetos elencados para o estudo, cujos temas são referentes aos desequilíbrios ambientais. Posteriormente, realizamos a apresentação de propostas didáticas e um projeto interdisciplinar, evidenciando a potencialidade didática das narrativas.

Por fim, como resultado das análises e reflexões desenvolvidas durante a elaboração do trabalho são apresentadas as *Considerações Finais*.

INTRODUÇÃO

Valeu a pena? Tudo vale a pena. Se a alma não é pequena. Quem quer passar além do Bojador Tem que passar além da dor. Deus ao mar o perigo e o abismo deu, Mas é nele que espelhou o céu.

(Fernando Pessoa)

Como afirma o poeta é necessário ter coragem para ousar e vivenciar situações novas e desafiadoras, experimentando novas emoções e construindo saberes. Ao escolhermos o Curso de Geografia, este não era a nossa primeira ou segunda opção, a nossa motivação surgiu da possibilidade de trabalho com o Meio Ambiente. O início do Curso foi marcado pela indiferença, aos poucos os encantos da ciência geográfica foram sendo revelados, a partir das discussões teóricas e aulas práticas passamos a nos identificar com a Geografia.

Os professores que conhecemos ao longo dessa caminhada contribuíram para a construção da nossa identidade profissional, a partir das discussões e orientações construímos e reorganizamos conhecimentos, vislumbrando novos horizontes e possibilidades didáticas. A compreensão das diversas possibilidades do conhecimento e o prazer pela literatura indicaram direcionamentos de pesquisa e maior internalização dos saberes geográficos.

A nossa admiração pela Literatura de Cordel não é algo recente, contudo o maior contato com os folhetos ocorreu a partir do projeto de pesquisa desenvolvido pela minha irmã, Gleiciane, no Curso de História. Como bem frisou a professora Ma. Luciana Medeiros, no âmbito da História são muitos os trabalhos relacionados ao cordel e questionou-me sobre o motivo de não se trabalhar com este gênero literário na Geografia. Assim, vislumbramos novas possibilidades e graças às considerações dos professores Me. Rodrigo Bezerra e Me. Aldo Gonçalves, as discussões sobre a temática ganharam força, sendo lapidada aos cuidados do professor Dr. Josué Pereira.

A caminhada não foi fácil, mas perseveramos, como assevera Fernando Pessoa, “quem quer ir além do Bojador tem que ir além da dor”. Enfrentamos momentos difíceis, o desânimo por vezes abateu, mas não desistimos. Valeu a pena? Sim, cada momento de apreensão e incerteza foi recompensado pela alegria de concretização de um sonho e vislumbre ensejo pela construção de outros, tendo a certeza de com o nosso esforço e dedicação superamos desafios e aprendemos a caminhar mais confiantes.

O desenvolvimento desta pesquisa apresenta ponderações sobre as relações/interfaces entre Ciência e Educação escolar, cultura e senso comum. Considera ainda, as relações existentes entre os seres humanos e estes com o meio, sugerindo a valorização das diferentes formas de expressá-la.

A Geografia, enquanto ciência e disciplina escolar, busca proporcionar conhecimentos que possibilitem a compreensão dos fenômenos, que se materializam no tempo e espaço, ponderando as relações estabelecidas entre o Homem e a Natureza. Como disciplina escolar, visa contribuir para construção da cidadania, mediante o desenvolvimento de uma leitura crítica da realidade. Como ciência, utiliza técnicas e métodos de pesquisa, para produzir conhecimentos que auxiliem na busca pelo entendimento das transformações espaço-temporal da superfície, desencadeadas pelas ações humanas e pela dinâmica do meio físico, propiciando assim, compreender o espaço em sua totalidade e complexidade.

O espaço geográfico corresponde à “natureza modificada pelo homem através do seu trabalho” (SANTOS, 2004, p. 150). Por intermédio das técnicas desenvolvidas ao longo do tempo, os grupos humanos têm se apropriado do seu meio circundante transformando-o para atender às suas necessidades. As atividades, empreendidas pelos grupos sociais, se tecem dentro de um processo dinâmico de autocriação. As relações estabelecidas entre o Homem e o Meio resultam na produção do espaço social. Esta categoria de organização, elaborada pela sociedade, pode ser considerada como o lugar da sua própria reprodução. Noutras palavras, é resultado da junção de sistemas indissociáveis de objetos e ações (SANTOS, 2006).

Ao apropriar-se de um espaço, o Homem passa a transformá-lo em lugar na medida em que lhe atribui valores e significados, “se pensamos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é a pausa” propiciando a construção de uma dimensão afetiva com o espaço, vivido e experimentado (TUAN, 1983, p. 6). Dessa forma, o lugar é compreendido como o centro onde se desenvolve os vínculos de pertencimento, é nele que vivemos, habitamos e trabalhamos.

Por meio do trabalho, entendido como força de produção, os grupos humanos têm modificado a natureza imprimindo nela as suas marcas e modificando a paisagem.

Santos (2006, p. 66), define a paisagem como um “conjunto de formas que, num dado momento exprimem as heranças que representam as sucessivas relações localizadas entre homem e natureza”. Resultante de acumulações e substituições representa um dado momento da sociedade ajudando na compreensão da produção do espaço. Estas transformações dinâmicas da paisagem são reflexos da interação de diversos elementos e fatores. Essa abordagem também é desenvolvida por Jean Tricart, o qual aprofunda na obra *Ecodinâmica* (1977), a complexidade e a dinamicidade, destacando o quadro físico.

O autor aponta a atividade humana como um agente transformador da Natureza. Assim, consideramos interessante levar em conta suas abordagens, a fim de enriquecer e contemplar a área de estudo desenvolvida neste trabalho, visto que, se conecta a geografia humana através da cultura, e a geografia física, através dos conteúdos específicos.

A sociedade apresenta distintos padrões de comportamento e organização ao longo do tempo. Estes são materializados na forma-objeto que compõem a paisagem tornando-se objeto de análise, não apenas enquanto sistema material, como também imaterial, possibilitando compreender como as diversas comunidades humanas vivem, organizam e percebem o mundo, atribuindo-lhe significado. O Homem materializa nas formas, peculiaridades espaciais, conferindo a elas características singulares de acordo com as suas práticas culturais. Os estudos sobre a produção do espaço, mediada pela cultura, ganham ênfase com o desenvolvimento da Geografia Cultural.

A Geografia Cultural obteve grande destaque com os estudos realizados por Carl Sauer, fundador da Escola de Berkeley nos Estados Unidos. As suas pesquisas apresentavam traços tradicionais, dando grande ênfase ao historicismo, valorizava-se o passado em detrimento do presente. O conceito de cultura adotado concebia à mesma como uma entidade supra-orgânica. A geografia de Sauer e seus discípulos foi alvo de inúmeras críticas. No entanto, são inegáveis as contribuições imprescindíveis desse autor na história do pensamento geográfico (CORRÊA e ROSENDAHL, 2010).

Em fins da década de 1970, a Geografia Cultural passa por um processo de renovação impulsionado por um conjunto de transformações (mudanças no quadro econômico, movimento ecológico, entre outros), dentro de um contexto de valorização cultural. O conceito de cultura é redefinido passando a ser compreendido como “um reflexo, uma mediação e uma condição social” (CORRÊA e ROSENDAHL, 2010, p. 13), resultante das relações estabelecidas entre os membros do grupo social. Ideias,

saberes, propósitos e significados são elaborados e reelaborados a partir do contato, da descoberta e da experiência.

Nas palavras de Yi-Fu Tuan (1983, p.10), um dos grandes nomes da Geografia Cultural renovada, a experiência consiste em “aprender a partir da própria vivência”. Em contato com situações cotidianas o sujeito vivencia sensações, descobre significados, compartilha valores, edifica sua identidade. Ao atuar sobre determinada circunstância, o indivíduo aventura-se pelo desconhecido, experimentando novos sentimentos e tecendo uma teia de saberes.

Os seres humanos são “inventivos” (CLAVAL, 2007) desenvolvendo táticas de sobrevivência e superação frente aos obstáculos que lhe são impostos, tanto pelo meio físico como pela vida social, modificando suas práticas e assimilando novos valores. Por intermédio da socialização e da interação social, os Homens se relacionam entre si e com o mundo, produzindo e reproduzindo conhecimentos.

Portanto, o conhecimento é construído nas práticas cotidianas, nas relações que tecemos uns com outros e com o meio, experimentando e conhecendo situações novas, desafiadoras. Como elenca Claval (2007), a curiosidade move o instinto questionador dos Homens, buscando razões que deem sentido à sua existência e ao mundo no qual vivem. Nessa procura incessante, atuamos sobre a realidade produzindo o saber, sendo este crivado pelo senso comum, dotado de informalidade.

Marconi e Lakatos (2003, p. 75) afirmam que o conhecimento vulgar ou popular, é “transmitido de geração para geração por meio da educação informal e baseado em imitação e experiência pessoal”. Sendo este caracterizado pela superficialidade, conformando-se com a aparência, com fatos que por si só têm razão de ser, impregnado por um caráter sensitivo, faz alusão às experiências vividas diariamente. As autoras afirmam, ainda, que os conhecimentos adquiridos pelo ato de viver são organizados, subjetivamente, pelo sujeito sem se prender à normas e regras específicas manifestando-se de forma acrítica.

O conhecimento empírico emerge das experiências e vivências dos sujeitos sociais; saberes tecidos na labuta diária, auxiliando na construção de táticas de sobrevivência e resolução de problemas práticos. Enquanto o conhecimento científico é “obtido de modo racional, conduzido por meio de procedimentos científicos” construindo um saber sistematizado e objetivo (MARCONI E LAKATOS, 2003, p.75). Corresponde ao conhecimento real, comprovando as hipóteses por meio de

experimentos reproduzíveis, os fatos são ordenados logicamente compondo teorias, ressaltando que o saber produzido não é absoluto, sendo aproximadamente exato, passível de atualizações e reformulações, conforme as autoras.

Araújo (2007) destaca que o saber popular, durante muito tempo, foi relegado pelos discursos criados pelas ciências sociais, os quais o consideravam como inadequado para dar respostas aos questionamentos, referentes à realidade social. No entanto, a autora esclarece que a aliança entre as ciências humanas e sociais com os saberes não cientificizados, revelou a grande importância do saber popular, descobrindo ser possível, a partir dele, construir um conhecimento científico. Com base na orientação etnometodológica¹ este saber mantém um diálogo e uma articulação com a ciência.

Marconi e Lakatos (2003) esclarecem que ambos os saberes diferenciam-se pela forma, método e instrumentos do conhecer. Sendo assim, as autoras tomam como exemplo o caso do camponês que realiza seu trabalho pautado na sua experiência no trato direto com a lavoura, um saber empírico, verdadeiro e comprovável, porém, desprovido de procedimentos científicos que buscam explicar objetivamente o ‘porquê’ e ‘como’ os fenômenos ocorrem. Ressaltando que, a ciência não é o único caminho que possibilita o acesso ao conhecimento e à verdade. Portanto, é essencial valorizar o saber oriundo das experiências, ressignificando-o e associando-o ao processo de ensino aprendizagem. Dessa forma, novos horizontes vão sendo vislumbrados ampliando nossa capacidade de compreensão e leitura de mundo, fazendo insurgir questionamentos que impulsionam uma busca incessante pela construção e reconstrução do conhecimento.

Partindo dessas proposições, inferimos que o conhecimento não é produzido apenas pela ciência, a partir das nossas experiências e vivências cotidianas, tecemos uma gama de saberes, que nos auxiliam na superação de problemas práticos. Dessa forma, o saber vulgar, ao ser reformulado, se constitui como a base para a construção do discurso científico. A própria Geografia, antes de se tornar ciência, era fundamentada a partir do senso comum, produzindo um conhecimento “responsável pela descrição e criação de uma imagem de mundo” (GOMES, 2010, p.28). Este saber primário

¹ A etnometodologia é uma corrente teórico-metodológica da sociologia americana, surgiu como uma reação ao paradigma teórico-social que dominava em 1960, criticando a sociologia tradicional, positivista e neokantiana, Garfinkel é apontado, por muitos estudiosos, como o precursor das análises etnometodológicas. Em linhas gerais, pode ser definida como a ciência da vida cotidiana, a qual está pautada nas artes de fazer dos sujeitos sociais (ARAÚJO, 2007).

constituiu a base, que possibilitou o desenvolvimento, posterior, do conhecimento geográfico, o qual passou por um processo de sistematização, elaborando normas e procedimentos experimentais. Na verdade, podemos considerar o contínuo reaproveitamento do senso comum, a partir do qual se estabelece o aprofundamento da leitura de mundo, através do conhecimento geográfico desenvolvido na escola. Este preceito será aprofundado mais adiante, no decorrer desta pesquisa.

1.1 Problematização, Justificativa e Hipótese

O reconhecimento desses pressupostos introdutórios induz a uma reflexão sobre o processo de produção de conhecimento no contexto escolar, o qual, muitas vezes, relega o saber empírico construído pelos alunos. Isto converge com o pensamento de Lampert (2013, p. 135): “nas escolas ainda existe uma separação entre o que acontece na sala de aula e o mundo fora da escola”, na qual, dessa forma, cria-se um distanciamento entre o conhecimento escolar e a realidade dos discentes, os quais não encontram sentido e significado naquilo que estudam. O autor salienta, ainda, que o contato entre o conhecimento cotidiano e o científico, resulta na construção de aprendizagens.

A mobilização dos conteúdos escolares com as experiências dos alunos possibilita um contínuo processo de (re)construção do conhecimento, estabelecendo relações entre o que é estudado na sala de aula e a realidade, oferecendo aos discentes razões para o encantamento. Lampert (2013, p. 136) salienta que o “encantamento é o que nos desperta para o estudo do mundo, é o que nos desequilibra, que nos faz buscar explicações, filosofar” e acrescenta que “Gaadner (2009), ao contar a história da Filosofia, diz que a primeira característica necessária para filosofar é contemplar o mundo, possuir encantamento pelo mundo. Neste ponto a Geografia não está tão distante da Filosofia”. Neste pensar, o despertar do encantamento dos alunos, como nos propõe o autor, é um desafio que nos instiga a ousar e criar novas práticas educativas que possibilitem o diálogo entre o livro didático e a realidade dos educandos.

Justificamos o desenvolvimento desta pesquisa, ao compreender a necessidade e as condições de contribuir para a utilização da Literatura de Cordel, como um instrumento na dinamização da aula e construção do saber. Como um meio de aprimorar a capacidade criativa do educando, induzindo-o à reflexão e melhorando a compreensão dos conteúdos geográficos.

Estabelecemos nossa hipótese de trabalho, a partir das seguintes formulações: *se existe valorização do conhecimento prévio (empírico) do aluno, então ocorre a contribuição para o processo de ensino aprendizagem; a valorização dos saberes contidos nos cordéis podem indicá-los como recursos didáticos; alguns cordéis apresentam saberes empíricos sobre temas geográficos. Logo, é possível sua utilização contribuindo para o ensino aprendizagem de geografia.*

Defendemos a valorização do cordel, a partir da abordagem de temas relacionados à realidade, aos problemas vivenciados no cotidiano, permitindo o desenvolvimento da interdisciplinaridade, entre as diversas áreas do saber, e a construção conjunta do conhecimento.

1.2 Objetivos Geral e Específicos

Este trabalho objetiva propor a utilização da Literatura de Cordel como instrumento didático-metodológico no ensino de Geografia. São indicadas a potencialidade e a viabilidade deste gênero literário, tecido a partir do saber popular, para as discussões dos conteúdos geográficos. Constituindo-se assim, como um vínculo de ligação entre o conhecimento científico e os saberes construídos pelos alunos, a partir do senso comum. Como afirma Kimura (2011, p. 66) “não somos tábula rasa, pensamos o mundo com os meios que acumulamos e dos quais dispomos”. Somos detentores de conhecimentos que não podem ser relegados, mas compreendidos como alicerce para a construção de novas concepções e compreensão da realidade.

Quanto aos objetivos específicos elencamos:

- Caracterizar a literatura de cordel;
- Analisar as possibilidades desse gênero literário no ensino de Geografia;
- Apresentar propostas de utilização do cordel nas aulas de Geografia, no nível médio.

1.3 Aspectos Metodológicos

Esta pesquisa está pautada no método hipotético-dedutivo, o qual de acordo com Marconi e Lakatos (2003, p. 106) inicia-se a partir da percepção de uma lacuna nos conhecimentos, passando a formular hipóteses, que através do processo de inferência dedutiva, testa a predição da ocorrência dos fenômenos compreendidos pela hipótese

considerada. A partir da proposição da Literatura de Cordel como recurso didático, tendo como objeto de análise os folhetos, visamos deduzir a potencialidade da poesia popular, no ensino de Geografia no nível Médio. Foram utilizados quatro cordéis, cujo tema principal aborda as questões ambientais. Este material foi analisado e discutido, considerando o contexto geográfico, possibilitando elaborarmos propostas de utilização das narrativas como instrumento didático-metodológico.

Elencamos quatro cordéis para o estudo devido à dificuldade ao acesso de exemplares que versassem sobre o tema Meio Ambiente. Optamos pela temática ambiental, ao compreendermos que esta vem sendo amplamente discutida na atualidade e necessita ser debatida em sala de aula, visando à construção de valores essenciais para a constituição de uma consciência ecológica. Direcionamos as propostas metodológicas para o Ensino Médio por compreender que as discussões teóricas, realizadas nas análises e interpretações dos textos, são mais adequadas para o trabalho com essas turmas. Contudo, esclarecemos que este direcionamento é nosso, de modo que as narrativas podem perfeitamente serem exploradas no Ensino Fundamental.

A elaboração deste estudo consiste inicialmente em atividades de gabinete, realizando levantamentos bibliográficos, buscando identificar pesquisas que abordam a utilização da Literatura de Cordel no ensino, dando ênfase à Geografia. Posteriormente caracterizamos esta modalidade literária apresentando análises dos conteúdos geográficos encontrados nas narrativas. O desenvolvimento do trabalho consiste na coleta de folhetos que abordam temas geográficos, em especial os relacionados às questões ambientais, analisando a relevância desses para o ensino através da interpretação dos textos.

A leitura agradável e prazerosa da Literatura de Cordel revela um universo mágico e encantador, no qual se tecem histórias e estórias numa trama de mistério, aventura e fantasia, mesclando elementos do real com o imaginário popular, proporcionando entretenimento aos leitores e ouvintes. No entanto, os folhetos não apenas divertem, eles veiculam informações que podem auxiliar no processo de ensino aprendizagem, como demonstram estudos desenvolvidos nas áreas de Educação, Literatura e Gramática. Contudo, no âmbito do ensino de Geografia essa temática ainda é pouca explorada, dado que nos instigou a elaborar essa pesquisa visando contribuir para a utilização do cordel como recurso didático no ensino de Geografia.

2 EMBASAMENTO TEÓRICO

Neste capítulo serão apresentados trabalhos que servem de base e construção dessa pesquisa. Serão discutidos elementos de língua, linguagem, comunicação, cultura, identidade e categorias geográficas, possibilitando tecer melhores considerações a cerca do tema escolhido. Posteriormente, teceremos discussões sobre o diálogo interdisciplinar entre a Geografia e a Literatura, visando evidenciar a busca incessante dos movimentos literários pela autoexpressão nacional, de modo a proporcionar a valorização das manifestações populares, das quais destacamos a Literatura de Cordel, como nosso objeto de estudo.

2.1 Língua, Linguagem, Comunicação, Cultura e Identidade

O ser humano, desde os tempos primórdios, ansiava por meios que o permitisse expressar e transmitir seus pensamentos e conhecimentos. O inter-relacionamento social entre os grupos humanos fomentou o processo de comunicação. Gestos e posturas corporais, bem como as pinturas rupestres, corresponderiam às primitivas formas de comunicação. A partir da interação verbal, mediada pelos signos da língua, o ato de comunicar e interagir foi aprimorado.

A língua, enquanto instrumento de comunicação com caráter social, pode ser assinalada como um código composto por um conjunto de signos sistematizados, baseados em termos, que representam significativamente os esquemas mentais. (TRAVAGLIA, 2006; PERINI, 2010; COELHO e MESQUITA, 2013). Os signos linguísticos abrangem a associação de um significante (som, imagem gráfica) e um significado (ideia, concepção). Noutras palavras, compreendem elementos fônicos e gráficos dotados de um conceito.

Por intermédio dos signos de uma língua, a espécie humana instituiu a linguagem sistematizada possibilitando a comunicação. A capacidade de se comunicar não é exclusiva do ser humano, pois os animais também se comunicam entre si, por meio de sons e gestos. No entanto, a comunicação entre os animais ocorre instintivamente emitindo sinais para transmitir a mensagem, enquanto, a linguagem humana é mediada pelo diálogo, dotada de significações. Como elenca Travaglia (2006, p. 23), “A linguagem é pois um lugar de interação humana, de interação comunicativa

pela produção de efeitos de sentidos entre interlocutores, em uma dada situação de comunicação e em um contexto sócio-histórico e ideológico”.

A linguagem pode ser inferida como um meio de representação das ideias, a externalização da imagem mental, possibilitando uma comunicação interativa e recíproca entre os sujeitos. Constituindo-se como a base para o desenvolvimento da vida social, seja no âmbito familiar, político, educacional, enfim, para o estabelecimento das relações sociais. Como expõe Chauí (2006, p. 155), ela “é nossa via de acesso ao mundo e ao pensamento”. Logo, o domínio da linguagem é essencial para que possamos melhorar a capacidade de compreensão e ampliar a interação com a realidade.

Silva *et al* (2010, p. 305) aponta que “a linguagem consiste num produto histórico cultural, uma vez que sofre o crivo do tempo e, especialmente, pelo fato de propiciar a produção de conhecimento de mundo”. Dessa forma, revela o contexto sociocultural desenvolvido num determinado tempo e espaço, fazendo parte da memória humana, compondo o registro das suas manifestações culturais no decorrer da sua evolução.

A cultura encontra-se relacionada ao modo de ser, pensar e agir do ser humano no mundo. Assis, Tenório e Callegaro (2012, s/p) esclarecem que “a cultura é o que dá sentido à vida humana. Todo ser humano é dotado de cultura e esta é a sua essência” sendo construída, transmitida e transformada a partir da vivência no meio social. Em suma, podemos caracterizá-la como a manifestação e expressão de um povo, apresentando formas e particularidades distintas no tempo e espaço.

As relações sociais e culturais entre os sujeitos no cotidiano fomentam a construção da identidade, individual e coletiva, entre os membros do grupo social (ARAÚJO, 2007). Considerando a diversidade cultural, é necessário atentar para o caráter plural e descentralizador da identidade, a qual é sujeita a transformações ao longo da história de vida do indivíduo. Ponderando esses elementos, ressaltamos a inexistência de uma homogeneização identitária e cultural, apresentamos particularidades que nos distinguem e edificam a nossa identidade individual, apesar disso, comungamos de características comuns, com determinado grupo social, permitindo a nossa identidade coletiva.

A identidade é construída ao longo da vida, mediante a nossa maneira de agir, o saber-fazer perante as situações cotidianas, bem como, a nossa percepção/compreensão do mundo e o estabelecimento de relações interpessoais. A interação social, propiciada pela linguagem, possibilita a produção e disseminação da cultura, assim como a constituição dos processos de identificação, os quais se transformam continuamente diante da dinâmica social.

Araújo (2007) enfatiza que, a discussão sobre identidade está intrinsecamente relacionada à questão cultural. Ressaltando que, a convivência ocorre em um mundo culturalmente diverso, cujas transformações interferem nos processos identitários dos sujeitos, estabelecidos em grupos de gênero, raça, etnia, classe, etc. A autora destaca que ambas (cultura e identidade), são constituídas a partir da diferença e da diversidade, ao que incluiríamos a ideia de coletividade ou pertencimento. Nas palavras de Hall (2000, p. 108) “as identidades não são nunca unificadas [...] mas multiplamente construídas ao longo de discursos, práticas e posições que podem se cruzar ou ser antagônicas[...]”. Portanto, ter identidade é compartilhar características com um respectivo grupo social e, ao mesmo tempo, ser diferente, quer seja pela personalidade ou pelos valores culturais. Resultante de uma construção social, a partir das interações e integrações dos sujeitos, a mesma não é estática, sendo passível de mudanças e atualizações ao longo da vida.

2.1.1 A Identidade Nordestina expressa na Literatura de Cordel

O cordelista, expressa através da sua poesia, os sentimentos, os valores e a cultura do povo nordestino, conferindo características particulares e autênticas à narrativa possibilitando que estas se tornem “clássicas”, ou melhor, vençam a passagem do tempo. Convém ressaltar que o poeta popular registra, a partir de seus textos, a sua interpretação sobre os eventos, fortalecendo a identidade dos sujeitos sociais. Como aludido anteriormente, a identidade é uma construção social que se edifica a partir do ambiente no qual o indivíduo se encontra inserido e das relações interpessoais que se revelam no cotidiano (ARAÚJO, 2007).

Nas proposições de Certeau (1996, p. 319) o cotidiano corresponde “aquilo que nos é dado a cada dia (ou que nos cabe em partilha) nos pressiona dia após dia, nos oprime, pois existe uma opressão do presente [...]”. Neste espaço de descobertas, os

sujeitos mantêm um inter-relacionamento fortalecendo os laços de sociabilidade e instituindo relações de confronto e conflitos.

As experiências vivenciadas no cotidiano, lugar de produção e interação social, fazem emergir práticas e valores sociais, individuais e coletivos. A arte de criar e inventar táticas de superação e resistência revela o saber humano, o qual é manifestado por meio da cultura, sendo concretizado em um artefato cultural ou em expressões artísticas, constituindo-se assim, como o “alfa ômega”, o princípio e o fim da criação humana (ARAÚJO, 2007).

O cordel, enquanto artefato cultural, resguarda em seus versos o saber popular construído no cotidiano, onde homens e mulheres desenvolvem práticas sociais e compartilham valores culturais edificando suas identidades. Frisamos que o cordelista, ao compor suas narrativas, expõe a sua percepção/concepção de mundo, a qual é partilhada por outros membros do grupo social a que pertence. O mesmo utiliza uma linguagem do/para o povo, fazendo-se compreender, utilizando termos coloquiais, os quais conferem as narrativas um caráter de informalidade. Esta característica facilita o entendimento da informação, veiculando uma mensagem imbuída de significados, a qual fortalece a identidade da coletividade.

Os folhetos apresentam conhecimentos, tecidos nas ações sociais estabelecidas no dia a dia. Um saber oriundo do senso comum, que implica no somatório de aprendizagem proveniente da vivência diária. Como ressalta Freire (2005, p. 29) é o “saber de experiência feito”, que tem sua gênese, nas práticas sociais e culturais empreendidas pelos sujeitos no cotidiano.

O poeta popular nordestino constrói, a partir das suas narrativas, discursos e visões sobre o Nordeste, discorrendo sobre a seca e a luta incessante dos sertanejos pela sobrevivência; a paisagem ressequida do sertão e os problemas sociais. O cordelista expõe os dramas vividos pela população, mas também exalta a nobreza, humildade, valentia e religiosidade dos nordestinos, suas tradições e sua cultura, proporcionando ao leitor reconhecer nos textos elementos de pertencimento. As informações contidas na poesia, não são alheias à realidade dos membros do grupo social, e evidenciam o jeito de ser nordestino, revelando a identidade desse povo, construída a partir das particularidades, sociais e culturais, presente na região.

2.2 As categorias geográficas e a cultura

Apresentaremos as categorias geográficas, a sua relação com a cultura e, posteriormente, com a Literatura de Cordel.

2.2.1 Região e Território no contexto da cultura e identidade

A região pode ser considerada como um recorte espacial, cujas manifestações culturais lhe conferem traços peculiares, diferenciando-a das demais. Bezzi e Brum Neto (2009) assinalam que a cultura “materializa no espaço as suas formas características, originando recortes espaciais com conotação cultural, ou seja, as regiões culturais”. Ao atuar sobre o Meio, os grupos humanos imprimem nele as marcas da sua cultura conferindo à região uma identidade. Em linhas gerais, os autores apontam que a região pressupõe a distinção e delimitação de uma porção do espaço, de acordo com critérios culturais específicos.

Para Castro (1992, p. 32-33) a região apresenta uma identidade que a distingue do seu entorno: ela é “dinâmica, historicamente construída e interage com o todo social e territorial” correspondendo a uma “fração estruturada do território”. Raffestin (1993, p. 143) assinala que “o território se forma a partir do espaço” cuja produção “se inscreve num campo de poder”. Nas palavras dos geógrafos franceses Bonnemaizon e Cambèzy (1996 p. 13-14 apud HAESBAERT, p. 73, 2004) o território deve ser concebido para além do princípio material, considerando a dimensão simbólica que o reveste, pois, “o território não diz respeito apenas à função ou ao ter, mas ao ser”. O ser humano ao ocupar um espaço lhe atribui significados, estabelecendo uma forte relação com ele, de modo a ser apontado como um forte “construtor de identidades”.

Haesbaert (2004, p. 74) assevera que o território deve ser concebido a partir de uma “perspectiva integradora das diferentes dimensões sociais”, reconhecendo a relação indissociável, entre a dimensão material, predominantemente econômico-política, lhe atribuindo um caráter funcional, e a dimensão simbólica, de natureza cultural.

O Homem ao se apropriar de um território lhe confere um caráter funcional e simbólico, passando a construir a sua identidade sociocultural. Assim podemos afirmar que os grupos humanos não conseguem mais ser compreendidos sem o seu território, pois a identidade dos sujeitos estaria “inarredavelmente”, fixamente, relacionada aos

atributos do espaço real (SOUZA, 2000). O indivíduo não apenas ocupa o território, mas se identifica com ele, criando vínculos de pertencimento.

2.2.2 Espaço, Paisagem e Lugar no contexto cultural

As relações estabelecidas entre o Homem e a Natureza resultam na produção do espaço social, o qual é organizado pela sociedade como o lugar da sua própria reprodução configurando-se como o palco das ações humanas. Milton Santos (2004) assinala que o espaço envolve uma teia de relações, portanto para compreendê-lo deve-se considerar a estrutura, o processo, a função e a forma articulados dialeticamente.

Admitindo essa acepção, podemos inferir que o espaço é construído por forças sociais, mediadas por atributos econômicos, políticos e culturais, cujas relações se tecem num processo dinâmico. As atividades humanas desempenham funções que asseguram a sua dinâmica e evolução. As criações, desta, testemunham as modificações sucedidas na natureza através do trabalho humano. O espaço evolui conforme as transformações sociais, cuja dinâmica é marcada por um cenário de desenvolvimento desigual e contraditório, definindo diferentes arranjos espaciais.

A organização espacial compreende um conjunto de formas e interações entre elementos e indivíduos, além de grupos sociais. Considerando um dado momento e observando que o tempo é contínuo, pode-se afirmar que o processo de construção social é ininterrupto e dinâmico; as formas de interação variam no tempo, gerando configurações diferenciadas das formas de organização, mas que bem a representam. Corrêa (2011) destaca o espaço geográfico como multidimensional, apresentando dimensão econômica, política, cultural, entre outras.

A dimensão econômica de organização do espaço vincula-se às formas e interações espaciais do modo de produção. Considerando o fator político, debruçamos sobre o palco das contradições, negociações e transgressões que se circunscrevem na organização espacial. Destacando também, a influência da cultura, refletindo nas diversas maneiras de interação e apropriação do espaço vivido, decorrentes dos diferentes padrões culturais (CORRÊA, 2011).

A cultura entendida como um sistema de valores que permeia e propicia significados à vida humana, apresentando um caráter plural, influencia no modo de produção espacial. Os diferentes povos do planeta possuem maneiras culturalmente

diferenciadas de organizar seu espaço, resultando em espacialidades distintas. A diversidade do espaço geográfico se torna explícito na materialidade da paisagem (HEIDRICH, 2008).

Santos (2006) ressalta que “a paisagem é história congelada, mas que participa da história viva”. Logo, corresponde a um conjunto de objetos com idades diferentes que testemunham a ação do Homem sobre o Meio, modificando-o. As ações sociais se materializam em tempos distintos, representando as diversas maneiras de produção e organização do espaço, em determinados momentos históricos.

A concepção de paisagem, abrangendo apenas os elementos visíveis que a compõem, torna-se insuficiente. Como elucida Moraes e Callai (2012, s/p) “compreender a paisagem significa ir além do visível”. Sendo assim, é necessário considerar os elementos não visíveis que se ocultam e ajudam a entendê-la. Ao se empreender um estudo sobre essa categoria geográfica, deve-se ponderar os aspectos materiais e imateriais.

As formas visíveis, que se apresentam no espaço, registram a relação entre a sociedade e o seu meio circundante, sendo esta marcada por representações. Santos (1988) destaca que a paisagem corresponde a uma escrita sobre a outra, resultante de acumulações e substituições ao longo do tempo, resguardando as histórias de vida dos sujeitos sociais. Portanto, desvelar os seus significados, permite conhecer os processos que se desenvolvem em um determinado contexto espaço-temporal.

Moraes e Callai (2012) questionam que os objetos não podem ser compreendidos como algo alheio ao Homem, pois estes são resultados da ação humana. Portanto, uma descrição simplória das formas visíveis que compõem o espaço é diminuta. Por outro lado, torna-se essencial considerar as subjetividades dentro das leituras da realidade, nas quais a dimensão simbólica, atribuída às formas pela sociedade, possibilita inúmeras interpretações.

Claval (2007) pondera que interpretar as paisagens não é uma tarefa fácil, pois elas “falam dos homens que as modelam e que as habitam atualmente, e daqueles que lhes precederam; informam sobre as necessidades e os sonhos de hoje, e sobre aqueles de um passado muitas vezes difícil de datar”. A organização do espaço é influenciada pelos distintos padrões culturais, os quais orientam as ações dos grupos humanos ao

longo do tempo. As formas/objetos que compõem a paisagem encerram uma dimensão simbólica, apresentando elementos de permanência e continuidade, o que permite compreender a relação estabelecida entre o Homem e o Meio em determinado contexto espaço-temporal, desvelando os anseios, os valores e os comportamentos dos sujeitos sociais com o lugar.

O lugar corresponde à “porção do espaço apropriável para a vida – apropriada através do corpo - dos sentidos” (CARLOS, 2007, p. 18), noutras palavras, trata-se do espaço vivido e sentido pelas pessoas. Tuan (1983, p. 20) esclarece que “um objeto ou um lugar atinge realidade concreta quando nossa experiência com ele é total, isto é, através de todos os sentidos, como também com a mente ativa e reflexiva”. A partir das experiências cotidianas, o Homem vai criando laços afetivos com o lugar, atribuindo-lhe significados e edificando sua identidade.

2.2.3 - As categorias da Geografia aplicadas na Literatura de Cordel

O cordel revela características do povo nordestino, sua cultura e sua identidade. Através da palavra, o poeta materializa sentimentos, valores e significados, construindo uma trama, real e/ou ficcional, da qual eclodem vozes e visões sobre o Nordeste. Ao tecer saberes, que promovem um diálogo com a região nordestina, o folheto permite empreender discussões que podem contribuir significativamente para o ensino de Geografia.

A Literatura de Cordel resguarda a cultura e a identidade do povo nordestino, revelando eventos concernentes à realidade, de modo a proporcionar a análise e discussão dos fatos narrados. A variedade de temáticas possibilita realizar a problematização das categorias da Geografia, uma vez que, pode contribuir para uma leitura e interpretação diferenciada do espaço geográfico.

Os poetas populares registram em seus textos “a história sociocultural nordestina desde os tempos imemoriais” (ARAÚJO, 2007, p. 127), construindo assim, uma crônica poética de sua época. As narrativas versam sobre os acontecimentos da realidade regional, como a “luta sangrenta de Canudos”, a qual faz parte da “história das lutas pela Terra e pela liberdade no campo do país” (OLIVEIRA, 1994, p. 17). Os conflitos desencadeados pelo cangaceirismo, também são temas dos folhetos, apresentando a disputa pelo território. Fatos que compõem o registro histórico do Nordeste.

Outra temática recorrente nos folhetos é o fenômeno natural da seca. As narrativas apresentam com riqueza de detalhes a paisagem, cálida e retorcida, do sertão nordestino, durante os longos períodos de estiagem. Os textos são elaborados, a partir da percepção de Homens que vivenciaram essas situações, descrevendo com eloquência a paisagem árida desencadeada pela seca, a vegetação ressequida, animais definhando, rios e açudes exauridos. Contudo, a interpretação dos poetas vai muito além da leitura aparente do espaço, eles apresentam a realidade subjetiva, revelando a melancolia que aflige os sertanejos, sua religiosidade e sua resistência.

Compreendemos a Literatura de Cordel, como uma forma de linguagem, a qual expressa os elementos culturais de um povo, apresentando o contexto coletivo de identidade do ser humano a um dado espaço, território, região e lugar. Dessa forma, essa expressão literária popular, se constitui como o registro da dimensão simbólica.

2.3 A dimensão simbólica do espaço geográfico

A dimensão simbólica, que permeia o espaço geográfico, confere-lhe singularidades espaciais que lhes são auferidas pela cultura. Os variados padrões culturais resultam em modos diferenciados de interação, apropriação e organização espacial. As pessoas não interpretam a realidade da mesma forma, pois possuem visões de mundo distintas, agindo de maneira díspar, conforme determinada época e lugar (TUAN, 1974). As ações empreendidas pelos sujeitos atribuem significados aos lugares, os quais refletem as suas percepções, valores e crenças, estabelecendo uma mediação entre o mundo interior e o exterior.

A leitura do espaço geográfico, considerando o material e o imaterial presente na sua dimensão simbólica, é realizada através das análises da Geografia Cultural. Claval (2009) elenca que o objetivo desse campo do conhecimento é compreender o sentido que as pessoas concedem a sua existência. Marondola (2006) salienta que os estudos culturais e humanistas em Geografia, principalmente a partir de 1970, têm proporcionado novas abordagens para a ciência geográfica. Recorrendo a outras formas de saber, como a Arte, para incrementar suas análises, possibilitando um diálogo interdisciplinar. Um dos caminhos, trilhados pelos geógrafos, consiste na elucidação da relação existente entre a Geografia e a Literatura, análise que ganhou força e profundidade a partir dos estudos humanistas.

2.3.1 A literatura como representação espaço-temporal

A literatura se constitui como um importante meio de expressar humano, evidenciando emoções, dilemas e aspirações dos sujeitos sociais, possibilitando a comunicação de percepções e experiências do real, a sensibilidade e eloquência dos escritos revelam elementos da vivência e do sentimento de um povo. Noutras palavras, a produção literária corresponde a uma representação da realidade num determinado contexto espaço-temporal, desvelando a dimensão de percepção e compreensão tida pelo escritor da obra.

A linguagem subjetiva da literatura, erudita e/ou popular, apresenta uma representação do espaço real proporcionando uma análise da dimensão simbólica da realidade. Moreira (2010, p. 150) afirma que “são falas sobre o mundo tanto o discurso da literatura quanto o da geografia, da história [...] todos eles não sendo mais que modos de interpretação-representação do real”. Os textos literários fornecem informações sobre os aspectos materiais e imateriais na vida humana, descrevendo as paisagens, a dinâmica social e as experiências do ato de viver. Ortega e Peloggia (2009) afirmam que a abordagem da realidade apresentada na literatura não é menos realista do que os discursos científicos, de modo a proporcionar o “calor humano” à “linguagem árida” que permeia o discurso científico.

Marondola (2006, p. 64) assinala que a literatura consiste num “documento que conta, cria e recria um momento espaço-temporal, trazendo elementos para se pensar a sociedade e o espaço que constituam o ambiente do escritor”, dessa forma, ao se tornar “portadora destes sentidos e significados, enriquece e complementa a realidade buscada pelo geógrafo”. As produções literárias, sejam de caráter erudito ou popular, apresentam discursos sobre a realidade, delineando paisagens, lugares, costumes e crenças, proporcionam assim, detalhes importantes sobre a concepção de mundo criada pelos seres humanos. Estas abordagens, ao serem discutidas a partir do enfoque cultural, conferem à Geografia a possibilidade de passar a valorizar as experiências vividas pelos sujeitos sociais (CLAVAL, 2009). Moreira (2010, p. 143), aponta que o fio condutor da relação entre Geografia, História e Letras reside na categoria do espaço, não sendo possível imaginar o tempo ausente do espaço, nem vice-versa, pois “o real é o espaço-temporal”. A partir desta realidade, o escritor compõe sua obra, a qual revela as particularidades do contexto social onde este se encontra inserido. Este registro pode ser

considerado como marca da percepção de fenômenos, em um dado momento e em um dado local.

2.3.2 A literatura brasileira como representação espaço-temporal

O primeiro recorte espacial, desta forma de expressão humana, direciona a abordagem do desenvolvimento da literatura brasileira e a influência do contexto espaço-temporal sobre as produções literárias. Dá-se ênfase à busca incessante dos autores pela identidade nacional, promovendo a valorização das manifestações populares. Dentre essas expressões populares destacaremos a Literatura de Cordel, salientando seu amplo campo de estudos.

2.3.3 As escolas literárias brasileiras

No Brasil, a literatura tem as suas bases fincadas na propagação oral de manifestações culturais, difundidas na voz dos cantadores populares, por intermédio das variadas formas folclóricas, e posteriormente, pelos poetas, de um modo geral, pregadores e oradores, que disseminavam, utilizando o instrumento verbal, o sentimentalismo despertado pelo contato com uma natureza diferente que os deixaram enaltecidos e extasiados (COUTINHO, 2008). A produção literária brasileira se desenvolveu a partir da luta incessante em busca da sua identidade, livre da tradição importada, com formas e expressões verdadeiramente nacionais. Os primeiros escritos continham forte influência de obras estrangeiras, destacadamente portuguesa e francesa, portanto, refletiam os movimentos literários europeus. Aos poucos os modelos e técnicas foram se adequando ao novo ambiente, fazendo emergir “algo dotado de sentido brasileiro” (COUTINHO, 2007, p. 55).

Durante os séculos XVI e XVII, início da colonização no Brasil, surgiram as primeiras manifestações literárias, contudo, estas produções não eram de autoria de escritores brasileiros, baseavam-se em informações sobre a “terra recém-descoberta” pelos colonizadores. Moisés (1994, p. 15) destaca que a produção literária deste período “serve aos fins da Companhia de Jesus” prevalecendo a “intenção doutrinária ou pedagógica sobre a estética propriamente dita”. Os escritos apresentavam relatos sobre a natureza e o Homem brasileiro, orientando a educação do “gentio ignaro e do colono analfabeto”. As cartas, relatórios e diários dos navegantes constituem a chamada

literatura informativa. Esse período corresponde ao Quinhentismo tendo como marco a Carta de Pêro Vaz de Caminha.

Em meados do século XVII, estendendo-se até o XVIII, surge no Brasil a arte barroca. Roncari (2002, p. 136) ressalta que o termo barroco, no caso da literatura, é utilizado para designar a “formação característica que adquiriu a obra literária, na expressão de determinada visão de mundo”. Os escritos passam a expressar os sentimentos de grandiosidade e esplendor, revelando a contradição espiritual do ser humano, pureza *versus* pecado, mesclando religiosidade e sensualidade, o sagrado e o profano. Pela primeira vez são produzidos textos de autores brasileiros, embora com forte influência do barroco europeu. Dentre os escritores desse período merecem destaque Gregório de Matos Guerra e Padre Antônio Vieira.

No século XVIII emerge um “movimento eminentemente poético, de repúdio às demasias perpetradas pelo Barroco” (MOISÉS, 1994, p.75). Trata-se do Arcadismo, o qual recebeu influência da filosofia presente no Iluminismo. Este novo estilo é caracterizado por uma visão utópica impregnada de sentimentalismo, enaltecendo a valorização da Natureza, sendo esta compreendida como fonte da beleza, paz, amor e pureza. Os escritos apresentam fortes características bucólicas, naturais e harmoniosas, constituindo-se como um importante passo na busca pela autonomia literária. Neste período merecem destaque autores como Cláudio Manuel da Costa, Tomás Antônio Gonzaga, Basílio da Gama, Silva Alvarenga e Frei José de Santa Rita Durão.

Por volta da metade do século XIX surge o Romantismo, manifestando-se “num apelo à emoção em oposição ao racionalismo clássico” (BERNARDI, 1999, p.85) apresentando fortes características de nacionalismo, sentimentalismo, individualismo e subjetividade. No Brasil, as ideias românticas desenvolveram-se dentro de um contexto histórico marcado pela transferência da Corte portuguesa para o Rio de Janeiro e pela constituição de uma nação independente. Bernardi (1999) afirma, ainda, que “mesmo influenciado pelo espírito europeu, o Romantismo brasileiro preocupa-se em realçar a presença da alma brasileira nos motivos e na linguagem”, dessa forma, os escritores começaram a ter liberdade de expressão para externalizar seus pensamentos. Nessa ocasião, destacaram-se autores como Gonçalves de Magalhães, Gonçalves Dias, Álvares de Azevedo, Casimiro de Abreu, entre muitos outros.

A partir da segunda metade do século XIX ocorreram mudanças significativas no âmbito social, impulsionando os escritores a exporem, em seus textos, análises sobre os acontecimentos. Este contexto permitiu o desenvolvimento da literatura realista propondo, como afirma Oliveira (2008, p. 57), “uma nova perspectiva para a abordagem da realidade, sem as marcas da subjetividade romântica”. Os escritos passam a apresentar uma análise crítica da realidade, dando grande destaque ao enfoque objetivo. O Naturalismo se apresenta como uma “radicalização” dos preceitos do Realismo, principalmente no que se refere a “concepção determinista do comportamento humano”. Oliveira (2008) salienta, ainda, que na escrita realista-naturalista uma característica bastante peculiar é a apresentação do “personagem-tipo”, criado a partir de um aprofundamento psicológico, permitindo ao leitor reconhecer elementos da realidade na trama ficcional. Duas obras marcam esses estilos literários no Brasil: *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis e *O mulato*, de Aluísio de Azevedo.

No final do século XIX, desenvolvia-se um novo estilo denominado de Parnasianismo, trata-se de um “movimento poético contemporâneo ao Realismo e Naturalismo, só existiu na França e no Brasil” (BERNARDI, 1999, p.130). Opondo-se ao sentimentalismo do Romantismo, os parnasianos buscavam a objetividade, conferindo aos seus textos características de impessoalidade, descrição e valorização da forma culta visando a “perfeição formal”. Destacam-se nesse período os poetas Olavo Bilac, Alberto de Oliveira, Raimundo Correia.

Na última década do século XIX aflora uma reação contra o materialismo e o racionalismo parnasiano, inicia-se o movimento poético denominado de Simbolismo. A realidade subjetiva passou a ser valorizada recorrendo ao uso de simbologias na busca pelo mistério, misticismo e religiosidade, características contrárias ao Parnasianismo e similares ao Romantismo (PRANDINI,2011). Os escritores simbolistas Cruz e Sousa e Alphonsus de Guimaraens produziram obras importantes que marcam o Simbolismo no Brasil.

O século XIX é marcado por grandes transformações que impulsionaram o desenvolvimento de um novo movimento literário no início do século XX, trata-se do Modernismo. Embora os ventos de revigoração da estética, do pensar e expressar tenham atingido várias linguagens artísticas, a literatura brasileira ainda não demonstrava sinais de renovação, somente alguns escritores ousaram em suas obras,

apresentando uma visão crítica perante a realidade, sendo considerados como os “pré-modernistas”.

Nas palavras de Bosi (2006, p. 197) pré-modernista é tudo o que rompe, seja de uma forma ou de outra, com a cultura oficial, alienada e verbalista, abrindo caminho para as sondagens sociais e estéticas, destacando “a incursão de Euclides da Cunha na miséria sertaneja, o romance crítico de Lima Barreto, a ficção e as teses de Graça Aranha, as pesquisas de Oliveira Viana, as campanhas nacionais de Monteiro Lobato”. As obras dos autores dão ênfase ao regionalismo, problematizando as questões sociais e culturais inerentes a nossa realidade.

Nas primeiras décadas do século XX iniciou-se a formação de pequenos grupos de escritores que almejavam a renovação da literatura brasileira. A Semana de Arte Moderna, que ocorreu em 1922, foi o marco do Modernismo no Brasil. Os princípios do Movimento estavam baseados no rompimento com o passado e na adoção de novas técnicas para a representação da vida, de modo que, os problemas contemporâneos fossem apreendidos, buscando a valorização da arte nacional (COUTINHO, 2007). Entre os escritores, promissores desse novo estilo literário, destacam-se Mário de Andrade, Oswald de Andrade, entre muitos outros.

2.4 A busca pela essência brasileira: a valorização das manifestações populares

Apesar da evidente efervescência proporcionada pelo Modernismo, os movimentos em busca da autoexpressão genuinamente brasileira ganharam força já a partir do Romantismo. O anseio pela constituição de uma identidade nacional fomentou o primeiro passo rumo ao reconhecimento da história local e das manifestações populares. A literatura popular passou a ser compreendida pelos escritores românticos como a base original da criatividade literária (COUTINHO, 2007). No entanto, foi a partir do Modernismo que as produções nacionais passaram a ser valorizadas possibilitando sua consolidação. Este novo estilo vicejou o despertar de uma consciência nacional, de modo que a cultura popular passou a ser apreciada pelos produtores da cultura erudita.

O termo erudito nos remete a uma produção cultural fundada de acordo com normas e regras institucionalizadas, sendo produzida por um grupo que constituiria uma

determinada elite, concentradora dos atributos do sistema educacional, principalmente no âmbito acadêmico. Enquanto a cultura popular “implica modos de viver”, o jeito de olhar, rir e chorar do Homem sertanejo e suburbano na criação de ações táticas de superação perante os desafios cotidianos (BOSI, 1992, p. 324).

Por muito tempo, as manifestações populares foram relegadas pela cultura erudita, considerando-as como de menor valor, por não apresentar o mesmo caráter objetivo e intelectual produzido pela elite, atribuindo-as ao pitoresco. Contudo, a partir dos movimentos de valorização da produção cultural popular, esta passou a ser pesquisada e utilizada pelos eruditos para incrementar suas obras. Isto se dá uma vez que ela apresenta a subjetividade dos sujeitos sociais que a produzem, apresentando o real e o simbólico, possibilitando uma leitura/compreensão mais abrangente da realidade.

O diálogo estabelecido entre as manifestações populares e elitistas na literatura fomentou a representação do espaço real, considerando a dimensão material e simbólica na vida humana, revelando o modo de pensar e agir de um povo. Dessa forma, a cultura popular passou a ser cada vez mais explorada pelas obras literárias, principalmente pelas regionalistas, apresentando as características peculiares de cada região brasileira.

2.4.1 A Literatura de Cordel no contexto das produções literárias eruditas

A partir das obras regionalistas podemos analisar os discursos criados acerca do espaço vivido, evidenciando os conflitos, a aflição e, principalmente, a fé e a perseverança dos sujeitos dos sertões. As vozes que eclodem dos romances regionais revelam a produção cultural de um povo, a qual é tecida nas ações cotidianas dos sujeitos sociais resguardando o saber-fazer humano. Dessa forma evidenciam-se aspectos referentes às junções entre o erudito e o popular, próprio do Regionalismo/Modernismo.

Os escritores eruditos passam a buscar na cultura popular a matéria-prima para as suas produções literárias, visando conhecer as tradições e manifestações culturais que perpassaram por gerações através da oralidade e, posteriormente registradas pela linguagem escrita. O registro escrito dessas informações é realizado pelos próprios sujeitos sociais, autores e atores da trama cotidiana, que se utilizam da palavra para materializar o expressar espontâneo e verdadeiro do homem e da mulher simples e

batalhador(a) que (re)constrói diariamente táticas de sobrevivência. Neste contexto, a Literatura de Cordel se apresenta como forma de expressão dos valores e crenças de um povo, revelando a concepção de mundo do poeta popular e a realidade social na qual o mesmo encontra-se inserido. A cada verso rimado é tecido uma trama de fascínio e mistério, unindo o real e ficcional na construção de um universo fantástico, despertando a admiração de muitas pessoas, inclusive de autores consagrados.

A linguagem poética das narrativas despertou a inspiração e admiração de autores eruditos, como José de Alencar e Guimarães Rosa. O escritor Ariano Suassuna (1999, p. 276) assinala que Alencar “foi o primeiro escritor brasileiro [...] a dedicar um ensaio” ao romanceiro popular. Destacando que no romance *O sertanejo* (1875), Alencar faz referência a dois folhetos, o “*Boi Espásio*” e “*Rabixo da Geralda*”, fazendo um paralelo entre a valentia do touro e a coragem dos sertanejos. Por outro lado, ressalta que Guimarães Rosa teve em *O Romance da donzela que foi à guerra* “o tema do Grande sertão: veredas” (p.273) narrando a história de uma mulher que se veste de homem para participar de batalhas, trama que também é vivida pela personagem Diadorim do romance rosiano.

Ariano Suassuna, em uma de suas obras mais conhecidas, o *Auto da Compadecida* (1955), buscou na poesia popular a sua base inspiradora. Os folhetos *O enterro do cachorro*, *História do cavalo que defecava dinheiro* e *O castigo da soberba*, deram vida aos personagens da trama ficcional elaborada pelo autor, o qual considera o cordel como “a fonte autêntica de uma literatura brasileira” (SUASSUNA, 1999, p. 269). Reconhecendo nas narrativas, elementos que possibilitam definir a identidade de um grupo social.

Como mencionado anteriormente, a busca pela autoexpressão nacional teve início a partir do Romantismo, buscando nas manifestações populares a essência brasileira. O estudo realizado por Josivaldo C. da Silva (2007) demonstra a similaridade existente entre alguns poemas produzidos nesse movimento literário e a Literatura de Cordel, no tocante a forma e estrutura das estrofes e versos, evidenciando assim, a influência desta última na produção dos romancistas. O autor assinala que as “estruturas formais populares e termos coloquiais e/ou prosaicos” revelam a semelhança entre algumas poesias românticas e os folhetos. Defendendo que a abordagem comparativa,

entre estes gêneros literários em sala de aula, possibilita o despertar de um olhar “mais respeitável” sobre a poesia popular, valorizando-a.

2.4.2 Breve histórico e características da Literatura de Cordel

A Literatura de Cordel é preexistente aos movimentos literários brasileiros, sendo introduzida no País no início da sua colonização e caindo na “graça das pessoas que não tinham acesso às grandes obras literárias da época” (BARROS, 2013, p.10). Aos poucos a poesia popular foi sendo enriquecida pela sabedoria do Homem nordestino, ganhando estilo próprio, distinguindo-se do modelo português. Encerrando em suas rimas os valores e crenças dos sertanejos, suas dores e anseios, informando e divertindo leitores e ouvintes. Os poetas tecem em seus versos histórias e estórias, narrando acontecimentos reais e ficcionais, realizando, direta ou indiretamente, uma crítica aos acontecimentos da realidade atual.

Em relação às escolas literárias podemos ponderar a importância do movimento Modernista para a valorização da cultura popular expressa pela Literatura de Cordel, objeto de nosso estudo. Ela se dá através da capacidade de retratar a relação do Homem e o Meio. Na literatura, considerada erudita, essas características são mais destacadas nas obras literárias denominadas regionalistas.

A Literatura de Cordel corresponde a um gênero literário de caráter popular, proveniente da Europa e “ancorada nas histórias tradicionais do medievo ocidental”. A sua produção era desenvolvida entre as camadas populares européias, destacadamente a rural, propagando-se pela oralidade. A escrita, nesse período, era restrita a um pequeno grupo que tinham posses para custear os estudos e outros mediante o contato com pessoas influentes, possibilitando assim, o ingresso ao mundo das letras. Nesse contexto marcado por desigualdades, constituem-se os primeiros grupos de poetas populares desenvolvendo uma arte pujante. Com simplicidade e maestria conduziam suas palavras e rimas transmitindo em seus versos a sua concepção do mundo social (ARAÚJO, 2007, p. 45).

Alguns poetas conseguiram driblar as dificuldades e aprenderam a escrever. Convém ressaltar que poucos eram os trabalhadores rurais que detinham posse e acesso ao saber institucionalizado. O registro escrito das narrativas possibilitou a ampliação da veiculação da poesia popular entre os países europeus, na França eram chamados de *littérature du colportage*, na Espanha *pliegos soltos* e em Portugal *folhas soltas ou*

volantes (ARAÚJO, 2007; QUEIROZ, 2012). Dessa forma, a maior disseminação do cordel proporcionou a sua expansão para além do campo, despertando o interesse das pessoas das cidades, bem como dos eruditos.

Essa fusão cultural pode ser percebida na obra de muitos autores. Gil Vicente, por exemplo, obteve grande destaque no teatro Português pelas suas peças contendo um teor crítico a sociedade da época, destacando o *Auto da Barca do Inferno* (1571). Gil Vicente utilizava temas presentes nas narrativas de origem cavaleiresca e no lirismo das cantigas e encenações religiosas medievais para compor o seu teatro (QUEIROZ, 2012). O escritor português resguardava as peculiaridades do sentimento popular.

Queiroz (2012) aponta que as peças de Gil Vicente, destacadamente os Autos, os quais apresentam similaridades entre as frases e a métrica, facilitando a memorização para a exposição oral, foram redigidos e comercializados a preço baixo nas romarias e praças. Por intermédio das *folhas soltas* divulgavam-se também as narrativas tradicionais da Imperatriz Porcina, Princesa Magalona, Carlos Magno, assim como, obras de autoria de Antônio José da Silva entre outros autores desconhecidos. Devido ao baixo custo, os folhetos se tornaram acessíveis a todas as camadas populares, ganhando notoriedade pelo seu vocabulário coloquial. Os poetas passaram a ser considerados como os portadores do saber do povo. A seguir consideraremos algumas características do Cordel, enquanto Brasil, Nordeste, e como se deu a sua comercialização.

I – A Literatura de Cordel no Brasil

No Brasil, a Literatura de Cordel foi introduzida no início da colonização pelos portugueses que trouxeram em suas bagagens exemplares denominados de ‘folhas soltas’ ou ‘folhas volantes’. Acioli (2010, p. 78) afirma que a “trova portuguesa ao se unir a poética do caboclo” brasileiro, fez emergir um “estilo literário essencialmente sertanejo”, consagrando-se como “sinônimo de criatividade e humor”. Inicialmente as narrativas eram divulgadas pela oralidade e, posteriormente, na forma escrita, com o desenvolvimento da tipografia profissional, passaram a ser impressas, sendo comercializadas nas feiras e praças públicas (SILVA *et al*, 2010). A divulgação da literatura popular encontrava-se pautada na difusão de histórias tradicionais e narrativas de épocas que eram conservadas e transmitidas pela memória popular.

Convém destacar que, no período de formação da sociedade brasileira o índice de analfabetismo era grande. Portanto, era comum a formação de aglomerações em volta das pessoas que sabiam ler para ouvir a declamação dos versos. A leitura dos folhetos também era proferida no âmbito familiar, visando não apenas o entretenimento, como também desempenhar uma função didática e moralizante.

II – A Literatura de Cordel no Nordeste

Diégues Jr. (1975 *apud* MELO, 1994) aponta que o cordel se estabeleceu com mais força no Nordeste, pois encontrou no patriarcalismo, no aparecimento dos movimentos messiânicos, na formação de bandos de cangaceiros, ou bandidos, e nas secas periódicas, que desencadeiam desequilíbrios econômicos e sociais, possibilidades para a o surgimento e desenvolvimento dos grupos de cantadores. Podemos contribuir afirmando que esses mesmos elementos, apontados pelo autor, tecem características próprias a essa forma de expressão, visto que eles são utilizados, também, como temas ou motes. São rudimentos constituintes do imaginário e da paisagem regional, e aos poetas populares cabe difundirem o pensamento da coletividade, utilizando uma linguagem peculiar, compartilhando valores e crenças com o seu público.

Segundo Melo (1994, p.8) o cordel no Nordeste desempenhou várias funções. Destacando o seu papel como veículo de informação e educação para o Homem do campo, visto que “numa época em que as cartilhas eram raras e não chegava gratuitamente ao homem rural, os folhetos cumpriam espontaneamente esta alta missão social”. A comercialização da poesia fornecia também meios de subsistência aos poetas populares e pequenos proprietários de tipografias.

Convém destacar que, apesar de se reconhecer o quanto as *folhas soltas* de Portugal tiveram influência na produção do cordel brasileiro, a poesia popular produzida pelos poetas nordestinos apresentava uma estrutura regular, com novas modalidades, regras, técnicas e estilos que lhe conferiram um caráter peculiar, distinguindo-se da herdada pelos portugueses. Tais elementos lhe conferem características genuinamente brasileiras.

O cordel brasileiro é ordenado e apresenta particularidades distintas, as quais lhe foram concedidas pelos poetas populares, evidenciando a linguagem e os traços típicos do Homem nordestino, divergindo da literatura lusitana, na qual prevalece a narrativa em verso. Portanto, seria precipitado, como afirma Silva (2007), definir o folheto

produzido no Brasil como uma cópia do estilo português. Outro aspecto relevante, como destaca o autor, está na designação ‘literatura de cordel’. No Nordeste, os autores e consumidores reconheciam a produção como ‘literatura de folheto’ ou somente ‘folheto’. O termo ‘literatura de cordel’ passou a ser utilizado na década de 1970 por influência dos críticos. Atualmente esta denominação encontra-se amplamente difundida e consolidada.

Além do espaço nordestino observa-se que essa forma literária espalhou-se por outras regiões. O Homem sertanejo impelido pelo desejo de melhores condições de vida, ao migrar para outros estados levava consigo os folhetos e como consequência contribuía para disseminar a cultura popular nordestina. Logo, novos centros divulgadores da poesia foram se constituindo no Centro-Sul e Norte do País. As ocorrências dessa forma de expressão sempre estão veiculadas ao modo de vida do povo nordestino, sejam poetas, leitores ou ouvintes que comungam do “sabor e vivacidade da inteligência do homem desta região” (MELO, 1994, p.7).

O poeta popular nordestino releva em seus versos um saber-fazer provindo de suas experiências sociais, criando táticas de sobrevivência e superação de desafios, práticas cotidianas vivenciadas no coletivo e individual. Dessa forma, o cordelista narra a história, ou as histórias, de um povo, apresentando características que ultrapassam o local e até mesmo o regional, fazendo abordagens sobre diferentes culturas e povos. Ao estabelecer esse diálogo, o cordel evidencia a relação entre o local e o global (ARAÚJO, 2007).

Como assinala Curran (2003, p.19) o cordelista “além de poeta é jornalista, conselheiro do povo e historiador popular, criando uma crônica de sua época”. Noutras palavras, as narrativas expõem a cosmovisão do poeta, o qual relata os fatos mediante a sua percepção, sendo esta compartilhada com os valores e crenças do seu público. Os eventos são descritos a partir da perspectiva popular, mesclando verdade histórica e ficção.

Os poetas populares exprimem em seus versos tradições e valores, estampadas em rimas. Informando, divertindo e denunciando, a poesia pode ser considerada uma arma do povo contra os inimigos. O entretenimento na monotonia, a esperança no desalento, o protesto perante a injustiça. Instrumento enaltecedor das crenças, costumes,

batalhas e vitórias, criando heróis e vilões, o sagrado e o profano, doutrinador, moralizante, realidade e ficção que compõem o registro histórico de um povo.

III - Características Descritivas dos Folhetos e Comercialização

O cordel é impresso no formato de “livrinhos” apresentando, geralmente, dimensões de 16cm por 10cm, podendo ser classificado conforme o total de páginas, quando possui de oito a dezesseis folhas é denominado de “folheto” e acima de trinta e dois é conhecido como “romance” (ASSIS, TENÓRIO & CALLEGARO, 2012). Outro adereço que chama a atenção são as ilustrações da capa, realizadas a partir do processo de zincografia, utilizando clichês de zinco para a gravação, e a utilização de fotografias de artistas. Contudo, a xilogravura é a técnica mais usual consistindo na gravação de imagens em negativo na madeira e, posteriormente, na revelação destas em papel, tecido ou outros suportes, podendo ser definido como um processo artesanal. Representa uma forma de expressão mediada pela criatividade intuitiva do artista popular, sem vínculo com modelos pré-estabelecidos. Resulta numa criação de caráter ingênuo e primitivo, embebido de particularidades e tradições que conferem aos folhetos uma originalidade singular (SILVA *et al*, 2010; CORREIA, 2011).

A comercialização dos folhetos ocorre nas feiras, mercado, praças e romarias, sendo expostos para venda pendurados enfileirados num barbante, como um varal. Costuma-se declamar parte da poesia para despertar a atenção do público, estratégia utilizada para aguçar a curiosidade pelo fim da história, de modo que o interessado seja induzido a adquirir a narrativa. Convém destacar que a origem do nome cordel encontra-se relacionada à maneira como estes eram vendidos: suspensos num cordão (AQUINO, 2007; ARAÚJO, 2007; QUEIROZ, 2012).

2.5 Apogeu, declínio e resistência do Cordel às investidas de um novo tempo

No contexto nacional, a literatura de cordel viveu um período de auge mais precisamente entre os anos de 1930 e 1950. Neste período, na Região Nordeste este formato passa a ser desenvolvido nas tipografias possibilitando a impressão das narrativas (ARAÚJO, 2007). Nesta mesma região, antes desse período, o cordel era divulgado apenas através dos cantadores de histórias. Funk e Santos (2008) apontam que a etimologia da palavra tipografia deriva do grego *typos* (forma) e *graphein* (escrita), consistindo na composição de um texto, preocupando-se não apenas com a

estrutura da letra, como também a sua organização, podendo ser definida como a arte de compor e imprimir a partir de caracteres.

A partir da impressão, o cordel obteve maior circulação viabilizando o seu acesso às camadas populares, expandindo-se pela zona rural e urbana, disseminando suas mensagens, informando, divertindo e educando. Constituído-se assim, como o jornal sertanejo, desempenhando um importante papel educativo, uma vez que, grande parte da população tinha acesso às informações, conhecimentos e educação, basicamente, através dos cordéis.

Dentre os estados nordestinos, a Paraíba se destaca por ser o primeiro a registrar grandes nomes do cordel como, Silvino Piruá (introduziu rimas às histórias) e Leandro Gomes de Barros (um dos poetas mais famosos, sendo considerado o pioneiro na produção das narrativas). Os trabalhos destes dois cordelistas conferiram maior qualidade e notoriedade à poesia popular, a qual passou a se disseminar com veemência até os lugares mais longínquos, informando e divertindo os leitores (ARAÚJO, 2007).

Frisamos que a partir da disseminação dos meios de comunicação de massa, a produção e comercialização dos folhetos enfrentou um período de crise. Alguns autores chegaram a mencionar a ‘morte do cordel’, considerando que a sua produção aproximava-se da fase final, ameaçado em nossos dias pelo rádio, televisão e informática. Contudo, Araújo (2007, p.28) destaca que este gênero literário é capaz de reinventar e recriar a si próprio para resistir às investidas dos meios de comunicação de massa. Comparativamente à fênix mitológica, ressurgindo das cinzas e delineando novas trajetórias. Expandindo-se “das feiras às galerias, das escolas às universidades e destas ao mundo virtual”. O cordel se alia aos novos recursos tecnológicos para permanecer cumprindo suas funções de divertir, informar e ensinar o seu público.

Apesar das intempéries, o cordel continua a ser produzido por poetas que se dedicam a escrever seus textos comprometidos com a valorização e disseminação desse artefato cultural, registrando em cada estrofe as experiências pessoais e coletivas vivenciadas pelos sujeitos sociais. A beleza de suas rimas tem despertado o interesse de estudiosos, inclusive estrangeiros como Mark J. Curran, que passaram a vislumbrar no folheto amplo campo de pesquisa, pelo seu teor informativo e, principalmente, educativo.

Como exposto, podemos perceber que desde a sua gênese o cordel traz em si uma finalidade educativa, a qual ao longo do tempo tem sido esquecida. Portanto, é necessário realizar um processo de revalorização do potencial didático dos folhetos, utilizando-os como ferramentas de apoio ao ensino. A poesia popular, enquanto prática social e cultural torna-se um recurso viável para construção do conhecimento.

2.6 Literatura de Cordel e cultura: as representações na Educação

A literatura de cordel possibilita a discussão de temas referentes ao cotidiano dos alunos, problematizando questões culturais e sociais dentro de uma perspectiva intercultural. Colaborando para o desenvolvimento de competências, formando sujeitos capazes de se posicionarem ativamente na sociedade na qual estão inseridos. Destacando que a poesia popular pode auxiliar no incentivo à leitura, os versos rimados, narrando histórias reais e/ou ficcionais, aguçam o interesse do leitor/ouvinte, estimulando a criatividade (ARAÚJO, 2007).

O poeta popular confere aos seus escritos um caráter subjetivo, ele fala da paisagem, do lugar e dos sentimentos dos Homens que nele habitam, instituindo representações que denotam as subjetividades dos indivíduos no processo de (re)construção do espaço ao longo do tempo. Para a Geografia, as representações constituem “criações individuais ou sociais de esquemas mentais estabelecidos a partir da realidade espacial inerente a uma situação ideológica, abrangendo um campo que vai além da leitura aparente do espaço” (KOZEL, 2009, p. 216). Ao que se compreende, a capacidade do ser humano (re)criar suas concepções/interpretações sobre o mundo a partir das suas convicções e experiências. Porém, cabe lembrar a influência do grupo social sobre os indivíduos e que essas influências variam ao longo do tempo, visto que a cultura e a concepção da realidade é dinâmica, temporal e espacialmente. Assim, podemos entender que, a capacidade de leitura do mundo, não depende apenas do indivíduo, mas do contexto em que ele está inserido. Por outro lado, a criatividade possibilita a leitura diferenciada e esta é quem conduz de fato o avanço do conhecimento.

Kozel (2009, p. 216) enfatiza que o ensino da Geografia, se tornaria mais significativo, ao realizar pesquisas e análises sobre as representações construídas pelas

sociedades, de modo, a considerar “o próprio aluno como agente de representações e conhecimentos necessários para entendimento das relações estabelecidas na organização espacial”. A leitura do espaço geográfico deve contemplar as experiências vividas pelos educandos, considerando as suas concepções sobre o mundo, as quais são impregnadas de significados e revelam como estes compreendem a realidade, como afirma Kimura (2011, p. 131) é necessário “ouvir” o que o aluno “diz” com o seu modo de “dizer”.

Ao “ouvir o aluno”, como sugere Kimura (2011), estaremos reconhecendo que a pessoa não aprende só na escola, como também através das suas experiências, construindo um saber tecido a partir do senso comum, cuja sistematização na sala de aula, proporcionará a construção de novos conhecimentos. Portanto, o educador deve valorizar os saberes prévios do discente, buscando contextualizá-los com os conteúdos escolares, de modo a proporcionar o desenvolvimento de capacidades de análise e reflexão.

A construção de uma *geografia educadora*, como pontua Rego (2011, p. 9), requer a construção de práticas voltadas para a transformação “de temas da vida em veículos para a compreensão do mundo”. Os conteúdos abordados na sala de aula devem contemplar a realidade do aluno, possibilitando um diálogo entre os saberes escolares e a realidade do discente, de modo que este se compreenda como sujeito ativo no processo de construção do conhecimento.

Como afirma Lampert (2013, p.) compreender o mundo “significa entender o nosso cotidiano e enxergar a si próprio como agente de transformação das paisagens e do espaço geográfico”. O autor salienta ainda que o ensino de Geografia deve se aproximar do contexto de vida dos alunos e do professor, de modo a possibilitar que os educandos sejam capazes de correlacionarem os conteúdos geográficos com a sua realidade. Para tanto, é necessário considerar os discentes como sujeitos ativos na construção do espaço geográfico e reconhecer a relevância das suas histórias de vida, como uma contribuição para o processo de ensino e aprendizagem.

Corroborando com estas afirmações, Amaral (2013) assevera que a valorização das experiências dos discentes é essencial para o desenvolvimento das atividades na sala de aula. O professor deve buscar minimizar as distâncias entre os diversos saberes e considerar as representações dos alunos, de modo a associar os conteúdos com a realidade destes, possibilitando assim, a produção do conhecimento. E que esta

produção, tendo como característica ter se desenvolvido de forma coletiva, passa a ter um valor especial para os próprios alunos.

Enfatizamos ser fundamental problematizar os conteúdos geográficos com o contexto social, no qual o aluno se encontra inserido. Dessa forma, o professor irá despertar a curiosidade dos discentes para o tema abordado, suscitando diálogos que irão permitir o aprofundamento das temáticas em discussão. Ressaltamos que o educador deve ouvir os educandos sem criticar a sua maneira de expressão, mas reformulando as indagações para promover maior interação entre estes atores e o assunto. Como pondera Castrogiovani (2011) o erro deve fazer parte do processo educativo e não a repressão, isso indica a necessidade de se incentivar e instigar o aluno a expor o seu posicionamento, cabendo ao professor não o simples julgar de “certo ou errado”, mas juntamente ao discente reelaborar o pensamento e construir um novo conhecimento.

Dessa forma, estaremos trilhando um caminho em busca de uma Geografia educadora (REGO 2011) ao que Castrogiovani (2011) nos aponta possibilidades, enfatizando a necessidade, de não se esquecer, que a atividade de ensino é lidar com a simplicidade “com o singelo, com a prosa” buscando a harmonia que se encontra, inclusive na poesia.

Compreendemos a poesia como uma expressão artística que desvela as ideias e os sentimentos do ser humano, revelando suas percepções, possibilitando compreender a concepção de mundo criada por ele. No que concerne a Geografia, pode auxiliar na explanação e análise da relação sociedade e natureza.

Admitindo o direcionamento de Castrogiovani (2011) e os exemplos postos, iremos considerar que os textos escritos, como o poema e a poesia, quando contextualizados com o ensino de Geografia permitem uma maior compreensão da realidade social. Esta convergência é uma das bases que permite o desenvolvimento deste estudo, no qual se analisa o potencial didático da poesia, considerada popular, para a discussão dos conteúdos geográficos.

Uma das formas de poesia, denominada de Literatura de Cordel, aborda temáticas relacionadas aos problemas vivenciados no cotidiano pelo Homem comum. A diversidade das temáticas e dos problemas permite uma abordagem interdisciplinar

entre as diversas áreas do saber, objetivando a construção conjunta do conhecimento. Alves (2008) assevera que este gênero literário possibilita o desenvolvimento de uma educação voltada para a realidade, uma vez que apresenta aos alunos a visão de mundo do poeta popular, a qual pode suscitar questionamentos e reflexões sobre o contexto social, econômico, político e cultural, no qual o discente se encontra inserido.

Não podemos nos esquecer das características que muitas vezes divergem e distanciam a ciência da arte. Enquanto a primeira conceitualmente busca a verdade através de um raciocínio lógico, argumentando através de pressupostos, regras de juízo, estabelecendo hipóteses e teorias, visando explicar o mundo. A arte, por outro lado, é um caminho pelo qual o ser humano busca expressar seus sentimentos e, dar novos significados ao concreto, estabelecendo um mundo ideal, por vezes fantasioso, orientado por suas emoções, assim, negando o mundo real ou desenvolvendo novas percepções sobre ele. Contudo, acreditamos que, tanto a ciência quanto a arte, na medida em que são criações humanas e dinâmicas, podendo ser comunicadas entre os membros de um grupo social, elas são expressões do conhecimento, do saber humano. Isto nos permite afirmar que é possível estabelecer pontes sobre essas duas formas de pensar.

2.7 Considerações Parciais

As exposições, realizadas neste capítulo, demonstraram que a linguagem possibilitou ao Homem externalizar seu pensamento e interagir com a realidade, transmitindo e registrando, ao longo do tempo, as suas manifestações culturais, de modo a estabelecer processos de identificação. O cordel, enquanto artefato cultural, corresponde ao registro das práticas e conhecimentos produzidos no cotidiano, os quais perpassam por gerações, resguardando as tradições e valores do povo nordestino. O cordelista, ao compor seus versos, constrói e compartilha uma identidade, coletiva e individual. No coletivo, o poeta popular expressa elementos de reconhecimento e pertencimento, ao passo que a sua identidade pessoal, revela particularidades, que tornam as suas produções ímpares e representativas, expondo a sua subjetividade.

As abordagens evidenciaram, ainda, os caminhos e as relações entre a Literatura de cordel, dita popular, e a chamada literatura erudita. Estas discussões nos permitem asseverar que, muitos escritores eruditos encontraram na poesia popular, a inspiração para compor suas obras, fato que enaltece ainda mais a importância dos folhetos. Ao

apresentarmos a trajetória desse gênero literário, afirmamos que este, desde a sua gênese, desempenha uma função educativa, a qual deve ser valorizada e inserida no contexto escolar, auxiliando nas discussões dos conteúdos científicos.

No caso da disciplina de Geografia, várias questões podem ser exploradas dentro das temáticas sociais e ambientais, fomentando a discussão e compreensão das categorias geográficas. Entre elas estão os conceitos de espaço, paisagem, lugar, região e território, além da discussão espaço-temporal. Dessa forma, a Literatura de Cordel contribui para a compreensão dos conteúdos científicos aproximando-os à vida dos alunos.

3 ANÁLISE DE ALGUMAS PRODUÇÕES ACERCA DO CORDEL

Neste capítulo serão utilizadas produções acadêmicas como monografias, dissertações, artigos e uma tese, considerando os aspectos informacionais, educativos e ambientais, a fim de delimitação dos elementos de discussão. Apontaremos algumas divergências que permeiam a poesia popular, sem nos aprofundar no assunto, pois este não é o nosso objetivo. Independente dos questionamentos suscitados, nossa proposta é discutir a dimensão educativa dos folhetos. Observaremos a possibilidade de estabelecer a construção de novos saberes através de um elo entre o conhecimento escolar e o senso comum do cotidiano.

3.1 O Cordel como objeto de estudo

O universo místico e fascinante da literatura de cordel expressa os valores culturais da Região Nordeste, condensando e materializando em seus versos a história do seu povo. Compõe um registro das experiências e ações vivenciadas pela sociedade, num determinado contexto, espaço-temporal, induzindo a uma reflexão sobre a realidade social. Os encantos da poesia popular não se restringiram aos leitores assíduos da zona rural, expandiu-se para as cidades e grandes centros urbanos, sendo apreciada por estudiosos e pesquisadores que vislumbraram neste artefato cultural grandes possibilidades de investigação. As produções analisadas foram organizadas em três categorias: Educação, Informação e Meio Ambiente.

3.1.1 O Cordel como objeto de estudo na Educação

Cabe reconhecer que a Literatura de Cordel é tecida de conhecimentos construídos a partir do senso comum, da vivência e experiência dos sujeitos que a produzem e consomem; reconhecer a possibilidade de fomentar o processo de ensino e aprendizagem. Um dos aspectos mais relevantes da poesia popular é a sua perspectiva interdisciplinar², possibilitando um diálogo convergente entre as disciplinas escolares

² Nas palavras de Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009), o pensar interdisciplinar busca na totalidade articular os fragmentos, minimizando assim, o isolamento nas especializações ou dando um novo rumo a elas, pois, o saber esvazia-se quando fragmentado. Contudo, a interdisciplinaridade não visa apenas à junção dos saberes das várias áreas do conhecimento, como também a contextualização dos conteúdos com a realidade dos alunos. (PONTUSCHKA, Nídia Nacib; PAGANELLI, Tomoko Iylda; CACETE, Núria Hanglei. **Para ensinar e aprender Geografia**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2009).

como a Geografia, História, Língua Portuguesa, Literatura, Biologia, Ciências, entre outras. Dessa forma, ao ser utilizada como instrumento didático, proporciona a construção do conhecimento em conjunto, abordando temas relacionados à realidade cotidiana.

O estudo de Veríssimo de Melo em *Literatura de cordel visão histórica e aspectos principais* (MELO, 1994), é um dos primeiros a destacar a influência do cordel na alfabetização de muitas pessoas, permitindo a estas o acesso ao mundo das letras. O folheto é considerado por ele como um meio que veicula informação, divertindo e ensinando o seu público leitor e/ou ouvinte. Dessa forma, o poeta popular é concebido como um educador, pressuposto defendido por Araújo (2007) em sua tese *A cultura dos cordéis: território(s) de tessitura de saberes*. A autora afirma que a literatura de cordel se constitui como um importante instrumento de problematização de questões sociais e culturais, a qual contribui para a aprendizagem possibilitando ao aluno desenvolver uma postura crítica perante a realidade.

Araújo (2007) assevera, ainda, que a linguagem poética do cordel veicula modos de ensinar e formas de aprender, contudo este gênero literário é ausente na grande maioria dos livros didáticos. Outro contraponto, como ressalta Silva (2007), na sua dissertação *Literatura de Cordel: um fazer popular a caminho da sala de aula*, é a desvalorização. Muitos professores consideram este gênero, como uma literatura menor, sem valor, não devendo ocupar espaço na sala de aula. Contudo, o autor defende que os folhetos permitem aos docentes e discentes voltarem-se para a cultura popular, refletindo sobre seus princípios, sua realidade e sua própria identidade.

A pesquisa realizada por Silva (2007) reafirma o potencial didático do cordel, o qual não se constitui como a “salvação” para o ensino, mas possibilita discutir assuntos sérios de uma forma descontraída e participativa. Desse modo, auxilia no processo de aprendizagem, uma vez que colabora para despertar o senso crítico do educando na compreensão da realidade social, histórica, política e econômica, em especial do Nordeste, como pondera Alves (2008) no artigo *Literatura de cordel: por que e para que trabalhar em sala de aula*. A autora é enfática ao asseverar que a literatura de cordel pode contribuir perfeitamente para uma educação voltada para a realidade.

Convergindo com essa afirmação, Silva *et al* (2010), no artigo *Literatura de cordel: linguagem, comunicação, cultura, memória e interdisciplinaridade* expõe que a adoção do cordel como recurso pedagógico, além do livro didático, permite a socialização dos conteúdos escolares com o cotidiano, de modo a possibilitar uma abordagem interdisciplinar. A contextualização dos conteúdos escolares com o cotidiano dos discentes permite a (re)construção de conhecimentos significativos, pois ao articular o saber, proveniente do senso comum, com o científico, o docente colabora para o desenvolvimento de uma leitura crítica do mundo.

Corroborando com este pensamento, Barros (2013), na monografia *O cordel enquanto ferramenta de ensino em geografia* assevera que a articulação do saber popular com o conhecimento escolarizado, proporciona o entendimento das complexidades locais, nacionais e mesmo mundiais. O autor vislumbra nos folhetos, a possibilidade de leitura do espaço geográfico sob a percepção dos poetas populares, fomentando, assim, a capacidade reflexiva dos alunos. Portanto, trata-se de um elemento didático e significativo, o qual pode estimular a compreensão espacial dos discentes.

3.1.2 O Cordel como objeto de estudo e o tema da informação

Curran (2003), no livro *A história do Brasil em cordel* assinala a literatura de cordel como uma poesia folclórica e popular que ao narrar os fatos acontecidos passa a documentar e registrar a história de um povo. O cordelista é apontado como um historiador e jornalista popular, o qual tece em seus versos a crônica de sua época. O autor é enfático ao afirmar que a partir da leitura dos folhetos é possível conhecer a história do Brasil, tão bem quanto, ao se utilizar os livros de História. Salientando que as narrativas acompanham as mudanças ao longo do tempo, contando em seus versos assuntos que, de alguma forma, despertam o interesse do povo, seja numa escala local, nacional e/ou internacional. Dessa forma, os folhetos passam a desempenhar um papel informativo, cujo teor pode ser comparado ao conteúdo das reportagens jornalísticas, como expõe Aquino (2007), na sua monografia *Literatura de cordel e jornalismo: a poesia popular como decodificador de informação*.

Aquino (2007) afirma que ambas as linguagens, jornal e cordel, veiculam informações e consideram que os poetas populares têm como referência, para compor seus versos, os textos jornalísticos, atribuindo as notícias novos códigos, transformando-

as para melhor compreensão do público leitor dos folhetos. O cordelista ao transformar os assuntos complexos em mensagem de linguagem simples, permite que esta seja compreensível por qualquer pessoa, independentemente de escolaridade ou classe social, como asseveram Assis, Tenório e Callegaro (2012), no artigo *Literatura de cordel como fonte de informação*. As autoras reforçam as discussões sobre potencial informativo e comunicativo dessa linguagem e apontam a riqueza de abordagens dos folhetos, os quais versam sobre diferentes temas e áreas do conhecimento.

3.1.3 O Cordel como objeto de estudo e o Meio Ambiente

A poesia popular vem ampliando as suas temáticas, passando a incorporar em suas narrativas assuntos reais e atuais que fazem parte do cotidiano do povo, como no caso das questões referentes ao Meio Ambiente. São discutidos temas complexos com uma linguagem fácil, permeada, muitas vezes, por um humor crítico, como pondera Acioli (2010) no artigo *Literatura popular como ferramenta para a educação ambiental*. Para ele, o cordel é um veículo de comunicação e informação, correspondendo a um ‘jornalismo popular’, no qual são registrados os acontecimentos reais, com uma linguagem simples, clara, direta e objetiva, transmitindo conhecimentos para o público leitor. O autor enaltece o trabalho dos poetas populares, ao se colocarem na condição de facilitadores e educadores, auxiliando no processo de abordagem e discussão das temáticas ambientais.

Dessa forma, evidencia-se a potencialidade deste gênero literário para discutir temas relacionados ao Meio Ambiente, como pondera Queiroz (2012), na sua dissertação *Cordel: um instrumento para a educação ambiental*. Na pesquisa, aponta-se a preocupação dos modelos econômicos tradicionais, apenas com a extração dos recursos naturais, os quais se valem, do falso conceito de os considerar “incomensuráveis e infinitos”. Essas práticas exploratórias desencadeiam desequilíbrios ambientais afetando a vida do planeta. Dentre os argumentos apresentados, mostra-se necessário promover uma educação ambiental, imbuída de ensinamentos que permitam uma ampla percepção e compreensão dos fatos e problemas socioambientais.

Queiroz (2012) defende a utilização do folheto como instrumento da ecopedagogia³, visando construir novos valores sociais, e conhecimentos voltados para

3 Embora o autor não apresente o conceito identificamos em Santana e Lima (2009, s/p) que a Ecopedagogia “surge dos preceitos da Ecologia [...] baseado na construção de valores, e, a partir de uma

a conservação do Meio Ambiente. Para ele, as narrativas permitem refletir e opinar sobre as questões socioambientais que afetam a qualidade da vida, auxiliando no desenvolvimento de posturas e ações de conscientização sobre o uso racional dos recursos naturais.

3.2 Algumas Divergências na Literatura de Cordel

Com bases nessas argumentações, inferimos que a literatura de cordel é um gênero literário com um amplo campo de estudo. Como possibilidade temos os “poemas de acontecido”, os quais, narram os fatos reais sob a percepção do poeta popular, compondo uma crônica de seu tempo (CURRAN, 2003). Logo, possibilita uma análise do contexto espaço-temporal no qual o cordel foi produzido, bem como, dos valores culturais do povo nordestino. Análises que tendem a fomentar o ensino e aprendizagem em Geografia.

Convém ressaltar que, no âmbito da Literatura de Cordel, existem contrapontos entre os autores, concernente à definição de poesia popular. Raymond Cantel, Manoel Diégues Junior, Câmara Cascudo e Roberto Benjamim, citados por Veríssimo de Melo (1994), consideram como poesia popular legítima as de autoria de poetas analfabetos e/ou semianalfabetos. Eles observam que, a formação acadêmica tende a influenciar os escritos, conferindo-lhes um caráter erudito, esvaziando-se da sabedoria do povo nordestino, alheios a essa vivência, versejam sem a força, espontaneidade, beleza e verdade que eclodem das expressões genuinamente populares.

Melo (1994) pondera que o poeta popular é uma expressão da região, do seu povo, com uma linguagem própria e sabedoria secular. Defendendo que a pureza e essência dos versos residem na modéstia e singeleza da palavra rimada, espontaneamente embebida de uma ideologia compartilhada pela grande massa de nordestinos, resguardando a naturalidade e autenticidade do “ser popular” como reconhece o autor. Podemos observar, então, que Melo (1994), relativiza a influência da formação acadêmica sobre o produto literário e, conseqüentemente, sobre a definição do que é ser poeta/poesia popular.

visão ecossistêmica [...] podendo ser definida como a educação para a sustentabilidade” (SANTANA, Joseane Moura; LIMA, Carlos César Uchoa. **A inserção dos princípios da ecopedagogia no currículo escolar:** uma proposta de educação para a sustentabilidade. ANAIS... Seminário Internacional “experiências de agenda 21: os desafios do nosso tempo”. Ponta Grossa – PR, 2009).

Outro ponto de controvérsia reside no modo de veiculação da Literatura de Cordel. Araújo (2007) destaca que o desenvolvimento dos meios de comunicação de massa comprometeu a comercialização dos folhetos, direcionando a tendência de adaptação às novas tecnologias, inserindo-os no espaço virtual. Para alguns poetas o computador é visto como um instrumento que auxilia na divulgação das narrativas, ampliando o acesso do público-leitor. Contudo, existem ressalvas por parte de outros cordelistas, ao compreenderem o cordel virtual como uma descaracterização, pois identificam a modificação quanto estilo e formato, bem como, os meios de circulação, considerados tradicionais (feiras, praças, mercados). Dessa forma, existem proposições contrárias à influência da tecnologia contemporânea sobre essa forma de linguagem, pois a consideram como fator de perda da sua originalidade.

Cientes desses debates que permeiam a Literatura de Cordel, não almejamos aprofundarmo-nos nessas discussões, nem tomar posição contrária ou favorável acerca das diferentes concepções sobre a poesia popular. A proposta deste trabalho, consiste em avaliar a dimensão educativa do cordel apontando as possíveis contribuições desse gênero literário para o processo de ensino e aprendizagem na disciplina de Geografia. É levada em consideração a potencialidade das narrativas para o esclarecimento dos temas geográficos, sejam elas produzidas por poetas populares tradicionais ou por cordelistas egressos do meio acadêmico, veiculado no meio virtual ou não.

3.3 O Cordel como representação da realidade

Os textos literários apresentam uma dimensão ficcional, ou seja, são produzidos a partir do imaginário do Autor, contudo, isto não significa que todos os eventos abordados sejam fantasiosos. As produções literárias aliam habilidade, criatividade e sensibilidade para compor seus enredos, misto de fantasia e realidade. Clássicos da literatura como *Inocência* (1872), de Visconde de Taunay, narra com riqueza de detalhes a paisagem do Cerrado, descrevendo costumes e hábitos que dão vida ao cenário realista da vida sertaneja, com ênfase ao patriarcalismo. As questões temáticas envolvendo a sociedade patriarcal também são bastante recorrentes no cordel, principalmente nos tradicionais. O poeta popular revela nas narrativas, o seu modo de pensar, agir e compreender o mundo com base numa ideologia, a qual é compartilhada por uma coletividade.

A literatura e o cordel possibilitam ao leitor várias interpretações sobre uma mesma realidade, construindo argumentos que ora convergem, ora divergem sobre os fatos apresentados. A leitura das narrativas permite uma discussão mais aprazível, correlacionando os fenômenos geográficos com o cotidiano.

As narrativas apresentam o imaginário popular nordestino, expressando o seu modo de pensar, agir e compreender o mundo. Os poetas forjam seus versos a partir de suas experiências e vivências, condensando nas palavras sentimentos de euforia, religiosidade, valentia, conservadorismo, indignação e crítica. A poesia popular revela o comportamento dos nordestinos frente à áspera luta pela sobrevivência, a convivência aflitiva com a seca, mas sem perder a sua fé e esperança. As lágrimas, sorrisos, artimanhas e proezas dão vida ao personagem “João Grilo”⁴ e tantas outras figuras ficcionais participantes de uma trama elaborada, a partir da realidade, vivenciada por muitos sertanejos.

3.3.1 Tecendo saberes a partir da poesia popular

Denotamos, a figura do poeta popular como aquele que registra através dos seus textos a imaginação, o sofrimento, a resistência e a devoção do povo nordestino, materializando em seus versos um conjunto de saberes, crenças e valores tecidos ao longo do tempo e no decorrer das experiências vivenciadas pelos sujeitos. A leitura e análise das narrativas proporcionam uma reflexão sobre a realidade social, de modo a possibilitar a construção de um conhecimento associado às representações dos alunos. Este é o direcionamento pontuado por Silva et al (2010), ao observar que cordel permite estabelecer um diálogo entre os saberes escolares e o cotidiano. Essa relação dialógica já era apontada por Melo (1994), ao analisar o papel educativo, desempenhado pelo cordel, ao possibilitar, com ímpeto, o primeiro contato com o mundo das letras; em suas palavras: “numa época em que as cartilhas eram raras e não chegava gratuitamente ao homem rural, os folhetos cumpriam espontaneamente esta alta missão social” (Literatura de cordel [...], p.20). Araújo (2007, p.) converge com esse pensamento ao propor “que o poeta de cordel é um educador”, pois, com seu jeito simples e peculiar,

⁴ O folheto *Proezas de João Grilo* é de autoria de João Ferreira de Lima, escrito em 1948, possui uma narrativa com caráter lúdico e irônico descrevendo as façanhas de João Grilo, um típico anti-herói popular, “pequeno, magro e sambudo”, porém astuto, irreverente e de “bom coração”. O personagem de João Grilo foi usado por outros poetas como João Martins de Ataíde, Paulo Nunes Batista e Antônio Pauferro da Silva, o qual adquiriu renome internacional ao ser utilizado por Ariano Suassuna na peça “O Auto da compadecida” (FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA, disponível em: <www.casaderuibarbosa.gov.br> Acesso em 10/12/2014).

constrói suas narrativas a partir da sua leitura de mundo, veiculando modos de ensinar e aprender. Silva (2007) reforça essa afirmação e evidencia, a partir de uma experiência em sala de aula, o potencial deste gênero literário como instrumento didático-metodológico, constituindo-se como um meio de aprendizagem e conscientização.

Podemos observar que as discussões apresentadas pelos autores sobre a temática são distintas, porém a partir da dimensão educativa da Literatura de Cordel, é possível estabelecer um fio condutor para desenvolver um diálogo entre eles. A partir dessas proposições, podemos asseverar a poesia popular como um recurso didático importante, constituinte no auxílio da contextualização dos conteúdos escolares com a realidade. Portanto, os versos dos folhetos não exprimem apenas a beleza das rimas, eles nos ensinam.

É inegável o papel do cordel, enquanto veículo disseminador de informação, ao desempenhar, muitas vezes, uma função didática de alfabetização entre as camadas populares. Contudo, convém destacar que algumas narrativas podem, ao invés de educar, proporcionar a deseducação, caso estas não sejam trabalhadas adequadamente. Como exposto anteriormente, os textos são elaborados a partir da concepção do poeta, os quais são influenciados, direta ou indiretamente, pelo contexto social no qual se encontra inserido. Tal influência lhe conduz a assumir uma postura crítica ao *status quo*, ou mesmo conservadora, defendendo os interesses do Estado.

Deve-se ponderar sobre o fato dos textos expressarem a percepção de mundo do cordelista, em determinado contexto espaço-temporal, revelando as crenças e os valores compartilhados pela coletividade. Os cordéis, principalmente os mais antigos, disseminam mensagens entrelaçadas à concepções tradicionais e conservadoras, as quais muitas vezes são ofensivas, evidenciando preconceitos raciais, de gênero, religião, entre outros. Entretanto, estes não anulam o seu teor educativo, pelo contrário, encerram um leque de possibilidades didáticas a partir da desconstrução das narrativas, impulsionando um processo de reflexão e questionamentos, como também, possibilitam conhecer as concepções de mundo criadas por determinada sociedade. Em todo caso, a literatura popular contribui para a aprendizagem, basta o educador desconstruir os textos para (re)construir o conhecimento.

Com base nesse paradigma, temos como exemplo o cordel *O retirante*⁵ (1916) de autoria de João Martins de Atayde, o qual retrata a aflição do sertanejo perante a longa estiagem, responsável pelo lento dizimar da vida no sertão, forçando-o a migrar. No decorrer da narrativa podemos perceber resquícios de racismo: ‘*além do sol quente / vem o cão de um negro / da cor de um morcêgo / perturbando a gente*’. A imagem do negro é relacionada ao feio e a cor da sua pele ao diabo, estereótipos presentes em muitos discursos, ora explícitos ora implícitos, disseminando um mal que precisa ser erradicado. Portanto, estes versos abrem margem para o docente enfatizar sobre o respeito às diferenças e a dignidade humana do negro, valorizando sua cultura e a sua história. Além de possibilitar uma discussão sobre o processo de migração, desencadeado pela seca, sob a ótica de Homens que viveram de perto os seus efeitos.

A prática educativa deve suscitar o respeito às diversidades culturais e às identidades, reconhecendo as heterogeneidades dos indivíduos, de modo a possibilitar uma relação dialógica (FREIRE, 2005) entre os sujeitos aprendentes. Como mencionado anteriormente, inexistente uma homogeneidade identitária e cultural: cada pessoa tem a sua própria história de vida. Esta particularidade é a formadora da nossa individualidade que nos diferencia dos demais, porém, este mesmo processo de formação nos aproxima, na medida em que a nossa identidade é tecida a partir do contato com o Outro, com o diferente (ARAÚJO, 2007). O ensino de Geografia ao fomentar o respeito às alteridades⁶ propicia a constituição de valores essenciais para a construção da cidadania.

3.4 Considerações Parciais

Neste capítulo, argumentamos que as possibilidades de pesquisas com a literatura de cordel, são amplas e profícuas, comprovando assim, a viabilidade e potencialidade da poesia popular na construção e ressignificação dos conhecimentos. Esta literatura apresenta a abordagem de diversas temáticas (sociais, políticas, econômicas, ambientais), as quais possibilitam promover discussões articuladas com os conteúdos geográficos, numa perspectiva interdisciplinar.

⁵ O cordel está disponível no acervo digital da Fundação Casa de Rui Barbosa.

(<<http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=RuiCordel&pasta=&pesq=O%20Retirante>>)

⁶ A noção de alteridade se refere à possibilidade de reconhecimento de si mesmo no lugar do outro, respeitando as diferenças e valorizando a dignidade humana (MOLAR, Jonathan de Oliveira. **A alteridade na educação**: conceito em construção. Revista NUPEM, Campo Mourão, v.3, n. 5, ago/dez 2011).

No que concerne a Geografia escolar, este gênero literário contribui ao possibilitar que o aluno compreenda a complexa realidade atual, desigual e contraditória, de modo, a promover o respeito e a valorização das diversidades culturais/identitárias, proporcionando, assim, a formação de cidadãos plenos, autônomos e críticos. Asseveramos que, a Literatura de Cordel, se constitui como um importante meio capaz de auxiliar na mobilização dos conteúdos escolares com a vivência dos educandos, valorizando suas experiências, de modo, a estabelecer um diálogo entre o livro didático e o mundo cotidiano.

4 AS QUESTÕES AMBIENTAIS SOBRE O PRISMA DOS POETAS POPULARES: ANÁLISES E PROPOSTAS METODOLÓGICAS

Neste capítulo, apresentamos a análise dos quatro folhetos elencados para o estudo, referentes às questões ambientais, e discutimos sobre o potencial didático das narrativas para a explanação das temáticas do desmatamento, aquecimento global, escassez de água e as interferências nos Ecossistemas. A partir da discussão dos temas, sugerimos possíveis propostas didáticas e um projeto interdisciplinar, visando demonstrar a dimensão educativa deste gênero literário.

Procuramos analisar os conteúdos dos folhetos, a partir do conceito de sistema, compreendendo que ele, atualmente, é o “melhor instrumento lógico de que dispomos para estudar os problemas do meio ambiente”, pois permite uma atitude dialética entre a necessidade de análise e a visão em conjunto (TRICART, 1977, p. 19). Apontamos, ainda, que para o ensino, estas exposições auxiliam na construção de uma leitura de mundo mais abrangente, ao permitir superar as dicotomias e compreender a interdependência entre as comunidades bióticas e o ambiente abiótico, cada qual influenciando nas propriedades um do outro, sendo estas interações necessárias para a conservação da vida na Terra (ODUM, 2013).

4.1 Análise do Folheto *Terra o nosso planeta pede socorro*

O folheto *Terra o nosso planeta pede socorro* (2005) é de autoria de Gonçalo Ferreira da Silva, poeta, contista e ensaísta, cuja obra prima pela beleza das imagens e pelo domínio da forma em seus textos. Sua obra reúne cerca de 200 títulos (FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA⁷). O cordel em análise (FIGURA 1) apresenta uma abordagem enfática sobre temas referentes às questões ambientais, dando ênfase ao desmatamento. Para facilitar a discussão da temática, selecionamos os versos de acordo com a sua relevância para a explanação dos conteúdos. Convém destacar, que o poeta ao produzir seus textos não segue normas específicas, a narrativa flui espontaneamente. Como mencionado anteriormente, o cordel emerge do saber popular, sendo este, como asseveram Marconi e Lakatos (2003), instituído pela informalidade e superficialidade. Desse modo, cabe ao educador selecionar e organizar os dados para

⁷ FUNDAÇÃO CASA DE RUI BARBOSA. **Gonçalo Ferreira da Silva**. Disponível em: <www.casaruibardosa.gov.br> Acesso em 10/12/2015.

promover uma abordagem mais clara e objetiva, a partir do diálogo entre o conhecimento vulgar e o escolar.



Figura 1: Capa do folheto “*Terra o nosso planeta pede socorro*”.

Gonçalo Ferreira (2005) introduz sua narrativa fazendo referência ao *Big Bang* assinalando-o como “o instante inicial / que teria resultado / no universo atual” nos remetendo a pensar sobre o longo processo de formação do Planeta e como as ações humanas, em um curto período de tempo, o tem degradado. Convém destacar a presença do dualismo entre a ciência e a religião expressa nos seguintes versos: “surgiu a Terra, enviada / por celestial arcano”. Ao se abordar as teorias sobre a constituição do Universo e do Planeta Terra, essas discussões devem ser evidenciadas; salientamos que o diálogo, entre as disciplinas de Geografia e Física, pode auxiliar na explanação dessa temática.

Outro ponto interessante, que merece ser destacado no folheto, é a simulação de um diálogo, entre o poeta e a Terra, a qual desabafa suas súplicas. Gonçalo Ferreira (2005) utiliza sua imaginação e criatividade para construir seu texto a partir do “pedido de socorro” do Planeta.

[...]
*Subi com as asas da alma
 À uma altura prudente
 Para conversar com a Terra
 De modo conveniente;
 Tentar ouvir sua voz
 Sentir o que Ela sente.*

*Para entrar em sintonia
 Não foi tão simples assim;
 Mas ao cabo de uma hora
 De meditação, enfim
 Ouvi a voz do planeta
 Fluindo dentro de mim.*

*“Há muito fiz um apelo
 Mas ninguém quis escutar:
 - Não matem minhas florestas
 Para não me devastar,
 Parem com tantas queimadas,
 Eu preciso respirar”.*

*A Terra silenciou
 Porém comovida
 Sua voz era de súplica,
 Sua fala era sumida
 Como arrancado do peito
 O último sopro de vida.
 [...]*

Os versos expõem a preocupação do poeta com a devastação e agressão que o Planeta vem sofrendo ao longo do tempo comprometendo o equilíbrio ecológico e ameaçando as formas de vida. O comprometimento está na relação entre a cobertura vegetal e a manutenção da vida, como esclarece Odum (2013), a fotossíntese é “geradora de oxigênio”, o qual possibilita o desenvolvimento das formas de vida existentes no Planeta. Deixando transparecer a sua revolta perante esta situação, de modo que os leitores tomem conhecimento do clamor da Terra e possam também se indignar com a degradação dos bens naturais. Gonçalo Ferreira ressalta que o Planeta precisa da sua cobertura vegetal, protegendo o solo, os mananciais e os animais.

[...]
*Para proteger as águas
 Dos nossos mananciais
 Ao longo de suas orlas
 Alimente vegetais
 Para proteger a terra
 Das erosões naturais.*

*Eu não preciso ser mestre
 Em ciências naturais
 Para saber que a Terra
 Carece de vegetais
 Para proteger a fauna
 E os próprios mananciais.
 [...]*

Gonçalo Ferreira apresenta de forma clara a importância da cobertura vegetal para a manutenção do equilíbrio dos ecossistemas. Moran (2010) assevera que as florestas são grandes fixadoras de energia solar, promovem a fixação de carbono, purificam o ar e mantêm o equilíbrio entre o oxigênio e o dióxido de carbono, além de liberar o vapor de água, o qual dá origem à formação de nuvens, retornando a superfície em forma de precipitação. Salienta, ainda, que elas protegem o solo da lixiviação e da erosão, dificultando o escoamento superficial e, conseqüentemente, o assoreamento dos rios, como também facilitam a penetração da chuva no solo, reabastecendo o lençol

freático. Contudo, apesar do papel fundamental desempenhado pela vegetação, a mesma vem sendo degradada pela ação humana, mediante a prática do desmatamento.

[...]
*Hoje uma grande metrópole
 Já foi imensa floresta
 Onde a vida florescia,
 A fauna vivia em festa
 Dessas naturais riquezas
 Somente a saudade resta.*
 [...]
*Portanto medida drástica
 Há que ser posta em ação
 Proibindo no planeta*

*A cruel devastação
 Que provocará em breve
 A desertificação.*

*Sabemos que a erosão
 Se dá com o desmatamento
 O solo desprotegido
 Até a ação do vento
 Poderá comprometer
 O seu aproveitamento.*
 [...]

Os versos apontam que a vegetação vem sendo substituída por camadas de asfalto, de modo a desencadear a destruição dos habitats e a degradação do solo. A retirada da vegetação, para ceder espaço para os cultivos de lavouras, pecuária, exploração da madeira, celulose, contribuem para a perda da biodiversidade e destruição dos *habitats*, fazendo emergir a ameaça da extinção de espécies. A prática do desmatamento ocasiona a degradação dos ecossistemas desencadeando desequilíbrios. Como mencionado pelo poeta: a “Terra carece de vegetais/ para proteger a fauna/ e os próprios mananciais”, ao dirimir o “verde exuberante” o Planeta vai perdendo a sua proteção, sucumbindo a mais “cruel devastação”.

Como assevera Dorst (1973, p.19), o Homem desde a sua “aparicação sobre a Terra” tem provocado desequilíbrios ambientais. Dessa forma, é importante compreender que os impactos sobre a Natureza datam de tempos longínquos e se acentuam conforme o “domínio progressivo” dos grupos humanos sobre o mundo. O autor salienta que a ação do Homem primitivo, ao derrubar árvores para abrir clareiras e realizar cultivos, se constitui como uma das primeiras atividades de devastação dos bens naturais.

Na medida em que a cobertura vegetal vai sendo devastada, o solo fica exposto e desprotegido, susceptível aos processos erosivos. Primack e Rodrigues (2001, p.94) salientam que as progressivas degradações da cobertura do solo, provocadas pela ação humana, dificilmente são reversíveis, e podem culminar na formação de “desertos artificiais”, processo conhecido como desertificação.

A ação do Homem tem desencadeado impactos que interferem nas relações ecológicas; como pontua o poeta, a devastação “alcançou nível tão alto” que a existência das formas de vida do Planeta está ameaçada. Gonçalo Ferreira (2005) alude que “a situação da Terra / é extremamente grave”, portanto, urge a tomada de decisões que visem minimizar as agressões das atividades humanas ao meio ambiente.

[...]
O Tratado de Kioto
Brilhantemente inspirado
Mas respeitada potência
Não assinando o Tratado
Resultou, infelizmente,
Parcialmente frustrado
 [...]
As águas, os vegetais
Terão que ser preservados,
Com esforço alcançaremos
Excelentes resultados
Com ou sem assinaturas
De acordos, de tratados.
 [...]
Vamos, pois, enquanto é tempo
Parar com tanta imprudência
Senão o nosso planeta

Vai perder a paciência
E às agressões sofridas
Responder com violência.
 [...]
As tsunames e o rastro
Mortal de destruição,
O devastador Katrina,
O mais mortal furacão,
O murro que a Natureza
Aplicou no Paquistão

São provas de que a Terra
Achou que chegou a hora
Não somente de botar
Suas asinhas de fora
Mas dar aos engraçadinhos
Uma resposta sonora.
 [...]

Gonçalo F. da Silva (2005) assinala em seus versos que acordos, como o Protocolo de Kioto, visando diminuir a emissão de gases poluentes na atmosfera, foram propostos, no entanto, a superpotência, Estados Unidos, se recusou a assiná-lo. Contudo, como assevera o poeta, a proteção dos bens naturais não depende apenas de assinaturas de tratados, mas da ação e mobilização das pessoas em prol da preservação e conservação do Meio Ambiente. O cordelista aponta que se as agressões continuarem o Planeta vai perder a paciência e responder as agressões com violência, alegando que “a Terra achou que chegou a hora/ de botar as suas asinhas de fora”. Dessa forma, os fenômenos naturais são compreendidos como castigo pelas más ações, concepção que precisa ser reformulada. Estas exposições são interessantes, por proporcionar questões de debate de ideias.

Os fenômenos naturais devem ser compreendidos como elementos da dinâmica natural do Planeta. A atividade tectônica ao deformar a crosta continental, proporciona a sua reciclagem e reconfiguração, estruturando a paisagem (CHRISTOPHERSON, 2012,

p. 359). Contudo, esses eventos ao atingirem lugares habitados, passam a ser considerados como desastres naturais, desencadeando perdas humanas e materiais.

Outro ponto a ser questionado, encontra-se relacionado à Floresta Amazônica, sobre a qual se criou o mito do “Pulmão do Mundo”, como podemos verificar nos seguintes versos: “Fica o pulmão do planeta / no coração do país / que Deus nos deu de presente”. Como esclarece Meirelles Filho (2004, p. 28), a Amazônia não é o “Pulmão do mundo”, pois como se trata de “um bioma em equilíbrio dinâmico, onde há tanto árvores jovens como maduras, o que se produz (oxigênio) praticamente se consome”. Convém destacar, que ela é fundamental ao equilíbrio climático da Terra, atuando como regulador de diversas funções vitais; intervenções mal planejadas nesta floresta, desencadearão mudanças ambientais numa escala planetária.

O cordel *Terra o nosso planeta pede socorro* (2005) possibilita uma profícua discussão, evidenciando a importância da cobertura vegetal para o sistema natural e as consequências do desmatamento. A retirada da vegetação ocasiona a destruição de habitats e coloca em risco de extinção, espécies da fauna e da flora, além de deixar o solo suscetível aos processos erosivos, podendo desencadear o processo de desertificação. O folheto, permite ainda ao docente, desmistificar informações, as quais são veiculadas pelos meios de comunicação e, por vezes, são fragmentadas e superficiais (ACIOLI, 2010), como o caso do conceito de “Pulmão do Mundo”. O debate das questões ambientais pode fomentar a mudança de hábitos e ações comprometidos com a sustentabilidade ambiental.

4.1.1 Sugestão didática para a narrativa “*Terra o nosso planeta (...)*”

O cordel *Terra o nosso planeta pede socorro* (2005) pode contribuir significativamente para a explanação do tema do desmatamento, fornecendo-nos importantes elementos para discutir os problemas desencadeados por essa atividade humana. Com uma linguagem, simples e clara, o poeta popular expõe a sua percepção sobre a temática, tecendo críticas ao uso predatório dos bens naturais. Dessa forma, vislumbramos na narrativa, possibilidades didáticas que contribuem para a contextualização do conteúdo dos livros didático com o saber popular.

No livro *Conexões: estudos de Geografia geral e do Brasil*, o desmatamento é abordado de forma clara, no entanto, resumida. Essa prática é assinalada como resultante da ação predatória do Homem sobre a Natureza, na medida em que as

“atividades econômicas avançavam, diminuían as florestas” e assim, desencadeavam “danos [...] prejudiciais à manutenção da biodiversidade” (TERRA, ARAÚJO & GUIMARÃES, 2010, p. 258-259).

A partir dessa lacuna, reconhecemos que o referido cordel pode auxiliar na discussão desse tema, complementando o conteúdo do livro didático e possibilitando estabelecer um diálogo entre os saberes escolares e o senso comum. O docente ao trabalhar com o desmatamento pode discutir a realidade do aluno, induzindo-o a refletir sobre os efeitos negativos dessa prática para o contexto local, regional e global.

O professor deve contextualizar o conteúdo do livro didático e da narrativa, de modo, a evidenciar a importância da cobertura vegetal para o equilíbrio do sistema natural da Terra, expondo as funções vitais, desempenhadas pela vegetação, para assegurar a manutenção e qualidade de vida no Planeta. A partir dessa exposição, enfatizar que as atividades humanas vêm promovendo a destruição de habitats desencadeando problemas ambientais. O aluno deve ser induzido a compreender como o desmatamento interfere no equilíbrio ecológico, tendo como base a leitura e interpretação do cordel, correlacionando assim, o saber escolar e o popular.

Ao apontar as causas e as consequências do desmatamento, é preciso destacar que extensas áreas de florestas estão sendo devastada, cedendo espaço para as atividades agropecuárias e para a expansão urbana. Buscar, junto com o educando, identificar os impactos da retirada da cobertura vegetal para o Meio Ambiente, discutindo como esses problemas comprometem a diversidade biológica dos ecossistemas.

O desmatamento é uma prática que coloca em risco a biodiversidade e degrada os solos e mananciais, desencadeando desequilíbrios, os quais comprometem os biomas brasileiros. Um dos biomas mais ameaçados por esta atividade é a Caatinga, cuja vegetação vem sendo desmatada e substituída por pastagens e cultivos, além da exploração da madeira como combustível. Esta é uma situação pertinente à realidade dos alunos, a qual precisa ser evidenciada na sala de aula, revelando a problemática provocada por essa atividade, cujos danos ameaçam a produtividade do solo, podendo culminar na desertificação. Problemas ambientais que colocam em risco a vida no Planeta.

O docente, ao aproximar o conteúdo debatido em sala com a realidade dos alunos, proporcionará a construção de conhecimentos mais significativos, de modo, que os alunos serão capazes de reconhecer essa problemática no seu lugar, compreendendo-a em sua complexidade. Dessa forma, os discentes são estimulados a discutirem ações, que visem dirimir e combater os desmatamentos, assumindo um posicionamento crítico perante essas questões. Indicamos uma sequência didática, organizada no esquema 1(FIGURA 2), como proposta de discussão do tema desmatamento.

Sequência didática para discussão do tema “Desmatamento”

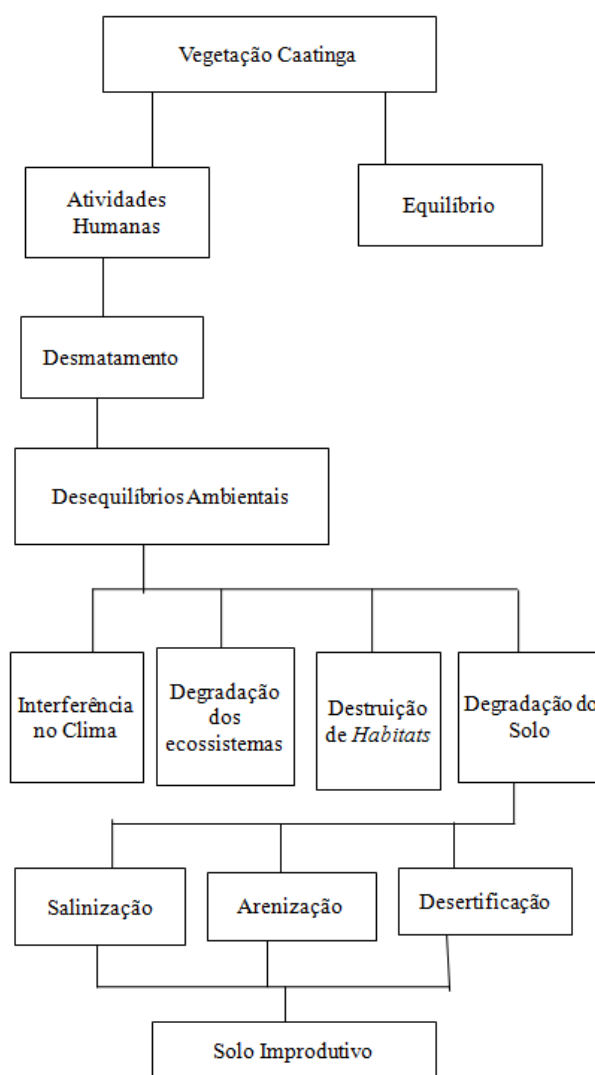


Figura 2 – Organograma - Vegetação e Meio Ambiente.
Fonte: Autoria própria.

A vegetação desempenha funções na manutenção do equilíbrio natural, ela fixa energia solar e carbono, protege o solo da erosão, influencia no clima e permite maior

infiltração abastecendo o lençol freático. Entretanto, apesar do papel fundamental realizado pela cobertura vegetal, esta vem sendo degradada pelas atividades humanas, como o desmatamento. Extensas áreas de florestas cederam espaço para estradas, cultivos de lavouras e pecuária, a exploração abusiva desse bem natural tem desencadeado desequilíbrios ambientais, na medida em que interfere no clima, causando instabilidades climáticas e alterações nas interações entre o meio biótico e abiótico, provocando a degradação dos ecossistemas. Na Caatinga, o desmatamento devastou grandes áreas, destruindo *habitats* e colocando em risco a biodiversidade. A remoção da cobertura vegetal deixa o solo desprotegido e suscetível aos processos de salinização, arenização e desertificação, tornando-se improdutivo.

4.2 Análise do folheto *Aquecimento global o fim do planeta terra*

O cordel *Aquecimento global o fim do planeta terra* (2010), de autoria de João Peron, poeta e escritor. O folheto (FIGURA 3) discute a temática em foco com objetividade e seriedade, enfatizando que “os seres humanos / vão se alto destruir” mediante as ações de degradação dos bens naturais rompendo o equilíbrio ecológico e ameaçando as forma de vida existentes do Planeta. O cordelista assinala que as questões ambientais estão sendo bastante discutidas pela mídia, no entanto, “pouca gente da ouvido” e dessa forma, os desmatamentos, queimadas e poluição vão prosseguindo e “pouco a pouco” a Natureza “vai se acabando”.

[...]
 Não posso ligar o rádio
 Assistir televisão
 A terra vai ser acabada
 Com todo sua criação
 Coisas acontecendo
 E ninguém da atenção
 [...]

Figura 3: Capa do folheto “*Aquecimento global o fim do planeta terra*” .



Nestes versos, o poeta expressa sua preocupação com a deterioração da Natureza e, principalmente, com a falta de mobilização em prol da preservação ambiental. Peron (2010) denuncia que a Terra está doente, perecendo “aos poucos” e “ninguém se manifesta”, as “fábricas e automóveis” estão “deixando o ar poluído” e, assim, dia após dia “a mãe terra/ bastante tá sofrendo”. A excessiva concentração de gases na atmosfera, como o Gás Carbônico (CO₂), Vapor de Água, Metano (CH₄), Óxido Nitroso (N₂O) e os compostos de Clorofluorcarbono (CFC), interferem no efeito estufa intensificando-o (BAIRD,2002).

Convém esclarecer que os chamados gases de efeito estufa, funcionam “como uma estufa ou uma casa de vegetação, que é transparente à luz do sol, mas que aprisiona a energia uma vez que ela é transformada em calor” (PRIMACK & RODRIGUES, 2001 p. 113). Graças a esse fenômeno, o planeta apresenta condições favoráveis para o desenvolvimento da vida. A questão preocupante é a crescente concentração desses gases na atmosfera, provenientes da atividade humana, os quais podem interferir no clima da Terra, desencadeando um aquecimento global.

Molion (200, p. 7) esclarece que a “hipótese do efeito estufa intensificado é fisicamente simples: quanto maior for a concentração desses gases-traços, maior será o aprisionamento de radiação de ondas longas e, conseqüentemente, mais alta a temperatura do planeta”. Dessa forma, a Terra passa a ser superaquecida desencadeando mudanças climáticas que culminam no aquecimento global, assinalado pelo poeta como o “fim do planeta terra”.

[...]
 O sol irá esquentar
 Em uma temperatura
 Quem não tiver protegido
 Fica cheio de assadura
 Eu não estou mentindo
 É a verdade pura
 [...]
 Com os raios solares
 Queimando os vegetais
 Doenças incuráveis
 Tirando nossa paz
 Comovo com vítimas
 Só eles os animais

Ficará difícil
 Encontrar alimentos
 Chuvas fora de épocas
 Tempestades com ventos
 Isso tudo por volta
 De dois mil e quinhentos
 Não em todo nordeste
 Em alguma região
 Chuvas não vão criar
 Milho, arroz e feijão
 Em um enorme deserto
 Terá em nosso sertão
 [...]

Nos versos apresentados João Peron (2010) aponta a instabilidade climática desencadeada pelo aquecimento global, afetando diretamente a fauna, flora e o ser humano, o qual fica propenso a patologias cutâneas devido à intensa radiação solar. Destacando, também, o acréscimo de temperatura em uma região, e fortes chuvas com tempestades de ventos em outras, anormalidades que tem, como uma das consequências, o degelo das geleiras e calotas polares repercutindo no aumento do nível do mar. O poeta ressalta que muitas coisas estão acontecendo “só mesmo um cego / pra isso não ta vendo”, as atividades humanas degradando os bens naturais.

[...]
*A Amazônia coitada
 Que bela floresta
 Se ver o blá blá blá
 Ninguém se manifesta
 E do miolo da mata
 Pouquíssimo lhe resta*

[...]
*Amazônia não para
 É noite e é dia
 Motor serra serrando
 Dentro da serrarias
 O que tira e não bota
 Acaba meu vô dizia
 [...]*

Como enfatiza João Peron (2010) a Floresta Amazônica vem sendo desmatada e devastada. Várias espécies, vegetal e animal, foram e estão sendo dizimadas pelas práticas ilegais de derrubada da mata. Extensas áreas desmatadas, para assegurar a acumulação de capital dos grandes empresários, madeireiros e agropecuaristas, impulsionados pelo crescente empoderamento econômico de grupos hegemônicos no sistema capitalista. Fearsinde (2002, p. 99) esclarece que grandes áreas da floresta “estão sendo desmatadas para agricultura e pecuária” ação que é acompanhada por “incêndios florestais e queimada de capoeiras, pastagens, e diferentes tipos de savanas”. O fogo na Amazônia brasileira é responsável pela emissão de grandes quantidades de gases-traços na atmosfera, uma vez que, a queima das árvores produz o dióxido de carbono. Convém destacar que a queimada é uma prática antiga e recorrente no país, constituindo-se como uma das principais atividades que contribuem para a intensificação do efeito estufa.

João Peron (2010) demonstra em seus versos a sua indignação perante as atividades de degradação da cobertura vegetal ressaltando que muito se discute sobre o problema, no entanto, poucas são as medidas tomadas para combatê-lo e alerta “a coisa ficará preta” se não houver mudanças de posturas e ações.

[...]
Os rios poluídos
Peixes, aves morrendo
O povo não ta cego
Sei que eles estão vendo
Até quando essa desgraça
Ficará acontecendo

[...]
Faço minha parte
Usando a imaginação
Qual será o futuro
Da próxima geração
Precisa-se para ontem
Urgente uma solução

O cordelista é enfático ao afirmar que é essencial o desenvolvimento de medidas mitigadoras da degradação ambiental, pois, não é aceitável, nem tolerável, que nos acomodemos com esta situação, precisamos, mas do que palavras, de ações de comprometimento e responsabilidade. O poeta fez sua parte, com sua arte nos proporcionou importantes informações, agora é necessário mobilizá-las e transformá-las em conhecimentos que impulsionem novas posturas e atitudes perante as questões ambientais.

O cordel *Aquecimento global o fim do planeta terra* (2010), proporciona uma abordagem interdisciplinar entre as disciplinas de Geografia, Biologia, Química, visando à construção conjunta do conhecimento, ressignificando os saberes oriundos das experiências dos alunos. Destacamos ser importante, o professor ao trabalhar a temática do aquecimento global, evidenciar a polêmica que permeia essa teoria, aquecimento ou resfriamento global. Como esclarece Molion (2001), essa divergência reflete a falta de conhecimento preciso sobre a variabilidade do clima, em longo prazo, ao que, contudo, isso não pode ser utilizado como argumento para a não mobilização pela conservação do Planeta.

4.2.1 - Sugestão didática para a narrativa “*Aquecimento Global (...)*”

O cordel *Aquecimento global o fim do planeta terra* (2010) apresenta a temática de forma clara e objetiva, tecendo críticas e cobrando solução para o problema. As atividades humanas (desmatamento, queimada, poluição, emissão de gases poluentes) são assinaladas como responsáveis pelas alterações nas interações dinâmicas do meio biótico e abiótico, desencadeando a quebra do equilíbrio ambiental. João Peron é enfático ao afirmar que “os seres humanos / vão se alto destruir”, pois suas ações de

degradação provocam desequilíbrios, como o aquecimento global, apontado pelo cordelista como o “fim do planeta terra”.

No livro *Conexões: geografia geral e do Brasil* (2010), o aquecimento global não é abordado de forma sistemática, aparecendo apenas como tema de questões dos Vestibulares e do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Esta lacuna reforça o argumento de Oliveira (1998), ao afirmar que o livro didático não deve ser compreendido como a “bíblia” dos professores, mas como um instrumento de apoio ao trabalho docente. As informações do livro devem ser questionadas e complementadas, o que não desmerece o seu potencial didático, mas o reforça.

Neste pensar, propomos que o professor ao trabalhar o conteúdo: *Dinâmicas Climáticas*, insira a discussão do aquecimento global, para que os alunos compreendam como as “mudanças no clima alteram o ambiente e a vegetação” (TERRA, ARAÚJO & GUIMARÃES, 2010, p. 153). As atividades humanas têm provocado a intensificação do efeito estufa, repercutindo no aquecimento global, o qual desencadeia alterações climáticas, intensificando a seca em algumas regiões e fortes chuvas e tempestades em outras. As consequências desses desequilíbrios são catastróficas para os organismos e para o ambiente, tema bem abordado por João Peron (2010) em seu cordel, o qual tende a enriquecer e complementar a discussão. Ressaltando a importância de evidenciar a polêmica que envolve essa tese: aquecimento ou resfriamento global.

No esquema 2 (Figura 4) elaboramos uma sequência didática para discutir o aquecimento global, articulando o conteúdo do livro didático ao saber popular da narrativa.

Seqüência didática para discussão do tema “Aquecimento Global”

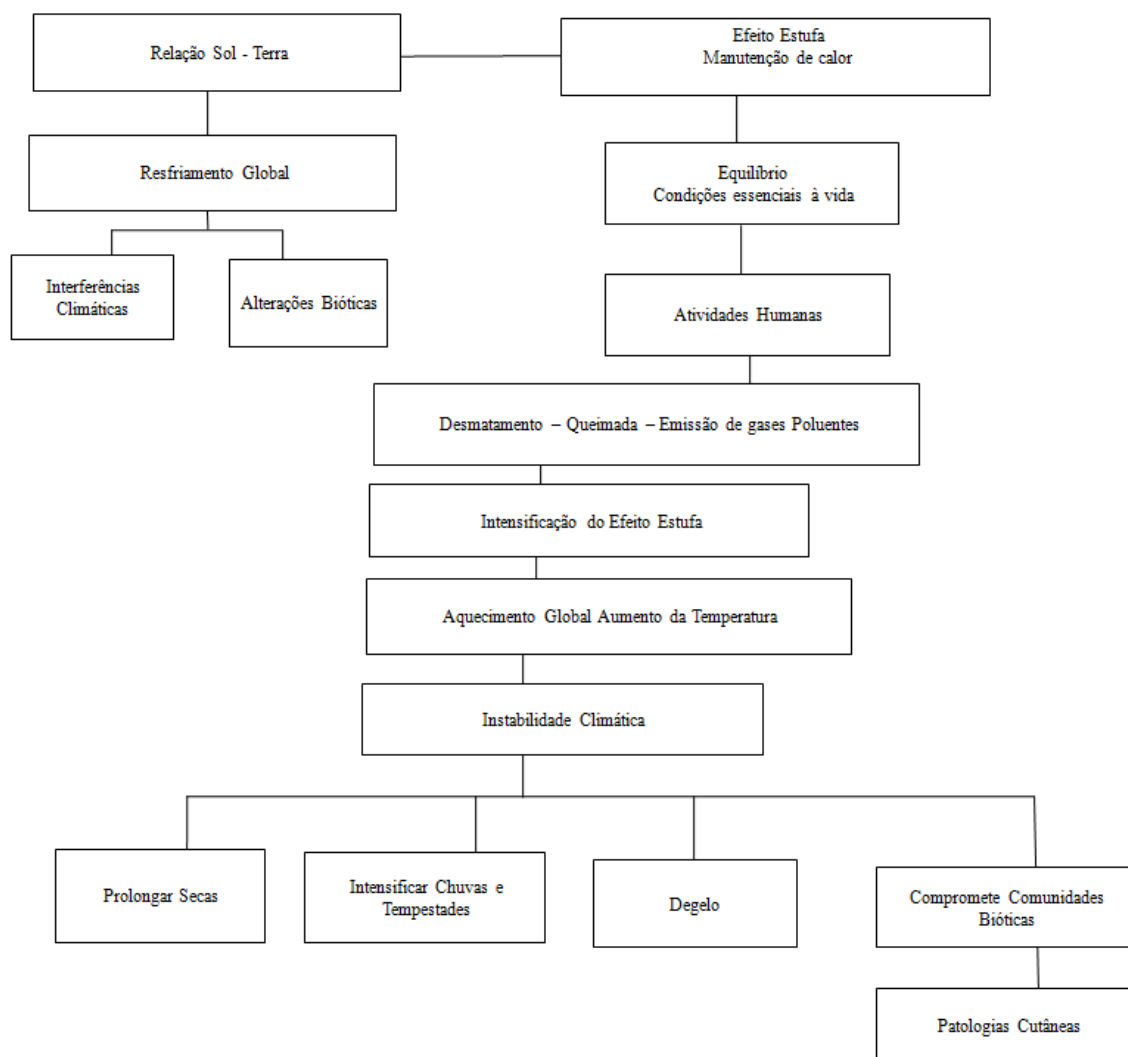


Figura 4 – Organograma - Efeito Estufa e Meio Ambiente
Fonte: Autoria própria.

O efeito estufa é um fenômeno natural que propicia condições favoráveis para o desenvolvimento da vida, assegurando a manutenção de calor na Terra. No decorrer do tempo, as temperaturas médias do Planeta aumentaram, o que, em tese, pode ser explicado pela intensificação do efeito estufa, resultante das práticas humanas. O aquecimento global tem desencadeado instabilidades climáticas, como a intensificação da seca em uma região e fortes chuvas e tempestades em outras. Estas anormalidades comprometem as comunidades bióticas, acarretam patologias cutâneas e o degelo das geleiras e calotas polares incidindo no aumento do nível do mar. As discussões sobre o aquecimento global são amplas e permeadas por divergências, não havendo até o momento um consenso científico sobre o tema. Para alguns cientistas não estaria

havendo um aquecimento, mas um resfriamento global de ordem natural, pois “a interferência humana é insignificante e apenas traz mudanças a nível local” (SILVA & RIBEIRO, 2012, p.427). Apesar das polêmicas, um dado é certo, precisamos de ações efetivas que conduzam ao desenvolvimento sustentável, a conservação dos bens naturais é fundamental para a manutenção da vida no Planeta.

4.3 Análise do folheto *O planeta água está pedindo socorro*

O cordel *O planeta água está pedindo socorro* (2005) é de autoria de Manoel Monteiro da Silva, ou simplesmente Manoel Monteiro, como assina seus folhetos, membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABCL). O poeta desenvolveu uma vasta e diversificada produção, cujos textos apresentam um caráter envolvente do início ao fim, características peculiares, que lhe conferiram destaque no cenário da poesia popular brasileira (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ⁸). A narrativa (FIGURA 5) aborda a temática do risco eminente da escassez da água fomentado pelo desperdício, poluição e assoreamento dos rios, diminuindo a quantidade e qualidade desse bem natural imprescindível para a manutenção da vida.

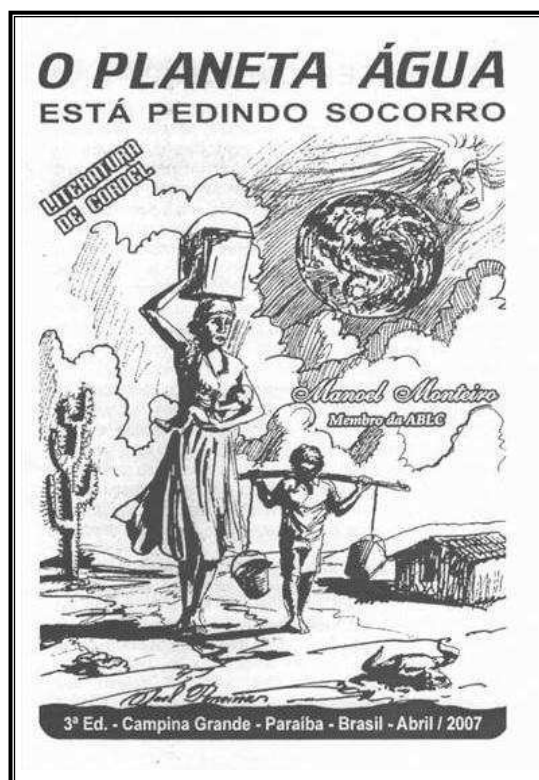


Figura 5: Capa do folheto “O planeta água está pedindo socorro”

⁸FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. A divulgação científica no Brasil - BRASILIANA. Manoel Monteiro. Disponível em: <www.museudavida.fiocruz.br> Acesso em 12/12/2015.

A molécula de água é formada por dois átomos de Hidrogênio (H₂) e um de Oxigênio (O), combinação que dá “origem ao elemento-chave da vida” (BACCI & PATACA, 2008, p. 211). Este bem natural, realiza um contínuo e permanente movimento, pelo qual se renova constantemente. O ciclo hidrológico é apontado por Odum (2013, p. 143) como “o circuito “ladeira acima” movido pelo Sol e o circuito “ladeira abaixo” liberando energia utilizável pelos ecossistemas”. Ao acender a atmosfera, na fase de vapor, condensa e volta à superfície na forma de precipitação, a qual sustenta as formas de vidas dos sistemas naturais.

Bacci e Pataca (2008) ressaltam que a exploração demasiada dos recursos naturais, dentre eles a água, tem desencadeado uma série de agressões, que culminaram numa crise socioambiental. O crescente aumento populacional, em escala mundial, repercute no aumento gradativo do uso e consumo da água, ações permeadas pelo desperdício, poluição e contaminação dos corpos hídricos, superficiais e subterrâneos e contribuem para a iminência da escassez.

Tundisi (2008) aponta como principais problemas desencadeadores da “crise da água” a intensa urbanização, a qual acentua a demanda pelo recurso natural e provoca alterações na disponibilidade hídrica, tanto na qualidade quanto quantidade. O autor destaca, ainda, a falta de gerenciamento adequado e eficaz dos recursos hídricos e de ações governamentais direcionadas para a sustentabilidade ambiental, bem como, o estresse proporcionado por mudanças globais (chuvas intensas e/ou longas secas).

O uso indiscriminado da água para as atividades humanas (doméstica, agricultura, industrial) tem sido permeado pelo desperdício, práticas que precisam ser erradicadas, a fim de evitar a escassez desse bem essencial à vida. O uso eficiente da água, como sugere Rebouças (2004), aponta para a possibilidade de suprir as necessidades básicas dos seres humanos, sem degradar o Meio Ambiente e a qualidade deste bem. Dessa forma, ressaltamos ser fundamental estabelecer discussões sobre o desenvolvimento de ações e posturas que conduzam ao uso sustentável da água.

Neste pensar, Manoel Monteiro (2005) tece sua narrativa fazendo alusão ao risco eminente da escassez de água e apresenta propostas de uso racional deste bem. O poeta afirma que é “preciso economizar”, pois muito provavelmente a “água doce e potável / em breve possa acabar”.

[...]
 A água não vai sumir
 Mas com o rio assoreado,
 Água suja, lixo exposto,
 Morro e campo desmatado,
 Lago com chumbo e mercúrio
 Com este pincel expúrio
 O presente é mal pintado.

[...]
 Da água que tem na terra
 A quantidade é constante
 O que você desperdiça
 Prejudica o semelhante,
 Onde tira e não se bota
 Só um Zé Mané não nota
 Que vai faltar adiante.

É possível que alguém
 Vendo a imensidão do mar
 Ache que tem tanta água
 Que pode desperdiçar,
 Mas isso não é verdade
 Preste atenção, por bondade,
 No número que vou lhe dar.

Água pura de beber
 É bastante limitada,
 Água salgada tem muita
 Mas de toda água somada
 Pelo que já apurou-se
 Dois por cento é água doce
 O resto é água salgada.
 [...]

Esta colocação é interessante. O poeta popular não diz: “a água vai acabar”. A sua exposição denota a qualidade, ou melhor, deixa entrever a variação da quantidade/disponibilidade de uma qualidade. Manoel Monteiro (2005) assinala em seus versos que a distribuição da água na Terra não é homogênea, havendo grande disparidade, de modo que, apenas “dois por cento é água doce / o resto é água salgada”. O poeta destaca que através do processo de dessalinização a água do mar pode se tornar propícia ao consumo, no entanto, “o equipamento é raro / o processo custa caro / e a produção é pouca”. Portanto, a melhor opção é economizar e orientar medidas de uso racional.

Vão aqui algumas dicas
 Pra fazer economia:
 -Banho quente é repousante
 Mas não passe nele um dia
 Senão a conta na frente
 Fará desse banho quente
 Você entrar numa fria.

[...]
 Permitir a criançada
 Brincar com água corrente
 Pode ter plena certeza
 Não é muito inteligente,
 Limpar calçada ou quintal
 Com vassoura é legal
 Mas com água é imprudente.

Para lavar automóvel
 Use uma lata ou bacia
 Pegue a água e vá jogando
 Passe a flanela macia,
 Com esse procedimento
 Não gasta cinco por cento
 Da água que gostaria

Tirar barba, escovar dente
 Mantendo a torneira aberta
 Se for com toda vasão
 É de bem que fique alerta
 Que gasta um balde ou um filtro
 Vão-se uns 10 litros na certa.

Lavar frutas e legumes
 É correto e indicado
 Mas com a torneira aberta
 É consumo danado:
 Com água e vinagre num
 Balde ou vasilha comum
 Dá muito mais resultado.
 [...]

Toda esta economia
 Que estamos sugerindo
 Quem seguir certinho vai
 Quando o mês estiver findo
 Pagar a conta da água
 Sem remorso, queixa ou mágoa,
 Feliz, alegre sorrindo.
 [...]

Nos versos apresentados, podemos perceber a preocupação do poeta com o desperdício, criticando as ações imprudentes e orientando práticas corretas de uso e economia da água. Manoel Monteiro (2005) alude ser essencial, a população economizar e reeducar seus hábitos, pois “água sabendo usar/por certo, não vai faltar”. Ressaltando que, o Estado e a sociedade devem trabalhar em conjunto, zelando pelos bens naturais e cumprindo com as suas obrigações.

[...]
*O poder público também
 Tem responsabilidade,
 Talvez bem mais, porque tem
 De abastecer a cidade,
 Exatamente por isso
 Tem de honrar o compromisso
 Com toda a sociedade.*

*Vazamento em via pública
 Quem tiver conhecimento
 Comunique a companhia
 Que sabedora do evento*

*Tem interesse e dever
 De procurar resolver
 A causa do vazamento.*
 [...]
*O Estado tem o DEVER
 De pelo povo zelar,
 Recolher lixo das ruas
 E aos esgotos tratar,
 Fazer isso e fazer bem,
 Em troca, O POVO NÃO TEM
 O DIREITO DE SUJAR.*
 [...]

Como exposto nos versos, cabe ao Estado fiscalizar e solucionar vazamentos em vias públicas, destacando também, que a população ao tomar conhecimento desses problemas, deve comunicá-los aos órgãos responsáveis, para que estes adotem as medidas devidas. O poeta reconhece que o Poder Público deve honrar com seu compromisso com a Sociedade, entretanto, as pessoas devem cooperar e cumprir com seus deveres de cidadãos, respeitando e conservando os bens naturais. Se almejarmos um mundo melhor, devemos construí-lo a partir das nossas ações. Neste pensar, Manoel Monteiro (2005) nos convida a refletir:

[...]
*Um saco plástico “inocente”
 Grande mal pode fazer;
 Não se degrada na chuva,
 Mata o bicho que o comer,
 Provoca incontáveis danos
 Porque passa muitos anos
 Para a terra o dissolver.*

*Não jogar lixo na rua
 Nem em terreno baldio;
 Manter nosso mundo limpo
 Chegar ser um desafio,
 O lixo a chuva carrega
 E a sujeira navega
 Para obstruir o rio.*

*De que tem rios morrendo
 Todo mundo está ciente
 E quando um rio “falece”
 Acaba a vida que tem
 E a culpa toda é de quem
 Degrada o meio ambiente.*
 [...]
*Parece ouvir o gemido
 Da mata desfalecendo
 Sob a motosserra e sob
 A labareda crescendo
 Por esse hábito perverso
 O verde do universo
 Está desaparecendo.*

*E o homem “bicho” insensível
Com isto não se comove
Teima em não compreender
Que feita a prova dos 9
O mundo não tem saída
Pois sem água não tem vida
E sem mata não chove.*

*Não é demais repetir
Toda hora e todo dia
Que água é um bem finito
Só tem a mesma quantia,
De que lhe vale um tesouro
Se você tem muito ouro
Mas não dispõe de água fria?
[...]*

O poeta discute sobre o descarte inadequado de resíduos sólidos, desmatamento e desperdício, enfatizando que, estas atividades humanas, estão desencadeando desequilíbrios ambientais. O cordelista assinala que, o Homem é um “bicho insensível”, de modo, que não compreende que suas ações estão ameaçando a sua própria existência. A ganância não o deixa entender, que de nada valerá ter “muito ouro”, se não dispor de água, fonte de vida. O cordel de Manoel Monteiro (2005) apresenta um posicionamento crítico perante o desperdício e a poluição da água, advertindo que tais atitudes contribuem para a crescente escassez desse bem natural, colocando em risco a vida no Planeta.

O cordel *O planeta água está pedindo socorro* (2005) possibilita uma discussão sobre essa temática, evidenciando a importância da água para a manutenção da vida e a distribuição irregular deste bem natural no Planeta, destacando que a porcentagem de água adequada para o consumo é limitada. Dessa forma, o Homem ao utilizar esse bem descontroladamente, sem ponderar sobre as consequências do seu ato, contribui para acentuar o risco eminente da escassez. Estas ações, por vezes, encontram-se relacionadas ao falso conceito, destacado por Queiroz (2012), que considera os recursos naturais como “incomensuráveis e infinitos”. Ao trabalhar com essa temática o educador deve esclarecer esse mito, e evidenciar que estes bens tendem ao desequilíbrio/estresse/declínio perante a ação devastadora do Homem. Outro ponto a destacar, reside na utilização do conceito “recursos naturais”, o qual remete a uma conotação econômica, de modo a anular outras formas de valoração do ambiente, como ecológica (FIGUEIRÓ, 2012). Desta forma, compreendemos que o conceito de recurso natural, enquanto meio para atender às necessidades humanas, reforça a lógica econômica dirimindo a importância e valorização da Natureza. Nestas discussões, Figueiró (2012, p.68) propõe uma substituição “conceitual e metodológica” desse paradigma, apontando para a noção de integralidade através do conceito de “patrimônio natural”. Este paradigma se constitui como possibilidade de incorporação dos “múltiplos processos de valoração da natureza”, compreendendo o valor econômico

como “apenas mais uma forma entre outras (cultural, científica, estética, religiosa, ecológica, etc.)”. Concordamos com o autor, em sua argumentação, ao apontar que não devemos restringir a importância da Natureza ao valor econômico, mas compreender os processos naturais como essenciais à vida, devendo estes serem conservados. Neste trabalho, nos alinhamos ao paradigma exposto, porém adotamos o termo “bem natural”, cuja conotação resguarda o valor ecológico destes bens (elementos físicos e biológicos) para o equilíbrio ambiental do Planeta.

A crise da água, como pontua Tundisi (2008), deve ser discutida a partir de uma escala local, colocando em evidência a realidade vivenciada pelos alunos, cujas práticas cotidianas, por vezes, refletem no mau uso deste bem, gerando desperdícios. O debate e esclarecimento dessa problemática podem contribuir para a construção de uma “consciência ecológica” (QUEIROZ, 2012), de modo a fomentar a adoção de posturas e ações comprometidas com o uso sustentável da água e de outros bens naturais.

4.3.1 Sugestão didática de utilização da narrativa “*O planeta água (...)*”

O cordel *O planeta água está pedindo socorro* (2005) apresenta uma abordagem clara, a qual suscita questionamentos: Como estamos utilizando a água e quais as consequências desse ato? O poeta popular utiliza sua criatividade para promover no leitor uma reflexão alertando sobre o risco eminente da escassez de água e aponta várias sugestões de uso eficiente desse bem natural.

O livro *Conexões: estudos de Geografia geral e do Brasil*, apresenta a problemática da crise da água e discorre sobre os fatores e as consequências desencadeadas, assinalando que a escassez de água potável está relacionada à “ampliação do consumo e da poluição dos mananciais disponíveis” (TERRA, ARAÚJO & GUIMARÃES, 2010, p. 202).

A discussão do tema, apresentada no livro, se limita a dois aspectos: causa e consequência. Dessa forma, reconhecemos que o referido cordel pode contribuir, significativamente, ao abordar propostas de minimização de desperdício, fomentando ações que induzem ao uso sustentável desse bem natural. Salientamos ser importante o docente correlacionar a temática em debate com o contexto de vida dos educandos, oportunizando a construção de conhecimentos significativos.

Ao trabalhar com o tema da crescente escassez de água, o professor deve instigar o aluno a refletir sobre a importância da água para a vida no Planeta e como as atividades humanas estão comprometendo a sua disponibilidade e qualidade. Dessa forma, é importante apontar a distribuição desse bem natural na superfície terrestre, evidenciando que esta ocorre de forma diferenciada espacialmente.

O docente ao questionar os alunos sobre a importância da água nas suas vidas, para quais fins a utilizam no seu dia-a-dia, busca contribuir na identificação dos múltiplos usos e o seu desperdício. Entre os principais usos estão o doméstico, agricultura e indústria, os quais são permeados por práticas inadequadas de utilização, conduzindo ao desperdício, poluição e contaminação dos mananciais disponíveis.

Nas regiões semiáridas, o problema da escassez de água se agrava, devido às irregularidades pluviométricas, as quais repercutem num severo déficit hídrico. O semiárido nordestino registra as maiores médias térmicas do país, as chuvas são escassas, irregulares e concentradas, isto é, são mal distribuídas no tempo e no espaço. O período chuvoso se concentra entre 3 a 5 meses do ano. Dessa forma, a evaporação é superior à precipitação, de modo a repercutir negativamente no volume de água dos reservatórios da região, os quais apresentam caráter intermitente.

Além da irregularidade pluviométrica, a estrutura geológica da região dificulta a acumulação de água no subsolo e, quando esta é explorada, na maioria das vezes, apresenta salinidade elevada, proposições que induziram Suassuna (1998) a afirmar que a água, no Nordeste semiárido brasileiro, é um bem natural escasso. Apesar dessa assertiva, este bem natural é usado indiscriminadamente nas atividades, principalmente, domésticas e agrícolas, incidindo no desperdício e poluição dos corpos hídricos, de modo a agravar a crise da água.

Estas discussões permitem aproximar os conteúdos debatidos com a realidade do aluno, permitindo que este reflita sobre a problemática a partir do seu contexto de vida, compreendendo como as práticas inadequadas desencadeiam problemas, os quais comprometem a manutenção do equilíbrio natural do Planeta. Ao empreender essa abordagem, devem ser destacadas as dicas de economia sugeridas pelo poeta popular, indagando aos discentes, se estas são realizadas por eles no cotidiano, de modo a discutir propostas para o uso sustentável deste bem natural.

Apresentamos uma sequência didática, organizada no esquema 3 (FIGURA 6) para utilização e discussão do folheto *O planeta água está pedindo socorro* (2005):

Sequência didática para discussão do tema “Escassez de água”

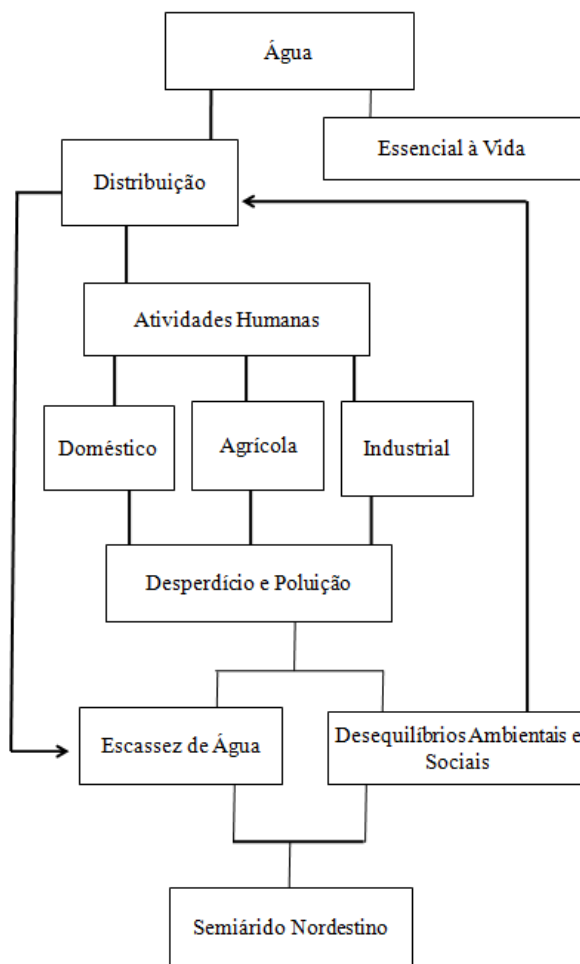


Figura 6: Organograma - Água e Meio Ambiente
Fonte: Autoria própria.

A água é essencial para a existência da vida no Planeta. Sua distribuição na superfície terrestre ocorre de forma espacialmente diferenciada; a maior concentração é de água salgada, sendo diminuta a disponibilidade em condições propícia para o consumo. O crescente uso na realização das atividades domésticas, agrícolas e nas indústrias tem sido permeado pelo desperdício, resultando na diminuição da

disponibilidade desse bem. Outro fato preocupante é a poluição dos rios, comprometendo a sua qualidade e agravando a escassez. No semiárido nordestino, região caracterizada pelo baixo índice pluviométrico, o problema da crise hídrica é intensificado, desencadeando desequilíbrios ambientais e sociais, os quais irão repercutir na distribuição e gerenciamento para atender as demandas do consumo humano.

4.4 Análise do folheto *O Cordel Da Ecologia*

O Cordel da Ecologia é de autoria de Medeiros Braga (2008), economista, romancista e poeta paraibano, cuja autoria abrange 106 títulos de folhetos, na maioria direcionada para a Educação. Braga apresenta, em seus versos, sua concepção sobre os acontecimentos, cuja base de inspiração reside nos anseios e dilemas vivenciados no cotidiano pelos sujeitos sociais. Com maestria, o poeta tece em rimas, fatos, muitas vezes contados pela história oficial, no entanto, sem a mesma riqueza de detalhe, utilizando uma linguagem clara, sucinta e agradável ao leitor. Destacando o caráter crítico das suas narrativas, cujo intuito não é apenas informar, mas educar, como frisa o poeta, no cordel em destaque (FIGURA 7), somente uma educação que ensine o povo a pensar pode, das injustiças, o mundo livrar (Medeiros Braga, 2008).

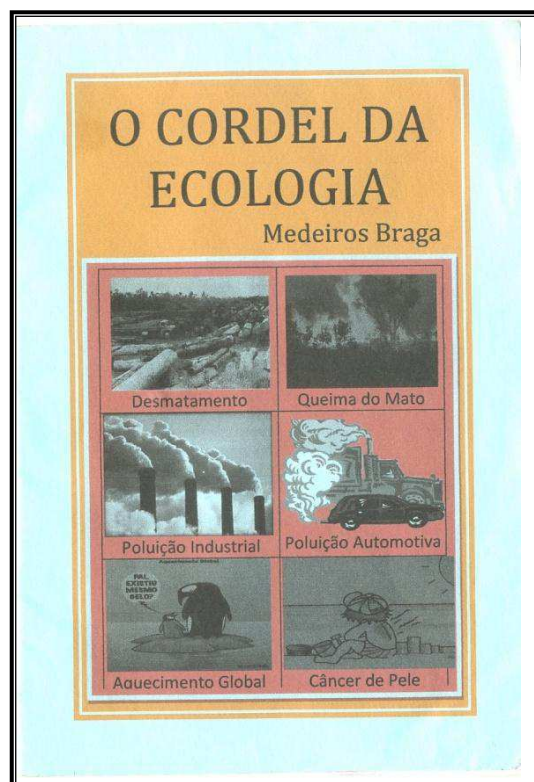


Figura 7: Capa do folheto "O Cordel da Ecologia"

O cordel em análise, também faz uma abordagem, clara e crítica, sobre os desequilíbrios ambientais suscitados pelas atividades humanas (desmatamento, queimada e emissão de gases poluentes). O poeta narra os fatos com veemência delineando o contexto espaço-temporal dos eventos, traçando em seus versos um panorama que engloba acontecimentos desde a colonização, com a exploração do pau-brasil, até os dias atuais, com a exploração de combustíveis fósseis não renováveis e a dispersão de poluentes industriais. A somatória desses elementos desencadeia problemas que ameaçam a vida no Planeta, destacando a destruição da camada de ozônio e a intensificação do efeito estufa repercutindo no aquecimento global.

O Homem, ao longo do tempo, vem se apropriando do seu meio circundante imprimindo nele as marcas da evolução do trabalho. As atividades que outrora visavam atender às necessidades básicas dos indivíduos do grupo passam a ser substituídas por novas técnicas maximizando a exploração da Natureza, desequilibrando os ecossistemas. Este processo de degradação culmina em práticas realizadas no decorrer do contexto espaço-temporal, como bem explica Medeiros Braga (2008) em seu versos:

[...]
*No Brasil tiveram início
 Esses atos predadores
 Com ações desenvolvidas
 Pelos colonizadores,
 Derrubando mata virgens
 Indiferentes aos clamores
 [...]
 Para dar prosseguimento
 Ao crime que devastava
 Lá surgia o bandeirante
 Que o nosso ouro buscava,
 E cada rota seguida
 Abria a mata e queimava
 [...]*

*Após, vieram as fazendas
 De café, gado, algodão,
 E os fazendeiros voltados
 Ao lucro da produção
 Brocavam imensas áreas
 Para roça e criação
 [...]
 E assim, de etapa em etapa
 Deu-se continuação
 Ao processo destrutivo,
 Do litoral ao sertão,
 De grandes áreas de mata
 Queimadas sem proporção.
 [...]*

Nessas estrofes, o poeta tece o processo histórico de agressões cometidas pelo Homem contra a Natureza, desde a colonização do Brasil. A narrativa permite desenvolver um trabalho interdisciplinar com as disciplinas de História e Geografia. O diálogo estabelecido entre esta outra área do saber, visa auxiliar na explanação da colonização brasileira, discutindo o sistema colonial, o surgimento dos bandeirantes, a disputa pelo ouro, a expansão da pecuária e dos cultivos agrícolas desbravando ‘os

sertões'. É importante contextualizar o tempo e o espaço em que os fatos ocorreram, suscitando nos alunos que as práticas de desmatamento e queimada não são recentes, mas acompanham a história da humanidade. Como aponta o poeta, parafraseando o escritor e romancista, Euclides da Cunha, “o homem por natureza / é um fazedor de deserto”.

O poeta popular aborda de forma sucinta a importância da cobertura vegetal na manutenção do equilíbrio ecológico, desempenhando funções vitais no ecossistema, interagindo com o meio abiótico, de modo, a proporcionar condições essenciais para assegurar a vida na Terra. Contudo, a retirada e queima da vegetação, proporcionada pelas práticas agrícolas inadequadas, têm desencadeado desequilíbrios no sistema afetando as trocas contínuas de energia e matéria entre o ambiente e os organismos.

[...]
*Toda árvore que concentra
 Muita água em seu poder,
 No calor do pré-inverno
 Vem a evaporescer,
 Carregando bem as nuvens
 Para que possa chover.*

*Chovendo nasce a babugem
 E, assim, evita a erosão,
 Retendo a água da chuva
 Há maior infiltração
 E lençóis subterrâneos
 Com mais volume e vazão.*

*Mas, com a queima da mata
 Tudo isso é alterado,
 Esquenta o fogo o ambiente
 E faz fumaça um bocado
 Poluindo a atmosfera
 Pelo seu gás liberado.*

*Toda ideologia
 Ante o lucro dominante
 Educa o homem do campo
 Para ser ignorante,
 Mante-lo sob o cabresto
 Da cultura alienante.*

*Os pequenos produtores
 Tem o hábito de queimar
 Muito mato que devia
 Em adubo se tornar
 Para usar na plantação
 E a safra melhorar.*

*O mato quando é queimado
 Dois prejuízos se vê,
 Como da matéria orgânica
 Que vai desaparecer,
 E da terra, cujos germens,
 Na queimadura vão morrer.
 [...]*

Os versos apresentam de maneira clara como a queima da cobertura vegetal interfere no equilíbrio natural, desencadeando problemas ambientais. Dessa forma, possibilita discussões sobre temas pertinentes à Biologia (Ciência) e Geografia, auxiliando na elucidação do ecossistema como um sistema aberto, com ambientes de entrada e saída (ODUM, 2013). A compreensão dessa asseveração permite ao discente compreender as relações tecidas no sistema ecológico, através das interações contínuas

e recíprocas de elementos constituintes do meio biótico e abiótico que asseguram a manutenção da vida. A interferência em um desses elementos pode ocasionar alterações nesses meios, pois, ambas as divisões “evoluem em conjunto, influenciando o comportamento uma da outra” (ODUM, 2013, p.123).

As críticas de Medeiros Braga (2008) são enfáticas e revelam com sagacidade os atos destrutivos do ser humano, o qual segue a “vil cartilha / que lhe serve de lição” degradando os bens naturais e “ferindo o meio-ambiente”. Essas ações vêm interferindo no efeito estufa cuja propriedade de agir “como um cobertor” contribui para “manter o planeta nas condições ideais” para assegurar as condições de existência das formas de vida. Contudo, a grande concentração de gases na atmosfera, como o dióxido de carbono, óxido nitroso e metano, têm causado “à vida muito mal, /poluem o meio-ambiente / e, pra desfecho fatal, / trazem em si os elementos/ do aquecimento global”.

[...]
*Nesse ritmo acelerado
De tanta degradação
Já ficou certificado
Que vai haver extinção
De muita espécie de planta
E de animal em roldão.*
[...]

Medeiros Braga (2008), percebe que a intensidade da devastação ambiental está gradativamente aumentando e colocando em risco as formas de vida existente no Planeta. Primack e Rodrigues (2001, p.82) salientam que as “perturbações em massa causadas pelo homem têm alterado, degradado e destruído a paisagem em larga escala, levando espécies e mesmo comunidades inteiras ao ponto de extinção”. A superexploração da flora e da fauna para uso humano e a fragmentação e aniquilação dos habitats ameaçam a biodiversidade biológica. Os autores assinalam que o crescimento populacional tem repercutido numa maior demanda pelos bens naturais e, conseqüentemente, na destruição das comunidades biológicas. Destacam, ainda, a exploração demasiada dos bens naturais intensifica e acelera a degradação e poluição do Meio Ambiente.

[...]
*Devido a poluição
 É também, grave, atingida
 A camada de ozônio,
 Imprescindível na vida
 Do planeta, pois evita
 Que a terra seja ferida.*

*A camada de ozônio,
 Muito espessa, é abrangente,
 É uma brava protetora
 No combate permanente
 Aos raios ultra-violetas
 Que danosos são pra gente.*

*Essa atenta defensora
 Situa-se na estratosfera,
 Lá pelos trinta quilômetros*

*Da superfície da terra,
 Funciona como escudo
 Contra tais raios de guerra.*

*A função de tal camada
 De ozônio, então, se dá
 Quando esta absorve
 A radiação solar,
 Retendo raios danosos
 Sem ao espaço liberar.*

[...]
*É tão importante a camada
 De ozônio à humanidade
 Que se ela se acabasse,
 Na mesma velocidade
 Toda vida do planeta
 Teria um fim, de verdade.
 [...]*

Outro tema, referente às questões ambientais, encontradas no texto, trata da atmosfera. Os versos de Medeiros Braga (2008), apresentam sucintamente a importância da camada de ozônio para a manutenção da vida no Planeta, ressaltando que esta “brava protetora” é gravemente atingida pela poluição. Baird (2002, p. 49) define a camada de ozônio como um “escudo solar natural da Terra”, a qual filtra os raios ultravioletas (UV) nocivos, para que estes não causem malefícios aos seres humanos e as outras formas de vida. O autor lembra que os cientistas descobriram em 1985, um fenômeno preocupante: a “quantidade de ozônio estratosférico sobre a Antártica reduzia-se em cerca de 50%, durante vários meses a cada ano, devido principalmente à ação do cloro” (BAIRD, 2002, p. 49). A contaminação atmosférica aumentava gradativamente devido, principalmente, à emissão de gases Clorofluorcarbono (CFC), composto que contém flúor, cloro e carbono, os quais eram usados em refrigeradores e aerossóis. Visando dirimir essa problemática ambiental foram propostos acordos internacionais, como o Protocolo de Montreal objetivando eliminar a produção de CFC, como esclarece o autor.

O poeta é claro e enfático ao afirmar que a “ganância pelo lucro” tem motivado o Homem a explorar desmedidamente a Natureza bens naturais sem pensar nas consequências dos seus atos. A posição do “chefe yanque” ao negar-se assinar o Protocolo de Kyoto caracteriza-se como um marco da prepotência alicerçada pela acumulação de capital. Sobre esse episódio o poeta tece suas críticas e assinala que devemos protestar para “o planeta salvar”

[...]
Vamos protestar
Da exploração da madeira,
Do uso do adubo químico,
Do avanço da fronteira
Agrícola pelos transgênicos
Por não ser nossa bandeira.

Vamos protestar
Contra as empresas rurais
Que desperdiçam as águas
Com irrigações-lamaçais,
Que intoxicam os solos,
Os seus germes, os vegetais.

Vamos protestar
Contar o contrato egoísta
Onde a pobreza e a riqueza

São de forma vigarista
Construídas sob a ótica
Do lucro capitalista.

Não é sonho, fantasia,
Mera utopia, tolice,
Pode o homem realizar
O que sonhou e já disse
Se cada um se educasse,
Se todo povo se unisse.
 [...]
Se cada um, pois, fizer
Sua parte, com certeza,
Espontâneos, destemidos,
Com a mais nobre presteza
Chegarão todos os povos
Amantes da natureza.
 [...]

Medeiros Braga (2008), com a simplicidade de seus versos tece de forma eloquente um discurso sobre as questões ambientais, apresentando suas concepções e criticando as ações e posturas assumidas pelos seres humanos, resultando na degradação dos sistemas naturais. O poeta popular pondera ser essencial a união de forças para lutar em prol da conservação e preservação do Meio Ambiente, salientando que a partir do momento em que conhecemos “melhor o tema” passamos a compreender o dilema e nos mobilizamos para solucionar o problema. O cordelista afirma que “precisamos estudar, / pois, só uma educação / que põe o povo a pensar, / dos crimes dos poderosos / pode o mundo livrar”. Nestes versos Medeiros Braga (2008) reconhece a importância da Educação, voltada ao desenvolvimento crítico, para contribuir no estabelecimento de relações sociais mais adequadas, do ponto de vista de justiça e solidariedade.

4.4.1 Sugestão didática de utilização da narrativa “*O cordel da (...)*”

O folheto *O cordel da Ecologia (2008)*, apresenta uma abordagem clara e eloquente permitindo discutir sobre o conceito de ecossistema compreendendo-o como um sistema aberto, no qual se tecem interações dinâmicas entre o meio biótico e abiótico. Ao expor essas considerações, o docente contribui para a construção de um conhecimento mais abrangente, possibilitando o desenvolvimento de um pensamento holístico.

No livro *Conexões: estudos da geografia geral e do Brasil*, o ecossistema é definido como “o conjunto de interações dinâmicas que envolvem os seres vivos e os não vivos de um ambiente” (TERRA, ARAÚJO, GUIMARÃES, 2010, p. 182). A abordagem realizada pelos autores é resumida podendo ser complementada com o conteúdo do folheto, o qual aborda sucintamente a relação de interdependência entre o meio biótico e abiótico. A interferência em um desses meios provoca alterações, cujos efeitos afetam a qualidade de vida no Planeta.

Monteiro Braga (2008) pondera que as ações de degradação empreendidas pelo Homem contra a Natureza, são praticadas no decorrer do contexto espaço-temporal deixando um rastro de destruição. O cordelista assinala, ainda, que no Brasil os “atos predadores” começaram a ter maior impacto a partir das “ações desenvolvidas / pelos colonizadores” e posteriormente, com o surgimento dos bandeirantes e fazendeiros, removendo a cobertura vegetal e realizando “queimadas sem proporção”.

O poeta popular aponta com clareza a influência da vegetação sobre o clima, sua função de proteção do solo ao evitar a erosão e possibilitando “maior infiltração”. Porém, com a “queima da mata / tudo isso é alterado”, o gás liberado pela queimada vai “poluindo a atmosfera” e aos poucos os “germens” “da terra” na “quentura vão morrer”. Os versos assinalam a relação dinâmica entre a planta-atmosfera-solo e como a atividade humana interfere no sistema, desencadeando desequilíbrios. Estas abordagens permitem aos discentes compreenderem as trocas contínuas e recíprocas de energia e matérias entre os organismos e o ambiente, um ciclo que assegura o equilíbrio natural que ao ser quebrado coloca em risco a manutenção das condições propícias à vida no Planeta.

O cordel em análise possibilita a discussão do sistema natural e suas interações, sobre as quais as ações humanas têm interferido no equilíbrio, resultando em “reflexos danosos para a saúde do organismo e de todo o ecossistema” (LOPES E ROSSO 2005, p. 578). A nossa proposta didática para esta narrativa, buscou contextualizar o conteúdo da poesia popular com os livros didático de Geografia e Biologia, apontando para um diálogo interdisciplinar, visando a construção de conhecimentos significativos. No folheto *Terra o nosso planeta pede socorro* (2005), analisado anteriormente, enfocamos o desmatamento, dando ênfase ao ambiente terrestre, nesta sugestão didática, iremos abordar o ecossistema aquático. Ao optarmos por este meio, não pretendemos criar uma

dicotomia entre o ecossistema terrestre e o aquático. Antes, nossa intenção é discuti-los em sua complexidade, compreendendo-os como partes interdependentes que formam um sistema maior.

Apresentamos uma sequência didática, organizada no esquema 4 (FIGURA 8) para utilização e discussão do folheto *O cordel da Ecologia* (2008):

Sequência didática para discussão do tema “Ecossistema”

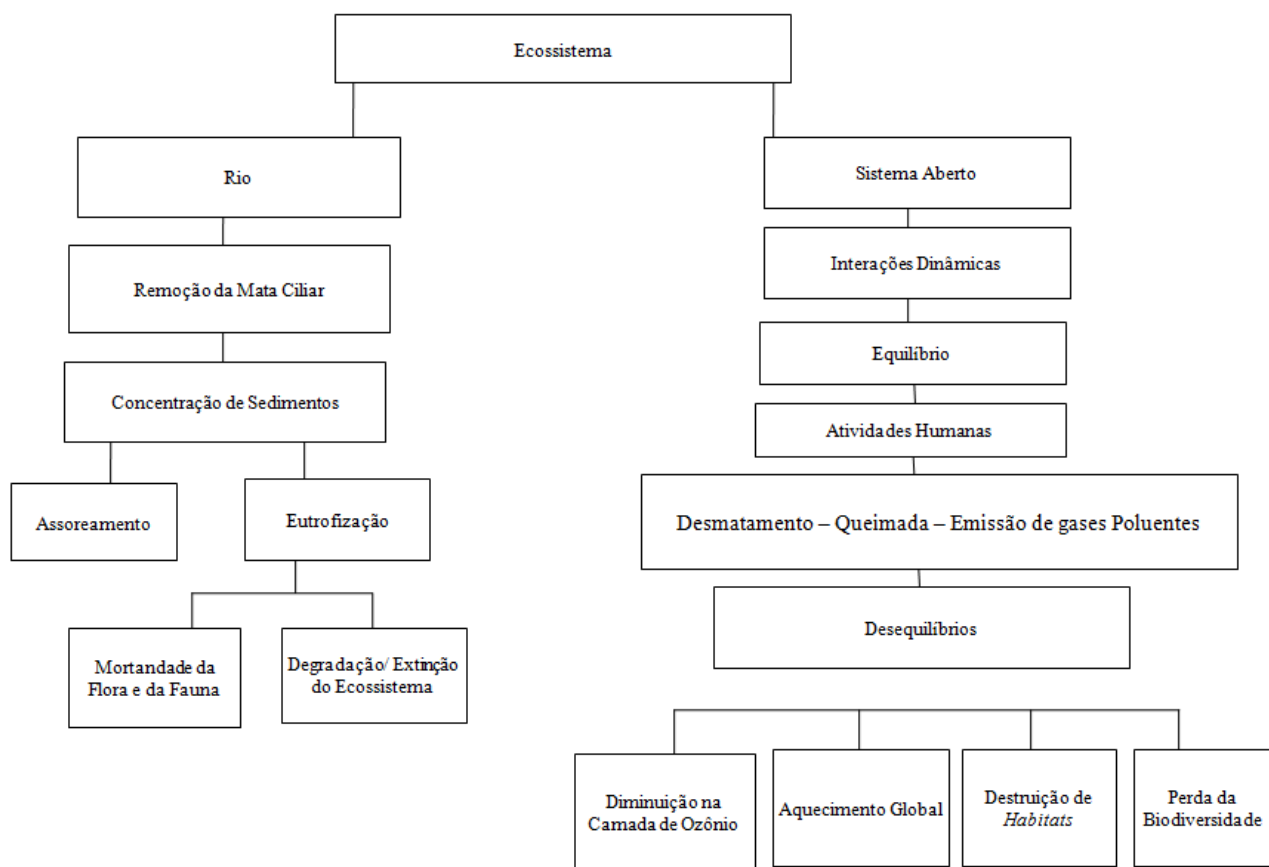


Figura 8: Organograma - Interações do Ecossistema
Fonte: Autoria própria

O ecossistema deve ser compreendido como um sistema aberto com ambientes de entrada e saída, onde se processam interações contínuas e recíprocas fundamentais para a manutenção do equilíbrio ecológico. As atividades humanas, como o desmatamento, queimada e emissão de gases poluentes, provocam instabilidades no sistema desencadeando desequilíbrios ambientais, como o “buraco” na camada de ozônio, o aquecimento global, destruição de *habitats* e perda da biodiversidade. Tomando como exemplo um ecossistema aquático como o rio, no qual se tecem

interações dinâmicas entre o meio biótico e abiótico com trocas de energia e materiais, a ação do Homem ao remover a mata ciliar, esta formação vegetal, cuja função cabe proteger os corpos d'água, ao ser suprimida condiciona a maior concentração de sedimentos repercutindo no assoreamento do rio. Esta maior concentração de sedimentos dificulta a entrada de energia/luz solar, dificultando a fotossíntese, conseqüentemente a oxigenação e aumentando a quantidade de nutrientes. Lembrando que estes nutrientes podem conter detritos agrícolas e/ou urbanos, promovendo estágios de proliferação de micro e macro organismos. Estas alterações na comunidade biótica aceleram o processo de eutrofização ou eutroficação cultural, expressão utilizada para definir a poluição orgânica provocada pela atividade humana ocasionando a mortandade da flora e da fauna aquática (ODUM, 2013). A introdução de matéria orgânica pelo Homem, em quantidades não assimiláveis, pelo ecossistema, rompe o equilíbrio podendo levar ao colapso ecológico do sistema.

4.5 – Proposta Metodológica: Projeto Interdisciplinar

A interdisciplinaridade visa a superação da fragmentação do saber, esfacelado em diferentes disciplinas e cujo resultado foi o enrijecimento do ensino ao limite disciplinar. Silva *et al* (2010) aponta que este isolamento disciplinar provém da doutrina positivista, a qual valoriza a aprendizagem receptiva e mecânica. O pensar interdisciplinar busca romper com esse paradigma e proporcionar ao processo de ensino- aprendizagem um caráter de dialogicidade, fomentado a articulação e integração dos componentes curriculares, de modo a construir um conhecimento mais abrangente, contextualizando os conteúdos com a realidade.

Não se trata de acabar com as especificidades das diversas áreas do saber, mas possibilitar um diálogo entre elas, criando uma visão totalizadora da realidade, de modo a permitir a formação de um conhecimento mais crítico e participativo. A perspectiva interdisciplinar objetiva, ainda, a discussão e contextualização de temas relacionados ao espaço de vivência dos discentes. Desta forma, reconhecemos no cordel uma dimensão interdisciplinar, ao expor em seus versos uma trama elaborada a partir da realidade vivida por muitos sujeitos sociais.

A interdisciplinaridade ao promover uma relação dialógica entre as diversas áreas do saber proporciona o desenvolvimento de um pensar transdisciplinar. Nas palavras de Sommerman, Melo e Barros (2002, p. 9) a Transdisciplinaridade “é uma

teoria do conhecimento, é uma compreensão de processos, é um diálogo entre as diferentes áreas do saber e uma aventura do espírito”. Na perspectiva transdisciplinar, a articulação entre, através e além, das disciplinas é mais integradora, visando à organização do conhecimento, de modo a possibilitar um enfoque pluralista capaz de permitir, a partir da unificação do saber, a compreensão da complexidade e dinamicidade da realidade. Reconhecemos a importância da abordagem transdisciplinar, contudo, em razão da complexidade do tema não é o foco do nosso trabalho.

Neste estudo, propomos a elaboração de um projeto interdisciplinar (QUADRO 1), direcionado para turmas do Ensino Médio, contextualizando o conteúdo escolar com o cotidiano dos alunos, buscando a partir da literatura de cordel estabelecer um elo entre o conhecimento científico e o saber popular, entre professor e aluno e entre a Geografia, História, Biologia, Arte e o cordel.

Quadro 1 – Modelo de projeto aplicando o cordel como recurso didático

Tema: Crise da água, conscientização social e educação
Justificativa: A crescente escassez da água é uma problemática que desencadeia desequilíbrios ambientais e sociais, a qual se agrava mediante o desperdício e poluição, resultante das atividades humanas. Cada vez mais se sente a necessidade de discussão desse tema, compartilhando informações que promovam a mobilização de ações em prol da conservação desse bem natural, essencial à vida e cada vez mais escasso.
Objetivo Geral: Refletir sobre a crise da água, mobilizando ações de uso sustentável.
Objetivos Específicos: - Apontar e discutir os fatores que promovem alterações nas interações dinâmicas do ecossistema e como estes agravam a escassez hídrica; - Demonstrar a intensificação dos múltiplos usos da água, relacionando-os às mudanças no contexto espaço-temporal; - Dissertar sobre a problemática, no formato de poesia popular, indicando medidas de uso racional.
Procedimentos: Apresentar a problemática aos alunos questionando-os sobre o tema; permitir que se exponham fatos da sua realidade, para que posteriormente o docente possa contextualizá-los com o conteúdo escolar. A disciplina de História nos fornecerá subsídios para demonstrar aos discentes como os múltiplos usos da água foram se

intensificando ao longo do tempo. Este aumento no consumo, aliado ao desperdício, repercutem na diminuição da disponibilidade, sendo esta comprometida ainda mais pela poluição e contaminação dos mananciais. A articulação entre as disciplinas de Geografia e Biologia auxiliará na explanação da temática ao expor as alterações desencadeadas no ecossistema e como estas interferem no equilíbrio natural. Os cordéis *O planeta água está pedindo socorro* (2005) e *O cordel da Ecologia* (2008) podem ser trabalhados em conjunto. Indicamos *O cordel da Ecologia* para dar início às discussões, por reconhecermos nele o potencial de realizar um panorama englobando fatos desde a colonização até os dias atuais. Medeiros Braga (2008) poeticamente nos dar uma aula de ecologia, nos fazendo compreender que o histórico de degradação das ações humanas tem desencadeado bruscas alterações, de modo que os ecossistemas não conseguem restabelecer o equilíbrio. O folheto *O planeta água está pedindo socorro* nos auxiliará na dissertação da temática da escassez, nos apontando medidas de economia, as quais podem e devem ser ampliadas, com dicas dos próprios educandos. A disciplina de Arte nos ajudará nas confecções das xilogravuras dos cordéis produzidos, fornecendo-nos informações sobre essa arte milenar. Após a elaboração, sugerimos realizar uma exposição dos trabalhos, promovendo a divulgação do tema, a fim de incentivar e mobilizar atitudes de uso sustentável da água.

Bibliografia Básica Sugerida:

- LOPES, Sônia; ROSSO, Sergio. **Biologia** – volume único. São Paulo: Saraiva, 2005.
- Manoel Monteiro. **O planeta água está pedindo socorro**. Campina Grande –PB, Gráfica. Martins, 2005.
- Medeiros Braga. **O cordel da Ecologia**. Mossoró – RN, Gráfica e Editora Queima-Bucha, 2008.
- MOTA, Myriam B. BRAICK, Patrícia R. **História**: das cavernas ao terceiro milênio. São Paulo, Moderna, 2005.
- ODUM, Eugene P. **Ecologia**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 2013.
- REBOUÇAS, Aldo da C. **Uso inteligente da água**. São Paulo: Escrituras Editora, 2004.
- TERRA, Lygia; ARAÚJO, Regina; GUIMARÃES, Raul B. **Conexões**: estudos de geografia geral e do Brasil. São Paulo: Moderna, 2010.

Fonte: Adaptado de ARCHELA, Rosely S. GOMES, Marquiana de F. V. B. **Geografia para ensino médio**: manual de aulas práticas.

Esta proposta tem como objetivo servir de modelo para atividades que contemplem uma abordagem integrada. Esperamos que, a partir dela, outras construções voltadas ao processo de ensino-aprendizagem, passem a valorizar o conhecimento popular como meio de atingir e estimular o desenvolvimento de capacidades críticas e reflexivas, de modo que o aluno se compreenda como agente ativo, no processo de (re)produção do espaço.

4.6 Considerações Parciais

Neste capítulo, buscamos demonstrar o potencial didático do cordel, apresentando análises dos conteúdos das narrativas e contextualizando-as com o conhecimento científico. A partir dos folhetos analisados, podemos evidenciar a dimensão interdisciplinar da poesia popular, rompendo com o isolamento disciplinar, ao abordar temas da realidade, possibilitando a articulação dos conhecimentos das diversas áreas do saber na construção de uma visão integradora e totalizante. Constatamos, ainda, que os folhetos se configuram como importantes instrumentos didáticos, ao complementar e enriquecer as discussões dos conteúdos dos livros didáticos. Dessa forma, este gênero literário se torna um importante recurso pedagógico na busca de uma prática dialógica, contextualizando os saberes escolares com o espaço de vivência do aluno.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As discussões realizadas no decorrer desta pesquisa apontam para a dimensão educativa da Literatura de Cordel, a qual proporciona significativas contribuições para o processo de ensino e aprendizagem. O texto mostra que ao se utilizar o folheto, possibilita-se a articulação entre os conhecimentos científico e popular. Numa abordagem interdisciplinar, torna-se um importante instrumento didático-metodológico para o ensino de Geografia. Neste pensar, buscamos demonstrar como as narrativas, produzidas a partir das experiências e vivências dos sujeitos sociais, auxiliam na contextualização dos conteúdos escolares com a realidade, fomentando a construção de novos saberes.

Podemos constatar que, os caminhos da Arte e da Ciência podem se encontrar e, embora utilizem meios diferentes para falarem do mundo, ambas revelam o saber humano. Compreendemos que, a arte literária confere ao discurso científico, permeado pela objetividade e formalidade, a suavidade da palavra, o encanto e a subjetividade da emoção.

Procuramos demonstrar que a literatura, dita erudita ou popular, enquanto representação do real é portadora de significados, que podem complementar os estudos geográficos, ao possibilitarem uma análise da dimensão simbólica do espaço.

Ao longo das nossas pesquisas, verificamos que no âmbito do ensino de Geografia, os trabalhos relacionados à utilização do cordel, como recurso didático, ainda são poucos e, geralmente, apresentam a temática de maneira superficial, sem um aprofundamento teórico e conceitual. A maior ênfase dos estudos, ressaltando a importância dos folhetos para o ensino, se concentra nas áreas de Educação, Gramática e Literatura, dado que revela uma lacuna, a qual deve ser sanada.

A pesquisa nos permitiu asseverar que os conhecimentos, edificados a partir da experiência, podem ser articulados aos conteúdos escolares, enriquecendo as discussões e tornando-as significativas, ao possibilitar um diálogo entre o livro didático e a realidade vivida pelo aluno. Procuramos mostrar que a Literatura de Cordel, não se constitui como a solução, para um ensino eficiente e de qualidade, mas pode contribuir para que esse objetivo seja alcançado. No que concerne ao ensino de Geografia, o estudo das representações permite a contextualização dos conteúdos geográficos com a

realidade dos alunos, de modo a estimular a reflexão sobre o seu espaço de vivência. Dessa forma, a prática docente estará contribuindo para o desenvolvimento de capacidades, que impulsionem os discentes a realizar uma leitura crítica de mundo. A Literatura de Cordel nos proporciona um leque de possibilidades didáticas, no entanto, é necessário que nós, enquanto professores e pesquisadores, reconheçamos o seu valor, lhe concedendo espaço na sala de aula, para que esta forma de expressão continue cumprindo a sua missão de divertir e educar.

Porém, é preciso mencionar lacunas ou incorreções observadas no decorrer da pesquisa: constatamos a veiculação de informações imprecisas, como no folheto *Terra o nosso planeta pede socorro*, o qual expõe a concepção popular que considera os fenômenos naturais como um castigo pelas más ações e o mito da Amazônia como o “Pulmão do Mundo”, propagado pelos meios de comunicação e, por vezes, aceita como “verdade”. Estas alegações, não desmerecem o potencial da narrativa, mas devem ser compreendidas como possibilidades de desmistificação e debate, uma vez que, o nosso objetivo é estabelecer diálogos entre os conhecimentos científicos e o popular, reorganizando e ressignificando o saber tecido a partir das experiências.

Ao correlacionar os folhetos com o livro didático, podemos verificar algumas lacunas neste último, as quais podem e devem ser sanadas, a partir da utilização de outros recursos didáticos. Desta forma, fica evidente que o livro didático não deve se constituir como o único instrumento pedagógico, por vezes seus conteúdos são resumidos e fragmentados, necessitando ser complementados. Diante dessas ponderações, asseveramos que o cordel ao ser articulado ao conteúdo escolar, contribui para enriquecer as discussões dos temas geográficos, sem se limitar ao isolamento disciplinar e ao assunto do livro didático, proporcionando uma prática dialógica capaz de promover a construção de uma visão holística do mundo.

Ao longo do estudo, evidenciamos o potencial didático do cordel, o qual, desde a sua gênese, desempenhava uma função educativa, ao transmitir informações para o Homem do campo, possibilitando a este, o aprendizado das letras. A linguagem simples dos folhetos mescla realidade e ficção, o fantástico/imaginário com o real, diverte, denuncia, informa e, principalmente, educa. Este gênero literário permite uma abordagem interdisciplinar, articulando os saberes de diferentes disciplinas com a realidade, contribuindo para a construção de uma visão integrante e totalizadora. Neste

pensar, asseveramos que a dimensão educativa da poesia popular deve ser valorizada e inserida no contexto escolar.

Em todos os versos e rimas do cordel, reside a seiva da sabedoria popular, conhecimentos edificados a partir da experiência, de situações novas e desafiadoras, as quais requerem a construção de táticas de superação e resistência. Ao revelar o saber humano, construído e transmitido entre as gerações, os folhetos permitem estabelecer análises sobre o contexto espaço-temporal. Estas abordagens podem ser articuladas aos conteúdos geográficos, enriquecendo as discussões e tornando-as significativas, pois possibilita estabelecer um diálogo entre o livro didático e a realidade vivida pelo aluno.

Estas considerações reafirmam a viabilidade da literatura de cordel como instrumento didático-metodológico para o ensino de Geografia, na medida em que cria um elo entre o conhecimento científico e o popular.

Pretendemos com este trabalho provocar reflexões sobre a dimensão educativa do cordel para a Geografia escolar, desvelando os encantos dessa literatura, que desde tempos imemoriais, diverte, informa e educa. Acreditamos, ainda, contribuir para o surgimento de novas pesquisas que ampliem os estudos da área de ensino em Geografia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ACIOLI, Alexandre de Souza. **Literatura popular como ferramenta para a educação ambiental**. Revista Brasileira de Educação Ambiental, v. 4, 2010. Disponível em: <<http://www.sbecotur.org.br>>. Acesso em 22/07/2014.

ALVES, Roberta M. **Literatura de cordel**: por que e para que trabalhar em sala de aula. Revista Fórum Identidades, V. 4, jul/dez 2008. Disponível em: <http://200.17.141.110/periodicos/revista_forum_identidades/>. Acesso em 15/07/2014

AMARAL, Estefânia S. O professor idealizado. In: TONINI, Ivaine Maria; KAERCHER, Nestor André; HOLGADO, Flávio L. (orgs). **Ensino da geografia e da história**: saberes e fazeres na contemporaneidade. Porto Alegre: Evangraf: UFRGS/FACED, 2013. p. 235 – 250.

AQUINO, Vanessa Alessandra. **Literatura de cordel e jornalismo**: a poesia popular como decodificador de informação. 2007. 48 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharel em Comunicação) Centro Universitário de Brasília, Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas, Curso de Comunicação Social, Brasília, 2007.

ARAÚJO, Patrícia Cristina de A. **A cultura dos cordéis**: território (s) de tessitura de saberes. 2007. 259 f. TESE (Doutorado em Educação) Universidade Federal da Paraíba, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação João Pessoa, 2007.

ARCHELA, Rosely S. GOMES, Marquiana de F. V. B. **Geografia para ensino médio**: manual de aulas práticas. Londrina, Ed. UEL, 1999.

ASSIS, Regiane A. TENÓRIO, Carolina M. CALLEGARO, Tânia. **Literatura de cordel como fonte de informação**. Revista CRB-8 Digital, V. 5, São Paulo, jan. 2012. Disponível em: <<http://revista.crb8.org.br>>. Acesso em: 21/07/2014.

BACCI, Denise de L.C. PATACA, Ermelinda M. Educação para a água. Revista Estudos Avançados. v. 22, nº 63, São Paulo, Jan. 2008. p. 211 – 226. Disponível em: <www.revistas.usp.br> Acesso em: 06/12/2014.

BAIRD, Colin. **Química Ambiental**. Trad. RECIO, Maria A. L. CARRERA, Luiz Carlos M. 2ª Ed. Porto Alegre – RS, Bookman, 2002.

BARROS, Josean Silvano. **O cordel enquanto ferramenta de ensino em geografia**. 2013. 30f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, Curso Licenciatura Plena em Geografia, João Pessoa, 2013.

BERNARDI, Francisco. **As bases da literatura brasileira: histórias, autores e testes**. Porto Alegre – RS: Editora AGE Ltda, 1999.

BEZZI, Meri Lourdes; BRUM NETO, Helena. **A região cultural como categoria de análise da materialização da cultura no espaço gaúcho**. Revista O Espaço Geográfico em Análise (Raega), Curitiba-PR, v. 17, p. 17-30, 2009. Editora UFPR. Disponível em: <<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/raega/article/view/11862>>. Acesso em 20/10/2014.

BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. 3ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

_____. **História concisa da literatura brasileira**. 43 ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Labur Edições, 2007.

CASTRO, Iná E. de. **O mito da necessidade: discurso e prática do regionalismo nordestino**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

CASTROGIOVANI, Antonio Carlos. Ensino, complexidade e diversidade da vida nos fazeres geográficos. In: REGO, Nelson; CASTROGIOVANI, Antonio Carlos; KAERCHER, Nestor André. **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino básico**. 2ª ed. Porto Alegre: Penso, 2011. p. 33 - 48.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: morar, cozinhar**. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

CHAUÍ, M. A linguagem. In:_____. **Convite à filosofia**. 13 ed. São Paulo: Ática, 2006. p. 136-151.

CHISTOPHERSON, Robert W. Tectônica, terremotos e vulcanismo. In:_____. **Geossistemas: uma introdução à Geografia física**. Trad. AQUINO, Francisco Eliseu

[ET AL]. Rev. Técn. AQUINO, Francisco Eliseu; SIMÕES, Jefferson C. BREMER, Ulisses F. 7ª ed. Porto Alegre - RS: Bookman, 2012. p. 357 – 397.

CLAVAL, Paul. **A geografia cultural**. Trad. PIMENTA, Luíz F. PIMENTA, Magareth de Castro A. 3ªed. Florianópolis-SC: Ed. Da UFSC, 2007.

CLAVAL, Paul. A revolução pós-funcionalista e as concepções atuais da geografia. In: MENDONÇA, Francisco; KOZEL, Salete (orgs.). **Elementos de epistemologia da geografia contemporânea**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2009. p. 11-43.

COELHO, Lidiane Pereira; MESQUITA, Diana Pereira Coelho de. **Língua, cultura e identidade: conceitos intrínsecos e interdependentes**. Revista EntreLetras, Araguaína – TO, v. 4, p. 24-34, jan/jul 2013. Disponível em: <<http://revista.uft.edu.br>>. Acesso em: 10/06/2014.

CORRÊA, Manoel Lobato. **Organização do espaço**: Dimensões, processo, forma e significados. Revista Geografia, Rio Claro-, V.36, Nº Esp. P. 7-16, Jan. 2011. Disponível em: <<https://gen2011urc.files.wordpress.com/2012/03/organizac3a7c3a3o-do-espac3a7o-dimensc3b5es-processo-forma-e-significados-e28093-roberto-lobato-corr3aaa.pdf>>. Acesso em: 12/06/2014.

CORRÊA, Monteiro Lobato; ROSENDHL, Zeny (orgs.). **Introdução à geografia cultural**. 3ª ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2010.

CORREIA, Rodrigo B. **Literatura de cordel e xilogravura**: interfaces de representação do imaginário popular. Anais... I Encontro “Diálogos entre Letras” Pesquisas e perspectivas: trocas na pós-graduação. Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD), Dourados-MS, Abril, 2011. Disponível em: <www.ufgd.edu.br/eventos/edel/trabalhos/CORREIA,%20Rodrigo%20Bento.pdf> Acesso em 22/11/2014.

COUTINHO, Afrânio. **Conceitos de literatura brasileira**. 2ª ed. Petrópolis – RJ, Vozes, 2008.

COUTINHO, Afrânio. **Introdução à literatura no Brasil**. 19ª ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2007.

CURRAN, Mark J. **História do Brasil em cordel**. 2ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

DORST, Jean. O homem pré-industrial e sua influência sobre a natureza. In:_____. **Antes que a Natureza morra: por uma ecologia da política**. Trad. BOUNGERMINO, Rita. São Paulo – SP, Edgard Blücher, 1973. p. 19 – 29.

FEARNSIDE, Philip M. **Fogo e emissão de gases de efeito estufa dos ecossistemas florestais da Amazônia brasileira**. Revista Estudos Avançados, São Paulo, v. 16, n. 44, abr. 2002. Portal scielo.br /. Acessado em 08/02/2013.

FIGUEIRÓ, Adriano S. **Diversidade geo-bio- soiocultural: a biogeografia em busca dos seus conceitos**. Revista Geonorte, Ed, especial, nº 4, p. 57 – 77. 2012. Disponível em <<http://www.revistageonorte.ufam.edu.br>> Acesso em: 22/03/2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 41 ed. São Paulo, Vozes, 2005.

FUNK, Suzana; SANTOS, Ana Paula dos. **A importância da tipografia na história e na comunicação**. In: Actas de Diseño 5. Facultad de Diseño y Comunicación. Universidad de Palermo. p. 31-248, 2008. Disponível em: <http://fido.palermo.edu/servicios_dyc/encuentro2007/02_auspicios_publicaciones/actas_diseno/articulos_pdf/A4111.pdf>. Acesso em: 20/10/2014.

GOMES, Paulo César da C. **Geografia e modernidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

HALL, Stuart. Quem precisa de identidade? In: SILVA, Tomaz T. (org). **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p.103-133.

HAESBAERT, Rogério. Definindo território para entender a desterritorialização. In: **O mito da desterritorialização: o “fim dos territórios” à multiterritorialidade**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. p. 35- 98.

HEIDRICH, Álvaro Luiz. Sobre nexos entre espaço, paisagem e território em um contexto cultural. In: SERPA, Angelo (org.). **Espaços culturais: vivências, imaginações e representações**. Salvador: EDUFBA, 2008. p. 293-312.

KIMURA, Shoko. **Geografia no ensino básico: questões e propostas**. 2ªed. São Paulo: Contexto, 2011.

KOZEL, Salete. As representações no geográfico. In: MENDONÇA, Francisco; KOZEL, Salete (orgs.). **Elementos de epistemologia da geografia contemporânea**. Curitiba: Ed. da UFPR, 2009. p. 215-232.

LAMPERT, Rodrigo Alves. O estudo do lugar como formação do conhecimento e a prática docente em geografia. In: TONINI, Ivaine Maria; KAERCHER, Nestor André; HOLGADO, Flávio L. (orgs.). **Ensino da geografia e da história: saberes e fazeres na contemporaneidade**. Porto Alegre: Evangraf: UFRGS/FACED, 2013. p. 133- 148.

LOPES, Sônia; ROSSO, Sergio. **Biologia** – volume único. São Paulo: Saraiva, 2005.

MARONDOLA, Janaina A. M. Silva. **O geógrafo e o romance: aproximações com a cidade**. Revista Geografia, Rio Claro, v. 31, p. 61-81, jan/abr 2006. Disponível em: <<http://www.periodicos.rc.biblioteca.unesp.br/index.php/ageteo/index>> Acesso em: 24/11/2014.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MEIRELLES FILHO, João Carlos. **O livro de ouro da Amazônia: mitos e verdades sobre a região mais cobiçada do planeta**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

MELO, Veríssimo de. Literatura de Cordel: visão histórica e aspectos principais. In: LOPES, Ribamar (Org.). **Literatura de Cordel: antologia**. Fortaleza: Banco do Nordeste do Brasil, 1982.

MOISÉS, Massaud. **A literatura Brasileira através dos textos**. 20ª ed. Editora Cultrix, São Paulo, 1994.

MOLION, Luiz Carlos B. **Aquecimento global: fato ou ficção?** Revista do Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas (IBEP) – Área de conhecimento Geografia, nº 4, São Paulo, Nov. 2001.

MORAES, Maristela Maria de; CALLAI, Helena Copetti. **As possibilidades entre literatura e geografia**. Anais Eletrônicos... XIV Seminário Internacional de Educação no Mercosul UNICRUZ, Maio, 2012. Disponível em: <<http://www.unicruz.edu.br/mercosul/>>. Acesso em 14/10/2014.

MORAN, Emilio F. **Meio ambiente e florestas**. São Paulo: Senac, 2010.

MOREIRA, Ruy. Ser-tões: o universal no regionalismo de Graciliano Ramos, Mário de Andrade e Guimarães Rosa. In:_____. **Pensar e ser em geografia**: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico. 2ª reimpr. São Paulo: Contexto, 2010. p. 143 – 160.

ODUM, Eugene P. **Ecologia**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 2013.

OLIVEIRA, Arioaldo Umbelino de. **A geografia das lutas no campo**. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 1994.

OLIVEIRA, Silvana. **Realismo na literatura brasileira**. Curitiba: IESDE Brasil S.A. 2008.

ORTEGA, Any Marise; PELOGGIA, Alex Ubiratan Goossens; SANTOS, Fábio Cardoso dos. **A literatura no caminho da História e da Geografia**: práticas integradas com a Língua Portuguesa. São Paulo: Cortez, 2009.

PERINI, Mário A. **Sobre língua, linguagem e Linguística**: uma entrevista com Mário A. Perini. Revista Virtual de Estudos da Linguagem - ReVEL.Vol. 8, n. 14, 2010. Disponível em: <http://www.revel.inf.br/files/entrevistas/revel_14_entrevista_perini.pdf>. Acesso em: 22/06/2014.

PRANDINI, Paola. O precursor do Simbolismo brasileiro. In:_____. **Cruz e Sousa**. São Paulo: Selo Grande, 2011. p. 41 – 56.

PRIMACK, Richard B. RODRIGUES, Efraim. Ameaças à diversidade biológica. In:_____. **Biologia da conservação**. Londrina – PR: Atual Editora, 2001. p. 69 – 134.

QUEIROZ, Paulo Marcio S. de. **Cordel**: um instrumento para a educação Ambiental. 2012. 110 f. Dissertação (Mestrado em Planejamento Ambiental). Universidade Católica de Salvador, Superintendência de Pesquisa e Pós-Graduação. Salvador, 2012.

RAFFESTIN, Claude. O que é território? In:_____. **Por uma geografia do poder**. São Paulo: Ática, 1993. p. 144-163.

REBOUÇAS, Aldo da C. **Uso inteligente da água**. São Paulo: Escrituras Editora, 2004.

REGO, Nelson. Em direção a uma geografia educadora. In: REGO, Nelson; CASTROGIOVANI, Antonio Carlos; KAERCHER, Nestor André. **Geografia: práticas pedagógicas para o ensino básico**. 2ª ed. Porto Alegre: Penso, 2011. p. 9.

RONCARI, Luiz. **Literatura Brasileira: dos primeiros cronistas aos últimos românticos**. 2ª ed. São Paulo: EDUSP, 2002.

SANTOS, Milton. O espaço geográfico, um híbrido. In: _____. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4ªed. 2 reimpr. São Paulo: EDUSP, 2006.p. 57-71.

_____. Paisagem e espaço. IN:____. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. Hucitec. São Paulo: 1988.p. 21-26.

_____. **Por uma geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica**. 6ªed. São Paulo: Edusp, 2004.

SILVA, Josivaldo C. da. **Literatura de cordel: um fazer popular a caminho da sala de aula**. 2007. 132 f. Dissertação (Mestrado em Letras). Universidade Federal da Paraíba, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras. João Pessoa, 2007.

SILVA, Silvio Profirio da, *et al.* **Literatura de cordel: linguagem, comunicação, cultura, memória e interdisciplinaridade**. Revista Raído, v. 4, n. 7, Dourados – MS, jan/jun 2010. Disponível em: <<http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/Raido>> Acesso em 24/06/2014.

SILVA, Virgínia M. de A. RIBEIRO, Victor Herbert de A. **Aquecimento ou resfriamento global? Um único problema de várias respostas**. Revista Polêmica, V. 11, N. 3, 2012. Disponível em < <http://www.e-publicacoes.uerj.br>> Acesso em 18/03/2015.

SOUZA, Marcelo José L. de. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná E. de. GOMES, Paulo da C. CORRÊA, Roberto L. (orgs.). **Geografia: conceitos e temas**. 2 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p. 77- 116.

SOMMERMAN; Américo; MELO, Maria F.de; BARROS, Vitória M. de (orgs.). **Educação e Transdisciplinaridade II**. Coordenação executiva do Centro de Educação Transdisciplinar (CETRANS). São Paulo: TRIOM, 2002.

SUASSUNA, Ariano. **Conversa sobre o popular e o erudito na cultura do Nordeste**. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, São Paulo, v. 18, p. 269 – 285, Mai. 1999. Entrevista concedida a Maria Thereza Didier. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10999/8119>>. Acesso em: 12/11/2014.

SUASSUNA, João. **Água potável no semi-árido: escassez anunciada**. 1998. Disponível em: <<http://www.fundaj.gov.br>>. Acesso em: 06/12/2014.

TERRA, Lygia; ARAÚJO, Regina; GUIMARÃES, Raul B. **Conexões: estudos de geografia geral e do Brasil**. São Paulo: Moderna, 2010.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. Concepções de linguagem. In:_____. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino da gramática**. 11^a ed. Cortez, São Paulo: 2006.

TUAN, Yi-fu. **Espaço e lugar: a perspectiva da experiência**. Trad. OLIVEIRA, Lúvia de. São Paulo: DIFEL, 1983.

_____. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do Meio Ambiente**. São Paulo: DIFEL, 1974.

TUNDISI, José G. **Recursos hídricos no futuro: problemas e soluções**. Revista Estudos Avançados, v.22, n° 63, São Paulo, Jan. 2008. p. 7 -16. Disponível em: <www.revistas.usp.br>. Acesso em: 07/12/2014.

TRICART, Jean. **Ecodinâmica**. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Diretoria Técnica, SUPREN, 1977.

CORDÉIS ANALISADOS

Medeiros Braga. **O cordel da Ecologia**. Mossoró – RN, Gráfica e Editora Queima-Bucha, 2008.

Manoel Monteiro. **O planeta água está pedindo socorro**. Campina Grande –PB, Gráfica Martins, 2005.

João Peron. **Aquecimento global o fim do planeta terra**. Santana do Cariri – CE, 2010.

Gonçalo Ferreira da Silva. **Terra o nosso planeta pede socorro**. Santa Teresa – RJ, 2005.